



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA
EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE (1959-1996)**

MARIZA ALVES GUIMARÃES

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA
EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE (1959-1996)**

MARIZA ALVES GUIMARÃES

Dissertação apresentada para defesa ao Programa
de Pós-Graduação em Educação, na Universidade
Federal de Sergipe, Julho de 2016

Orientador: Dr. Renato Izidoro da Silva

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA
EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE (1959-1996)**

MARIZA ALVES GUIMARÃES

Dissertação apresentada para defesa ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. RENATO IZIDORO DA SILVA (UFS)

(Presidente)

Dr. JOAQUIM TAVARES DA CONCEICAO (UFS)

(Avaliador Interno)

Dr. MARCO ARLINDO AMORIM MELO NERY (IFS)

(Avaliador Externo)

São Cristóvão - 2016

FICHA CATALOGRÁFICA

A meu avô Maneca, que mesmo sem ter tido oportunidade de estudar nos ensinou o quanto importante era se dedicar aos estudos, nos incentivou e comemorou cada conquista nossa. Com ele vivemos os melhores momentos das nossas vidas e aprendemos a ser pessoas honestas, dedicadas e trabalhadoras. Tenho certeza se ele estivesse entre nós estaria hoje dizendo a todos que a neta dele tinha conseguido mais esta conquista. Mas sei que onde estiver está feliz por mim.

AGRADECIMENTOS

Dois anos passaram, foram momentos de alegrias, conquistas, dificuldades, angústias e muito aprendizado. Foi bastante difícil dar conta de estudar, ser mãe, esposa, filha, irmã, neta, sobrinha. A cada dia que minha filha dizia: “Mamãe porque você não arranja um emprego que não precise estudar tanto” o coração apertava, mas eu tinha certeza que era por ela e por todos de minha família que eu estava dando o melhor possível para conseguir chegar ao final desta caminhada.

Gostaria de agradecer a Deus por toda a força dada a mim, por me fazer respirar fundo e me dar força para seguir a cada vez que pensei em desistir.

A meus pais, Normando e Maria, por todos os ensinamentos, por nos ter dado a melhor educação, a melhor escola, os melhores exemplos. Sei que por nos darem o melhor tiveram que abrir mão de muitos de seus sonhos, mas cada conquista nossa é sempre de vocês e por vocês.

A meu esposo Ricardo, por toda ajuda, compreensão, amor, dedicação e por estar comigo em tudo que faço. Sem você pode ter certeza que não teria conseguido.

A minha filha, Maria Eduarda, por ter me feito rir nas horas mais difíceis, por me fazer ter a certeza que o amor existe, e que nada no mundo é melhor que ser mãe. Tudo o que faço é para o seu melhor e para te ver feliz. Você é meu bem mais precioso.

A minhas irmãs que sempre estiveram presentes e ajudando a suprir minhas ausências em família e em especial com minha filha. Sei que muitas de vocês queriam estar aqui hoje, mas o cotidiano fez com que os caminhos fossem outros. Mas lembrem sempre, o que uma de nós conquista é das outras também.

A D. Terezinha e Eliza por todo o incentivo e apoio, por terem comemorado comigo e por estarem me ajudando sempre.

A todos os meus familiares pelo apoio e incentivo. Sei que todos estão felizes por mim.

A meu orientador, Renato Izidoro, por toda a ajuda, pelas orientações, encaminhamentos e puxões de orelhas quando necessário. Como foi bom ter seu suporte nos

momentos de dúvidas, sua ajuda nos momentos em que achei que não conseguiria e seu conhecimento para fazer com que meu olhar para o trabalho acadêmico ganhasse fôlego e embasamento. Serei sempre grata.

Aos professores que estiveram participando como banca durante este período, Hamílcar Silveira Dantas Júnior, Joaquim Tavares da Conceição e Marco Arlindo Amorim Melo Nery. Obrigada pela disponibilidade e pelas contribuições.

A todos os professores do NPGED, pelos ensinamentos e pelo conhecimento apreendido.

Aos ex professores do Colégio de Aplicação que muito ajudaram na construção deste estudo e com seus depoimentos puderam contribuir para este primeiro trabalho acerca da Educação Física nesta instituição.

A todos os funcionários dos arquivos pesquisados (Arquivo da UFS, Arquivo do DEF e Arquivo do CODAP-UFS), por toda ajuda e por não medir esforços para que o que eu precisava para meu estudo fosse encontrado.

Aos colegas de turma do mestrado, como nossos dias foram bons. Aprendemos juntos, vivemos juntos, sofremos juntos e estamos terminando juntos. Sei que ganhei novos amigos e o melhor de tudo isto foi saber que sempre um estava preocupado com o outro e disposto a ajudar.

Aos professores e funcionários do Colégio de Aplicação que a todo momento buscaram me ajudar para que pudesse terminar minha dissertação. É bom saber que fazemos parte de uma instituição e que nela estamos com pessoas que gostamos e que estão sempre nos apoiando.

Aos alunos e ex alunos do Colégio de Aplicação da UFS que sempre me apóiam e estão felizes com minhas conquistas. Em especial a Neemias, Lucas, Rogenieliton, que estiveram comigo nos arquivos, me ajudando a coletar os dados e me apoiando para que eu conseguisse concluir este primeiro estudo.

Ao time de basquetebol do CODAP- UFS, por me fazer fugir em alguns momentos para estar junto com eles, vibrando e comemorando cada conquista, e também pelos momentos em que choramos juntos e juntamos força para seguir tentando dar o melhor de nós. Só tenho a agradecer por estar com eles e assim não me estar fora do ambiente escolar.

Em especial ao Professor Felipe Brito, por ter assumido nosso Projeto e todas as aulas de Basquete durante estes 02 anos. A cada dia aprendemos juntos que o esforço e dedicação sempre nos trazem bons resultados e aprendizado. Tenho certeza que somos uma família! Ser família CODAP já é uma honra, imagine ser Família Basquete CODAP! Vocês fizeram e fazem meus dias felizes!

Enfim, agradeço a todos que de algum modo estiveram ao meu lado me encorajando a seguir, muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral a compreensão da configuração curricular da disciplina Educação Física no currículo mais amplo do CODAP-UFS; tendo como marco – recorte – temporal o período de 1959 até 1996. Considerando que sobre o tema do currículo inúmeras abordagens podem ser encontradas no horizonte das investigações, a exemplo dos enfoques sociológicos, jurídicos, políticos, econômicos, didáticos, pedagógicos etc., estudar o currículo específico da Educação Física no âmbito da “história do currículo escolar” nos remete à necessárias compreensões e domínios acerca de elementos teóricos e metodológicos que constituem os fundamentos do olhar historiográfico e de suas inclinações para este campo de pesquisa; que é o da Educação, na esteira de seus problemas. Nesse sentido, o objeto bem demarcado deste trabalho é o currículo da Educação Física e suas transformações atreladas ao desenvolvimento curricular do CODAP-UFS. Nossa hipótese considera a relação dialética entre ambas histórias curriculares, e neste sentido sustentamos duas possibilidades de observar a forma com que a Educação Física se materializou no currículo. Os fundamentos teórico-metodológicos de nosso estudo podem ser encontrados no campo acadêmico-científico da História do Currículo, não perdendo de vista a história das disciplinas escolares, com base na leitura dos estudos de Chervel (1990) e de Goodson (1995). Além de conceitos como cultura escolar, a partir de Julia (2001). Utilizamos a pesquisa histórica de campo, como abordagem qualitativa. Seguimos a orientação metodológica embasada nos novos estudos da historiografia educacional, e utilizamos fontes históricas, documentação, leis, atas da instituição, jornais, fotografias. Utilizamos também a história oral para conseguir mais elementos para o entendimento do nosso objeto de estudo, para isto entrevistamos 03 professores de Educação Física que ministraram aulas no período determinado neste estudo. A partir dos dados encontrados podemos afirmar que a Educação Física esteve presente na organização curricular do Colégio de Aplicação desde sua inauguração, sendo que na maior parte do tempo esteve enquanto prática educativa, no sentido de contribuir para moldar os indivíduos para a vida social, onde regras e disciplina precisam ser apreendidas. O quadro de professores que ministraram a Educação Física no Colégio de Aplicação da UFS foi composto por professores convidados, outros tinham vínculo com o curso de Educação Física da UFS, alguns foram cedidos pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe, outros entraram a partir de concurso para professor substituto e efetivo da própria instituição. A Educação Física passa a ser vista como disciplina quando se observa a necessidade de professores específicos e preparados para organizar e orientar seu ensino, indivíduos conhecedores dos conhecimentos específicos a esta área e de órgãos específicos e governamentais para cuidar de seu ensino. Quanto aos conhecimentos ensinados na Educação Física identificamos a ginástica, esportes, conhecimentos relacionados à saúde e higiene. Conhecimentos ensinados através de aulas práticas e aulas teóricas, sem muitas vezes apresentar uma continuidade conforme observamos nas cadernetas escolares. No que tange ao currículo do Colégio de Aplicação da UFS observamos a presença de acontecimentos, vivências e atitudes que marcaram a passagem dos alunos pela Educação Física. Pudemos perceber que não houve uma relação dialética entre currículo da Educação Física e currículo do Colégio de Aplicação da UFS no período estudado, tendo em vista que os professores entrevistados evidenciaram não haver orientação institucional no que se refere à organização curricular da Educação Física ministrada por eles.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade. Currículo. Disciplina. Educação Física.

ABSTRACT

This research has the general objective understanding of curricular setting of physical education discipline in the wider curriculum CODAP-UFS; having as a landmark - cut - the time period from 1959 until 1996. Whereas on numerous curriculum theme approaches can be found on the horizon of the investigation, like the sociological, legal, political, economic, educational, pedagogical approaches etc., study the specific curriculum of Physical Education under the "history of the school curriculum" reminds us of the necessary understandings and fields about theoretical and methodological elements that constitute the foundations of historiographical look and inclinations for this research field; that is the education in the wake of their problems. In this sense, the well demarcated object of this work is the curriculum of physical education and its transformations linked to curriculum development CODAP-UFS. Our hypothesis considers the dialectical relationship between both curricular stories, and in this sense we hold two possibilities to observe the way that physical education materialized in the curriculum. The theoretical and methodological foundations of our study can be found in the academic and scientific field of History Curriculum, not losing sight of the history of school subjects, based on the reading of Chervel studies (1990) and Goodson (1995). In addition to concepts such as school culture, from Julia (2001). We use historical research field, such as qualitative approach. We follow the methodological guidance grounded in the new studies of educational historiography, and use historical sources, documents, laws, institutional acts, newspapers, photographs. Also we use oral history to get more elements to the understanding of our object of study for this interview 03 physical education teachers who taught classes in the given period in this study. From the data found can say that Physical Education was present in the curricular organization Application College since its opening, and most of the time was as educational practice in order to contribute to shaping individuals to social life, where rules and discipline must be seized. The teaching staff who taught Physical Education at the UFS Application College was composed of invited teachers, others were affiliated with the course of Physical Education of the UFS, some were provided by the State Department of Education of Sergipe, others came from contest to substitute and effective teacher of own institution. Physical education is seen as a discipline when observing the need for specific teachers and prepared to organize and guide their teaching, knowledgeable individuals from knowledge specific to this area and specific and government agencies to care for your education. As for the knowledge taught in the Physical Education identified gymnastics, sports, knowledge related to health and hygiene. Knowledge taught through practical classes and lectures, often without presenting a continuity as noted in school reports. Regarding the curriculum UFS Application College observed the presence of events, experiences and attitudes that marked the passage of students through physical education. We noticed that there was a dialectical relationship between curriculum of Physical Education and UFS Application College curriculum the study period, given that the teachers interviewed showed no institutional guidance in relation to the curricular organization of physical education taught by them.

KEYWORDS: Activity. Curriculum. Discipline. Education physical

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Relatório emitido em 03 de agosto de 1959: Inspetora Federal Celina Oliveira Lima	65
Figura 02 – Atestado de idoneidade moral expedido pela Inspetora Federal Celina Oliveira Lima.....	66
Figura 03 – Currículo de 1967.....	73
Figura 04 – Currículo de 1969.....	73
Figura 05 – Currículo de 1969.....	74
Figura 06 – Currículo de 1969.....	74
Figura 07 – Currículo de 1971.....	75
Figura 08 – Currículo de 1971.....	75
Figura 09 – Grade Curricular – 1 Grau.....	75
Figura 10 – Convite dirigido à comunidade escolar sergipana para participação em torneio promovido pelo Exército.....	78
Figura 11 - Convite dirigido à comunidade escolar sergipana para participação em torneio promovido pelas Secretarias de Esporte e Educação – Regras para desfile	78
Figura 12 - Ata com reclamação do barulho dos alunos nas aulas de educação física	81
Figura 13 - Ata com reclamação do barulho dos alunos nas aulas de educação física	81
Figura 14 - Ata com reclamação do barulho dos alunos nas aulas de educação física	81
Figura 15 - Ata com reclamação do barulho dos alunos nas aulas de educação física	81
Figura 16 – Fotografia de Desfile Cívico.....	83
Figura 17 – Fotografia de Desfile Cívico.....	83
Figura 18 – Fotografia de Desfile Cívico.....	83
Figura 19 – Fotografia da participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão.....	85
Figura 20 – Fotografia da participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão.....	85
Figura 21 – Fotografia da participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão.....	85
Figura 22 – Fotografia da participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão.....	85
Figura 23 – Primeira página da ata em que se discute a possibilidade de suspensão de aula a	

fim de promover participação nos Jogos	87
Figura 24- Segunda página da ata em que se discute a possibilidade de suspensão de aula a fim de promover participação nos Jogos.....	87
Figura 25- Participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão	88
Figura 26- Participação dos alunos no Festival de Artes de São Cristóvão	88
Figura 27- Competição de Xadrez.....	89
Figura 28- Abertura da JECA.....	89
Figura 29- Ofício (1992) solicitando autorização para JECA encaminhado ao diretor do CODAP	92
Figura 30- Ofício (1992) comunicado ao Reitor sobre realização do JECA.....	92
Figura 31- Cartaz do JECA, especificando a época, mas sem mencionar o ano.....	93
Figura 32 – Folder do JECA com programação.....	94
Figura 33 – Relatório emitido em 03 de agosto de 1959.....	95
Figura 34 – Relatório emitido em 03 de agosto de 1959.....	95
Figura 35- Primeira folha do contrato de alocação das dependências do Centro de Civismo do SESC.....	96
Figura 36- Segunda folha do contrato de alocação das dependências do Centro de Civismo do SESC.....	96
Figura 37- Terceira Folha do contrato de alocação das dependências do Centro de Civismo do SESC.....	97

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro de professores e disciplinas e/ou atividades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960.....	67
Quadro 02 – Grade curricular do curso ginasial – 1 ano.	68
Quadro 03 – Troféus do Colégio de Aplicação.....	89
Quadro 04 - Modalidades Esportivas do JECA	94
Quadro 05 - Educação Física no currículo do Colégio de Aplicação.....	97
Quadro 06 - Conhecimentos trabalhados nas aulas.....	99
Quadro 07 - Professores de educação física do Colégio de Aplicação da UFS.....	101
Quadro 08 – Quadro analítico dos dados observados na documentação.....	105
Quadro 09 – Organização da Educação Física	109
Quadro 10 – Quadro analítico dos dados observados nas entrevistas.....	113

LISTA DE SIGLAS

BT – Banco de Teses

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFD – Centro de Educação Física e Desportos

CEMDAP - Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe

CEMEF – Centro de Estudos sobre Memória da Educação Física, Esporte e Lazer

CEMEFEL – Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer da UFS/Sergipe

CEMEN - Centro de Memória do Esporte do Nordeste

CNPQ – Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODAP – Colégio de Aplicação

DEF – Departamento de Educação Física

DGP – Diretório de Grupos de Pesquisa

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

FAFI - Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

FCFS – Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

GA – Ginásio de Aplicação

GEPEFEC – Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Educação Física, Escola e Currículo

GEPHE - Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Educação

GEPHE – Centro de Pesquisa em História da Educação

GEPHEFE - Grupo de Estudo e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte

HCEL – História da Cultura Corporal, Educação, Esporte, Lazer e Sociedade,

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IFES – Instituto Federal do Espírito Santo

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LESEF – Laboratório de Estudos em Educação Física

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MEL - Mídia/Memória, Educação e Lazer

NEHME – Núcleo de Estudos em Historia do Esporte e da Educação Física

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

UFAC – Universidade Federal do Acre

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USJT – Universidade São Judas Tadeu

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 JUSTIFICATIVA.....	25
1.2. METODOLOGIA.....	31
2.0 O DESENVOLVIMENTO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA ENQUANTO BASE PARA O ESTUDO DO CURRÍCULO SOBO ENFOQUE DA NOVA HISTÓRIA CULTURA.....	36
2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CULTURA, DISCIPLINA E CURRÍCULO.....	45
2.2 DIFERENÇAS E RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E DISCIPLINA.....	53
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS DISCIPLINAMENTOS: BREVE RETROSPECTIVA PANORÂMICA.....	58
3.0 A TRAJETÓRIA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE NO PERÍODO DE 1959 ATE 1996.....	63
3.1 O CURRÍCULO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PERÍODO DE 1960 À 1996.....	64
3.2 SÍNTESE DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO NO PERÍODO DE 1960 À 1996.....	95
3.3 CORPO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	101
3.4. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURRÍCULO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
ARQUIVOS CONSULTADOS.....	120
ANEXOS.....	121

APÊNDICE.....	159
----------------------	------------

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como objeto de estudo o currículo – ou os currículos – da disciplina escolar Educação Física e suas mudanças no desenvolvimento histórico do currículo – ou dos currículos – do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Trata-se, portanto, de um estudo localizado no campo acadêmico-científico da “história do currículo (escolar)”, orientado pelo paradigma da “Nova História Cultural”. Não obstante, nosso foco *stricto sensu* não se dirige à arena da “história das disciplinas (escolares)”, apesar da reciprocidade e interdependência entre ambas as temáticas.

Curriculo entendido enquanto tudo o que se aprende e tudo que se ensina no ambiente escolar. Entender a organização da Educação Física faz-se necessário entender os elementos que estiveram presentes no cotidiano escolar e que orientaram todo o trabalho desenvolvido pelos que fazem a escola (FORQUIN, 1996). O currículo passa a ser visto como as atividades pelas quais os alunos passam para que o conhecimento seja apreendido no ambiente escolar.

Neste sentido, o objetivo geral deste estudo consiste em compreender a configuração curricular da disciplina Educação Física no currículo mais amplo do CODAP-UFS; tendo como marco – recorte – temporal o período de 1959 (ano em que o CODAP-UFS entra em atividade) até 1996 (ano em que a escola já tinha um corpo de professor especifico desta disciplina¹). Como objetivos específicos propusemos: a) investigar teoricamente as articulações dos estudos atuais sobre história do currículo segundo o ponto de vista da Nova História Cultural e a noção de Nova História promovida pela Escola dos *Annales*; b) analisar os registros documentais em que o lugar ou o papel da Educação Física conste como parte do currículo do CODAP-UFS segundo suas principais características em termos de conteúdos e experiências² educacionais; c) problematizar as lacunas documentais acerca dos conteúdos curriculares próprios da Educação Física.

Considerando que sobre o tema do currículo inúmeras abordagens podem ser encontradas no horizonte das investigações, a exemplo dos enfoques sociológicos, jurídicos, políticos, econômicos, didáticos, pedagógicos etc., estudar o currículo específico da Educação Física no âmbito da “história do currículo escolar” nos remete a necessárias compreensões e

¹Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, número 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

² Cabe observar neste momento que nossa concepção de currículo escolar não se pauta na tradicional visão restrita aos conteúdos ou matérias a serem transmitidos pelo professor aos seus estudantes. Currículo, no sentido de caminho, implica, no interior da escola, em experiências vividas ao longo do tempo, lembrando o que diz Reis (2012, p. 33), “O historiador não separa a reflexão teórica sobre o tempo da pesquisa concreta das experiências humanas”.

domínios acerca de elementos teóricos e metodológicos que constituem os fundamentos do olhar historiográfico e de suas inclinações para este campo de pesquisa; que é o da Educação, na esteira de seus problemas.

Falar em história é entender que acontecimentos, objetos, conceitos são constituídos através de processos de transformações sociais ao longo do tempo e perceber que a eles são atribuídos valores e sentidos provenientes de distintas dimensões da humanidade, como a política, a sociológica, a psicológica, a biológica etc.. Pensar na história é “[...] problematizar um objeto bem demarcado, criar hipóteses, testá-las. Depois, procurar articular um discurso sobre este objeto em linguagem clara e comunicável” (REIS, 2010, p.12). Assim, estar-se-ia contribuindo para a materialização da história enquanto campo científico.

Como já apresentado, o objeto demarcado deste trabalho é o currículo da Educação Física e suas transformações atreladas ao desenvolvimento curricular mais amplo do CODAP-UFS. Nossa principal hipótese consiste em dizer que a presença curricular da Educação Física foi regida pelas concepções e finalidades políticas, culturais e econômicas atribuídas estruturalmente ao CODAP-UFS no que tange à formação social de seus estudantes; de modo que os conteúdos e as experiências no interior da Educação Física obedeciam a essas concepções e finalidades. Mais especificamente, o currículo da Educação Física, às vezes como atividade complementar, outras como prática educacional e, mais recentemente como componente ou disciplina escolar obrigatória, constituída por conteúdos e métodos de ensino, sempre foi organizada e regida por princípios mais gerais do Colégio, da sociedade sergipana e brasileira, que por sua vez está a serviço, a depender da época, da formação de um dado tipo cultural de sociedade.

Necessário evidenciarmos analiticamente que o objeto apresentado é constituído de dois componentes fundamentais: a) o currículo da Educação Física; b) o currículo do CODAP-UFS. Assumir essa constituição dupla de nosso objeto de estudo significa admitir que tanto a Educação Física, enquanto componente³ do currículo escolar, quanto o CODAP-UFS, na condição de instituição que agrega e organiza diversas outras disciplinas, atividades, práticas e componentes escolares, possuem, na origem, histórias distintas e independentes. Mas, na medida em que institucionalmente se encontram, passam a se produzirem de modo

³ Nos momentos em que a intenção for mencionar ou fazer referência à Educação Física como parte do currículo escolar em geral ou do currículo do CODAP-UFS em específico, não utilizaremos termos como “atividade”, “prática”, “matéria” ou “disciplina”; mas, sim, “componente”, por designar uma compreensão mais geral das possibilidades históricas que a Educação Física vivenciou no interior dos currículos escolares. De modo particular isso se reforça, como veremos no decorrer do trabalho, na medida em que os documentos relativos ao currículo do CODAP-UFS posicionam o referido componente tanto como “atividade complementar”, quanto como “prática educativa”, em tempos mais remotos; enquanto que em épocas recentes assume o papel de “disciplina”.

interdependente, de modo que a história de uma passa a reconfigurar – a partir do encontro – a história da outra e vice-versa em um movimento de continuidades e discontinuidades.

Entretanto, nossa hipótese considera a relação dialética entre ambas histórias curriculares, e neste sentido sustentamos duas possibilidades de observar a forma com que a Educação Física se materializou no currículo. A primeira via nos leva ao entendimento de que embora a Educação Física tenha produzido uma série de questões e transformações paradigmáticas no campo da educação com base em uma história ou identidade particular, a ponto de considerarmos que uma concepção mais geral de currículo pode ter como fundamento conceitos específicos da disciplina em pauta, inclusive na proposição de concepções de ser humano, o CODAP-UFS não se deixou transformar pelos conhecimentos oriundos das teorias e das metodologias da Educação Física.

Mas, ao observarmos a cultura escolar vemos que ao mesmo tempo que a escola muda sua organização curricular e a Educação Física muda sua configuração para atender as demandas institucionais, notamos que instituição também modifica sua organização curricular para atender ao cotidiano escolar nos limites do que as disciplinas podem oferecer. Ao mesmo tempo, temos que essas mudanças são orientadas pelo professor, que por conta de sua história profissional e de formação organiza o que será ensinado e como isto acontecerá, assim temos a via de retorno para a escola, onde o professor consegue dar o olhar dele e da instituição à disciplina escolar; definindo o currículo da disciplina e da escola com base em sua identidade docente. O mais relevante é observarmos quais transformações ocorreram na história da Educação Física do CODAP-UFS e não tentarmos definir esta disciplina.

Assim, estaremos tendo o entendimento de que “as disciplinas escolares não se estabelecem no currículo escolar de maneira pacífica, conformando-se às orientações oficiais, mas ao contrário, guardam relações conflituosas com as teorizações acadêmicas e as recomendações oficiais”(SOUZA JÚNIOR & GALVÃO, 2005, p. 396). Nesses termos, a história do currículo exposta nesta dissertação tem como fundamento constitutivo um olhar próprio da presente historiadora, na medida em que ele definiu a escolha de seu objeto de estudo baseada na concepção de que os documentos são registros de experiências humanas, bem como as opções metodológicas acerca de como trabalhou para coletar, organizar e expor os dados da investigação segue essa linha de pensamento em que sua “[...] teoria é prática, sua noção de tempo permanece implícita à sua reconstrução do vivido” (REIS, “Teoria e história”, 2012, p. 33).

Não se trata, portanto, de trazer o passado vivo para o presente, como se a história aqui contada fosse o próprio passado, mas, sim, que se trata de uma passagem que oportuniza “[...]”

um olhar dirigido ao passado: a partir do que esse objeto ficou representado” (BORGES, 2005, p. 45). Nos termos de Reis (2012, p. 33):

Os casos que o historiador pesquisa já são em si mesmos ‘temporalidades vividas’, que ele tenta reencontrar e reconstituir através da documentação [...]. [...] ‘narrar uma história’ não é (re) vive-la, é uma operação cognitiva, que exige teorização.

Estudar a historia do currículo a partir desse olhar nos levou ao entendimento de que “[...] as fontes ou documentos [investigados] não são um espelho fiel da realidade, mas são sempre a representação de parte ou momentos particulares do objeto em questão” (BORGES, 2005, p. 61). Novos olhares foram atribuídos aos objetos de estudo da história, novos problemas e novos instrumentos foram incorporados ao olhar do historiador; transformando, assim, a própria história; isto é, o passado e suas formas de existência e circulação no presente. A cada nova técnica ou instrumento, a cada nova fonte ou compreensão o olhar histórico se altera e, com ele, modifica o passado nos campo de nossos sistemas presentes de representação e compreensão de nossas vidas.

Por conseguinte, assumindo este trabalho como um texto historiográfico, necessário apreendermos o mesmo na leitura enquanto “[...] o resultado de uma explícita e total construção teórica e não mais o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior, organizado em si” (REIS, 2010, p. 93). O passado aqui expresso ou contado não foi reconstruído de forma definitiva, mas, a partir de nosso olhar, a todo momento construído e reconstruído sob ótica e olhares ou vozes diferenciados, de modo a orientar as bases de objetos de estudo e questões a serem investigadas.

Na prática, o trabalho com a história do currículo da Educação Física sob a luz ou em articulação do currículo do CODAP-UFS significou partir de múltiplos documentos e de tipos diversos para buscar entender como os conteúdos e as experiências do referido componente curricular se materializou no ambiente escolar em pauta, de modo a fazer parte da história e da historiografia educacional sergipana. Foi possível pensarmos o lugar curricular da Educação Física no interior de uma estrutura curricular mais ampla, a do CODAP-UFS, levando-nos a identificar e a refletir acerca das experiências educacionais proporcionadas a partir dessa esfera curricular.

Compreender como se deu a fundamentação do papel curricular da Educação Física no interior do currículo do CODA-UFS ao longo de sua história, remeteu-nos a perquirir elementos que nos levaram à compreensão da dimensão histórica da instituição em pauta no que tange às suas influencias contextuais entre as quais esse componente veio se

materializando na realidade escolar ora localizada. Por conseguinte, vamos agora conhecer alguns importantes detalhes constitutivos do objeto de estudo proposto, a começar pelo CODAP-UFS, que foi criado pelo Ato nº34, em 30 de junho de 1959, de acordo com o Decreto lei nº 9.053, de 12 de março de 1946 (BRASIL, 1946). Nesse período era designado como Ginásio de Aplicação (GA) da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), e tinha como principal objetivo atender às necessidades de formação de professores para o ensino secundário, servindo de campo de prática pedagógica e de campo de experimentação de métodos pedagógicos. Inicialmente suas atividades foram desenvolvidas na FCFS.

Com a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1968, o Ginásio de Aplicação foi por essa incorporado, passando a integrar a rede de escolas públicas federais mantidas pelo Ministério da Educação (MEC); recebendo a denominação de Colégio de Aplicação (CODAP) (NUNES, 2008). Quanto à sua localização física, desde 1981 até o presente, esta instituição passou a ter sede na Cidade Universitária da UFS, então chamada de Prof. José Aloísio de Campos, no município de São Cristóvão-SE, região metropolitana da capital Aracaju.

Para compreender a forma com que o currículo da Educação Física foi sendo organizado por uma concepção curricular mais ampla do CODAP-UFS, fez-se necessário buscar os elementos constituintes desse processo, tendo como base as informações acerca dos sujeitos históricos que fizeram parte da instituição e as maneiras com que veio sendo trabalhada e sistematizada desde um ponto de vista estrutural e vertical orientado por princípios, meios e fins oriundos de um plano mais amplo de sociedade e de humanidade; muitas vezes institucionalmente ditado pelo Estado.

Por essa via, traçamos a história curricular da Educação Física circunscrita ao nosso objeto tomando como referência os diferentes momentos vividos pelo CODAP-UFS, desde o período de fundação, em que era vinculado à FCFS, incidindo pelo período em que passa a estar ligado à UFS, quando sua Educação Física fora atrelada ao Centro de Civismo, Educação Física e Esportes (CEFD) da UFS na década de 1970; estendendo até o momento em que o Colégio ganha seu prédio próprio, década de 1990, na Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos. Ressaltando que apenas na década de 1990 a Educação Física passa a ser lecionada por professores específicos do Colégio de Aplicação; ao invés de docentes universitários do curso de Educação Física do CEFD-UFS; hoje circunscrito à condição de Departamento de Educação Física (DEF-UFS).

Com o olhar voltado para seu currículo específico articulado ao currículo geral do Colégio, bem como sua organização em face de outras disciplinas, atividades e

práticas, identificamos segundo qual concepção de educação e de sociedade a Educação Física atendia as demandas de formação do CODAP-UFS durante os períodos analisados neste estudo. Por essa via, assim, identificamos como o currículo especializado da Educação Física foi proposto com base em um programa curricular defendido pela escola, segundo um campo de experiência educacionais por ela valorizada. Paulatinamente, a partir dessa reflexão, passamos a compreender que ambos os currículos (da Educação Física e do CODAP-UFS) demarcaram seus papéis segundo uma mesma perspectiva curricular, bem como, em alguns momentos, coexistiram mediante contradições no plano dialético – transformativo – dessa relação.

Os fundamentos teórico-metodológicos de nosso estudo podem ser encontrados no campo acadêmico-científico da História do Currículo, não perdendo de vista – como elemento diferencial – a história das disciplinas escolares, com base na leitura dos estudos de Chervel (1990) e de Goodson (1995). Além de conceitos como cultura escolar, a partir de Juliá (2001). Assim, as produções curriculares entre Educação Física e CODAP-UFS serão compreendidas sob a luz do conceito de Cultura Escolar, implicando elementos de processos identitários gerados pela relação entre os currículos da disciplina e os currículos da escola; bem como o entendimento de sua materialização no campo educacional sergipano e das práticas desenvolvidas no seio do seu cotidiano.

Esperamos que assim fossem evidenciados elementos e problemas que nos levaram a verificar que por mais que a instituição escolar tenha em sua organização a lógica da reprodução, cada instituição possui uma cultura escolar que é única e que contribui na construção de sua identidade e de sua organização no que tange aos papéis que cada componente curricular assume no interior de suas intenções. Não obstante, por essa via o resgate da história de uma instituição educacional se mostra relevante pois permite que sejam identificados o tempo e espaço no qual as experiências escolares ocorreram, bem como os agentes atuantes neste processo, possibilitando a compreensão da organização do que lhe foi dado no decorrer dos anos.

Nas palavras de Gatti Júnior (2002, p. 20):

[...] a história das instituições educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que passa no interior das escolas, gerando conhecimento mais aprofundando desses espaços sociais destinados aos processos de ensino e aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos.

Em sequência passaremos à compreensão do conceito de disciplinas escolares no sentido de, subsequentemente, abordarmos o conceito de currículo escolar. Para isso faz-se “[...] necessário perceber e compreender as particularidades da escolarização desses saberes e práticas nos diferentes tempos e espaços sociais” (SOUZA JUNIOR & GALVAO, 2005, p. 405). Com efeito, buscaremos entender o que é uma disciplina escolar e como esta se materializa no campo escolar em termos de sua história curricular, apresentando-se dentro de uma cultura própria. Partiremos das idéias de CHERVEL (1990) para em seguida entendermos de que forma o currículo de uma disciplina escolar se relaciona com a cultura escolar almejada pelo currículo geral de uma instituição no campo das experiências educacionais por ela proporcionadas. Para isso, teremos como base FORQUIN (1996), JULIA (2001) e GATTI JUNIOR (2002), segundo elementos para investigar o que se passa no interior de uma instituição escolar.

Para entender este processo de materialização do currículo da Educação Física e seu papel no currículo no Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) inicialmente realizamos um resgate da idéias de autores que tratam do tema currículo escolar, tais como GOODSON (1995) e BITTENCOURT (2014). Em seguida buscamos elementos que fizeram entender o caminhar do componente curricular Educação Física nessa instituição, sendo que para isso utilizamos referências bibliográficas que versam sobre estes elementos e que possam trazer contribuições ao nosso estudo. Por fim, não perdemos de vista algumas das principais legislações que nortearam o papel ou o lugar da Educação Física no âmbito escolar.

1.1 JUSTIFICATIVA

A fim de tratar da relevância deste estudo organizamos a justificativa segundo quatro categorias: acadêmica, social, governamental e legislativa. Essa divisão compreende que a temática em questão vem sendo objeto de interesse por parte das diversas comunidades ou organizações sociais no sentido de compreender e superar seus problemas. Dessa forma, realizamos um levantamento de informações objetivando apreender panoramicamente as intensidades relativas às preocupações que as interseções entre currículo da Educação Física e currículo escolar, em especial dos CODAPs, vêm motivando no âmbito da comunidade acadêmica, de grupos sociais, das políticas de governo e do regime jurídico de suas normas, regras, resoluções etc.. Portanto, demonstramos nesta justificativa uma dimensão qualitativa dos destaques que nosso objeto vem recebendo em contextos mais amplos e gerais; tendo em

vista que em todos estes campos a Educação Física, o currículo, a história e os Colégios de Aplicação são retratados de diferentes perspectivas.

No campo acadêmico a relevância do tema se ressalta quando da identificação de grupos de estudos, bem como de pesquisas para produção de teses e de dissertações. Mesmo que impreciso, devido à nossa prospecção de relevância se limitar a uma panorâmica do assunto, as evidências demonstram que o objeto de estudo desta pesquisa, algumas de suas partes ou faces, vem despertando o interesse de diversos pesquisadores inseridos em comunidades acadêmicas como grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e periódicos científicos. Vale ainda ressaltar que o presente levantamento ratifica a relevância deste estudo na medida em que, por um lado, questões concernentes à Educação Física e aos currículos escolares, vêm recebendo atenções diversas e volumosas, sendo que, por outro lado, um estudo específico sobre a problemática curricular em torno da Educação Física no CODAP-UFS se faz inédito; principalmente porque foram realizadas pesquisas nesse mesmo contexto empírico, mas com outros olhares e acerca de outros objetos.

Ao consultarmos o Banco de Teses (BT)⁴, localizado no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), encontramos algumas dissertações e teses que tratam da temática aqui estudada. Para sistematizar nossa consulta realizamos buscas associando os termos “Educação Física” e “Colégio de Aplicação”, o que nos forneceu 01 (uma) dissertação sobre a organização do trabalho pedagógico e avaliação da aprendizagem na Educação Física no Colégio de Aplicação da UFG⁵. Ao direcionarmos a busca para a Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe não encontramos materiais disponíveis. As áreas com maior número de ocorrências acerca de estudos em Colégios de Aplicação são: educação, artes, letras e ciências.

Concernente ao assunto “Currículo e Educação Física” encontramos 33 (trinta e três) registros, dentre os quais 02 (dois) tratam da formação de professores, 03 (três) trabalham a temática da inclusão, 01 (uma) sobre a transdisciplinaridade. Associando os termos “Currículo” e “Colégio de Aplicação”, bem como, na sequência, “Currículo”, “Educação Física” e “Colégio de Aplicação”, não obtivemos resultado; o que indica a ausência de estudos no âmbito dessa especialidade.

Diante do resultado, optamos por averiguar a produção de teses e dissertações segundo a aplicação dos termos separadamente. Assim, apenas para o termo “Colégio de Aplicação”

⁴<http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=2164>

⁵ Sigla para Universidade Federal de Goiás.

obtivemos a ocorrência de 27 (vinte e sete) trabalhos abordando os mais variados temas no contexto de diferentes Colégios de Aplicação distribuídos pelo país, tais como: produção textual; cultura escolar; teatro; ensino de língua estrangeira; memória; ensino de matemática; formação de professores; literatura; educação ambiental etc., para citar alguns casos. Lembrando, conforme citamos acima, que encontramos apenas uma dissertação abordando a Educação Física no contexto de um Colégio de Aplicação; não sobre currículo, mas sim sobre trabalho pedagógico e avaliação da aprendizagem.

Em Sergipe, encontramos uma dissertação de mestrado que trata da temática da Educação Ambiental e o CODAP-UFS . E o estudo de NUNES (2008) sobre o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968), o mesmo trata da história do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe no período de sua criação e quando o mesmo estava atrelado à Faculdade de Filosofia de Sergipe. Contudo, esse não aborda aspectos relativos à Educação Física no currículo desta instituição. O que reforça a relevância de tratar o referido componente curricular dentro da organização curricular da escola.

Investigando a recorrência da palavra “Currículo” no BT nos deparamos com um quantitativo de 1710 (mil setecentos e dez) produções entre teses e dissertações. Os temas associados também são diversos: cultura, gênero, sexualidade, meio ambiente, cinema, música, teorias, bioética etc.. Aplicando somente a palavra “Educação Física” foram apresentadas 1247 (mil duzentos e quarenta e sete) produções, que além do tema currículo (que como já anunciamos totalizamos sete ocorrências) registramos inúmeros outros: formação, inclusão, regulamentação, ciência, escola, identidade, dança, corpo etc..

Com isso, notamos que o termo nuclear de nosso levantamento, aquele que efetivamente representa o recorte temático de nosso objeto de estudo, é “Colégio de Aplicação”, devido ao seu volume significativamente inferior ao compararmos com os resultados das palavras “Educação Física” e “Currículo”. Isso quer dizer que próximo de nossa abordagem apenas uma dissertação pode ser destacada quanto ao contexto do Colégio de Aplicação e somente sete são pertinentes quando o assunto é Currículo da Educação Física. Sendo que, nenhum trabalho encontrado associa os três termos ao mesmo tempo, tal como estamos propondo; o que nos motiva a avançarmos com nossa exposição.

Acerca da História da Disciplina Educação Física, tivemos um total de 38 registros, dos quais tivemos 04 (quatro) dissertações e 01 (uma) tese de doutorado que abordam esta especificidade. Nessas, a história da disciplina Educação Física é estudada em períodos

históricos, tendo como base a história cultural e a documentação histórica. Mas, em nenhum destes encontramos o estudo desta disciplina em Colégios de Aplicação.

Avançando na construção da relevância de nosso estudo, realizamos algumas buscas no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP)⁶ disponível no site do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). O levantamento nos levou a alguns Grupos de Pesquisa, Grupos de Estudo, Laboratórios, Núcleos etc. que anunciam terem como tema de interesse a Educação Física, dentre os quais, pontualmente voltados ao nosso proveito, alguns ligados à temática da presente dissertação: história, currículo e colégio de aplicação. No interior do acervo, inicialmente realizando uma busca acerca de grupo interessados na relação entre Educação Física, Currículo e História, sendo que na sequência inquirimos separadamente pelo termo Colégio de Aplicação, encontramos um gama de possibilidades para evidenciar a relevância de nossa proposta de pesquisa, dentre as quais destacamos os seguintes.

O CEMEF – Centro de Estudos sobre Memória da Educação Física, Esporte e Lazer, da UFMG, cuja linha História da Educação Física Escolar tem o objetivo desenvolver estudos relativos ao processo de constituição e realização da disciplina escolar Educação Física. O CEMEFEL – Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer da UFS/Sergipe da UFS, em sua linha História e Memória da Educação Física e do Esporte (não detalha seus objetivos).

O Centro de Memória do Esporte do Nordeste (CEMEN), da UFPE, com sua linha História da Educação Física e Esportes na Escola, estuda o desenvolvimento da Educação Física e dos esportes na instituição escolar a partir do século XIX, com base na produção do saber médico e na análise de textos legislativos. O GEPHEFE, Grupo de Estudo e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte, da UFJF, linha História da Educação Física, busca investigar o movimento de inserção da Educação Física nas escolas localizadas em Juiz de Fora e região, bem como o desenvolvimento desta disciplina ao longo do tempo.

O Grupo de Estudos Socioculturais, Históricos e Pedagógicos da Educação Física, UNESP, apresenta como linha História da Educação Física e dos Esportes. O grupo MEL (Mídia/Memória, Educação e Lazer), UFBA, a partir da linha História/Memória da Educação Física, Esporte e Lazer, desenvolve pesquisas sobre educação física, esporte e lazer no campo da historiografia. O Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar, da UFMG, tem como uma das linhas História da Educação Física Escolar, que estuda a história das disciplinas

⁶<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

escolares, incluindo a Educação Física; além da história do enraizamento curricular da Educação Física e sua relação com o tempo, espaço e saberes estabelecidos nos vários âmbitos da escolarização.

O HCEL – História da Cultura Corporal, Educação, Esporte, Lazer e Sociedade, da UFBA, que possui como linhas: 1) História da Educação Física/Esporte/Lazer/Diversidade Humana e 2) História, Memória, Diversidade da Cultura Corporal e Políticas Públicas de Educação, Esporte e Lazer, apresenta interesse sobre a história do currículo. PROTEORIA, pertencente ao Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física, da UFES, é um grupo de pesquisa organizado pelas linhas 1) História da Educação, Educação Física e do Esporte; e 2) Formação de Profissional, Currículo e Prática Pedagógica. O LESEF – Laboratório de Estudos em Educação Física, também da UFES, oferece como linha de pesquisa História da Educação Física e do Esporte. O NEHME – Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física, da UFRGS, linha de pesquisa História da Educação Física, desenvolve estudos de caso histórico-organizacionais sobre instituições e organizações.

O GEPHE – Centro de Pesquisa em História da Educação, UFMG, linhas: 1) História das Instituições e das Políticas Educacionais e 2) História do Currículo e das Disciplinas Escolares, busca analisar historicamente a organização, constituição e finalidade das disciplinas escolares segundo concepções curriculares e sociais mais amplas. Com a mesma sigla, GEPHE, Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Educação, da UFPA, com a linha História do Currículo, realiza investigações historiográficas e históricas sobre disciplinas escolares, no sentido de identificar transformações ocorridas em uma disciplina ao longo do tempo, incluindo a Educação Física.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Currículo, UFAC, linha História do Currículo, investiga a constituição e o desenvolvimento das disciplinas escolares, compreendendo os currículos como constituições histórico-sociais; além de desenvolver pesquisas voltadas à história das instituições educativas de maneira mais ampla. O Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Cultura e Instituições Educacionais, da UNESP, linha História das Instituições Escolares (não apresenta seus objetivos). O GEPEFEC – Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Educação Física, Escola e Currículo, da USJT (não apresenta seus objetivos). O Grupo Educação Física: Formação Docente, Currículo e Intervenção Pedagógica, do IFES (não apresenta seus objetivos). O Grupo de Educação Física, Escola e Formação Profissional, da UFF (não apresenta seus objetivos).

O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Física, da UFPI, que tem como linha Inter-relação Educação Física, Escola e Currículo, estuda a relação da Educação Física no

contexto escolar e o currículo pedagógico. O Grupo Saberes e Práticas Docentes Para Educação Física, da USP, apresenta a linha Currículo e Formação de Professores de Educação Física. A linha de pesquisa História, Sociedade e Pensamento Educacional do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, vem desenvolvendo diversos estudos que tratam da História da Educação Física em Sergipe, como os de ANDRADE (2014), DANTAS JUNIOR (2003), GRUNENVALDT (1999), MENEZES (1997), NERY (2006), SANTANA (2008). Os mesmos trazem contribuições no que tange à forma de organização da Educação Física em nosso estado, seja no que se refere à formação de professores, às políticas públicas e Educação Física, as imagens e o que elas representam.

No que tange aos Colégios de Aplicação encontramos grupos cadastrados que se dedicam ao estudo das especificidades do currículo e da Educação Física. No campo social reforçamos o papel do Colégio de Aplicação da UFS no âmbito da educação sergipana, tanto na forma diferenciada de currículo visto na atualidade, bem como no que se refere à formação dos alunos e nos bons resultados obtidos por estes em vestibulares, notas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), olimpíadas de diversas áreas e diversos concursos.

Em termos governamentais observamos uma ausência de direcionamento de políticas direcionadas aos Colégios de Aplicação. O que se percebe é a busca destes colégios em se manter enquanto parte constituinte e relevante das universidades das quais fazem parte, tentando ter autonomia e afirmação institucional. Tal autonomia se orienta para o objetivo de servir de campo para o desenvolvimento de novas formas de trabalho pedagógico e como campo de estágio para cursos de formação de professores (licenciaturas). Seu currículo vem atendendo a esta necessidade e ao desenvolvimento de novos olhares e perspectivas para o fazer pedagógico. Na Educação Física não é diferente, toda a sua organização visa atender a ideia de currículo defendida e direcionada pela escola.

Alguns programas governamentais, embora não específicos aos CODAPs, tentam orientar o trabalho a ser desenvolvido pelos professores de Educação Física no campo escolar, dentre esses temos os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais, que mesmo não sendo uma metodologia com embasamento teórico consolidado, traz elementos referentes aos conhecimentos a serem ensinados), o Programa Mais Educação, as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Na UFS temos uma pesquisa sendo desenvolvida por professores do DEF/UFS em conjunto com os professores de Educação Física do CODAP/UFS, cujo objetivo é materializar uma organização curricular para a disciplina, para assim possibilitar uma discussão sobre sua organização na escola e a identidade desta área de conhecimento.

Esse tipo de estudo, que visa investigar a “idade” epistemológica e pedagógica da Educação Física indica que as disciplinas, enquanto campo e comunidade de estudos, possuem certa autonomia em relação ao currículo sugerido ou imposto pelas escolas ou pelos governos; algo que toca particularmente em nosso estudo, já que uma de nossas hipóteses compreende que o currículo da Educação Física vem, historicamente, obedecendo ao currículo do CODAP-UFS; sem muitas vias de reciprocidade na influência de um sobre o outro. Por exemplo, embora o governo brasileiro tenha produzido os PCNs como diretriz teórica, metodológica e temática nacional para todas as disciplinas, a comunidade acadêmica da Educação Física já produziu inúmeras outras propostas de maneira independente, a exemplo das chamadas propostas da Cultura Corporal, Cultura Corporal de Movimento, Desenvolvimentista, Crítico-Superadora, Crítico-Emancipatória etc.. Não obstante, embora a Educação Física seja escolar, sua produção também ocorre fora desse espaço institucional; apesar da força desse para determinar que tipo de visão pedagógica deve ser aplicada.

Em termos legislativos temos a LDB e os Decretos que tratam da organização curricular das instituições escolares e dão um norte para que as instituições, dentro de suas especificidades, organizem seus currículos e a forma com que cada disciplina ou componente estarão organizados nele.

Diante do apresentado, percebemos o quanto a temática sobre currículo vem sendo objeto de estudo de diversas áreas e o quanto esta tem despertado o interesse de pesquisadores. Assim, o estudo da Educação Física no currículo CODAP-UFS ao longo de sua história nos levará ao entendimento da organização curricular dessa disciplina, bem como ao entendimento dos elementos que dão identidade curricular a esta instituição. Mostrando sua organização nos marcos temporais elencados neste estudo, como também as concepções teóricas, metodologias que levaram à sua organização no currículo escolar e as transformações ocorridas durante seu caminhar histórico.

1.2 METODOLOGIA

Pautados nas orientações metodológicas propostas pelos novos estudos da historiografia educacional, esta dissertação tem como base a pesquisa histórica fundamentada tanto por um estudo bibliográfico quanto por uma investigação documental cujo campo abarcou diferentes arquivos – bancos de dados – da UFS e da cidade de Aracaju-SE conforme detalhado mais à frente nesta metodologia.

Como ponto de partida, buscamos compreender o processo de materialização da Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS) desde seu início de funcionamento, em 1959, até o ano de 1996, período em que a escola passa a ter um corpo de professores de Educação Física da própria instituição; momento em que, por conta disso, supomos que o conhecimento dessa área passa a ter uma organização mais diferenciada em relação aos períodos anteriores, principalmente no que se refere às práticas esportivas e à participação do colégio em eventos e festivais de competição. Ideias estas que passam a ser orientadas para modificar o caminhar da Educação Física no CODAP-UFS.

Nesse percurso pelos arquivos, procuramos coletar os registros sobre as práticas educativas, atividades, festividades, solenidades, desfiles, competições das quais a Educação Física fazia parte, na medida em que tais eventos constituíam pontos responsáveis por marcar o caminho pedagógico – currículo – dos estudantes que por ela, enquanto disciplina específica, passavam e que, de alguma forma, trazia contribuições ao currículo pensado pela escola para a formação geral de seus alunos. Procuramos, através das fontes, adentrar ao cotidiano do Colégio e compreender as práticas que fazem parte do nosso objeto de estudo e, assim, apresentar um pouco da cultura escolar deste ambiente, os conhecimentos ensinados, bem como as “práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses” (JULIA, 2001, p.10).

Para obter os dados necessários ao entendimento do caminhar da disciplina Educação Física no CODAP – UFS, esquadramos documentos, leis, decretos, regimentos, atas de reuniões e de notas, ofícios expedidos, ofícios recebidos, cadernetas de professores, pasta de identificação de professores, dentre outros. Além da utilização de fotografias, esta sendo vista enquanto uma fonte possível de interpretação no desvendar do momento histórico estudado, e não apenas como ilustração. Todos estes no Arquivo da Universidade Federal de Sergipe, no Arquivo do Colégio de Aplicação, na Biblioteca Pública Epifânio Dórea – Aracaju-SE. Contamos ainda com a colaboração da primeira diretora do Ginásio de Aplicação para o entendimento dos primeiros anos de funcionamento desta instituição e da organização da Educação Física.

No primeiro momento fomos à Biblioteca Pública Epifânio Dórea, nela identificamos informações relevantes, mas, nossa falta de experiência não contribuiu para o aproveitamento máximo dos dados disponíveis. Os muitos jornais que referenciavam este período e a procura por reportagens que tratassem do Colégio de Aplicação tornara-se dispendiosa em relação aos prazos, pois, de modo patente, mostraram-se difusas e dispersas,

tendo em vista que precisaria que eu soubesse o jornal a procurar, o período específico, pois não existia uma lista na qual pudesse obter as informações gerais do que continha no arquivo. Por conta disso, alteramos a ordem dos passos prioritários reencaminhando a coleta ao Arquivo da Universidade Federal de Sergipe, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2016.

Nesse contexto encontramos um arquivo organizado, onde todo o material contido nele está catalogado e organizado, fato que facilitou a coleta de dados. Acabado o trabalho de seleção de documentos neste arquivo, direcionamos a procura ao arquivo do Colégio de Aplicação, onde nos deparamos com duas situações: a) uma parte do material organizado mediante projetos desenvolvidos pelo professor de história, Joaquim Tavares da Conceição, o que nos forneceu uma listagem do material, facilitando nossa pesquisa. Mas também, uma segunda circunstância em que: b) encontramos uma parte do material arquivado de maneira desorganizada, fato que demandou um maior investimento de tempo e de trabalho para que a coleta fosse realizada durante mês de fevereiro e de março.

No mês de abril continuamos nossa coleta de dados no CEMEFEL, localizado no departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Nele temos todo o material que retrata a história deste departamento, o mesmo foi pesquisado por conta da possibilidade de encontramos elementos que retratem o período no qual professores deste departamento ministraram aulas no Colégio de Aplicação.

Contamos, em todos os ambientes visitados, com a ajuda de funcionários responsáveis por possibilitar nosso contato com os dados necessários ao estudo, bem como o apoio de alunos do Colégio de Aplicação, membros do Projeto de Basquetebol desenvolvido pela pesquisadora, que se encantavam ao encontrar materiais que poderiam ajudar a escrita da história desta instituição. Assim, o trabalho foi menos desgastante do que pensamos em um primeiro momento de visita ao arquivo do CODAP. Devemos confessar que o encantamento dos alunos ao ajudar a construir parte história da instituição nos deu fôlego para que este estudo fosse concluído dentro dos limites expostos.

Foi grande o número de fontes levantadas e a partir daí, deparamo-nos com a necessidade de organizar nosso olhar analítico sobre elas e assim poder levantar um fragmento da história curricular da Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Não uma história pronta e acabada, mas uma narrativa erigida a partir dos documentos encontrados nos arquivos e com o olhar da pesquisadora. Procurando, assim, entender o documento como sendo algo produzido pela sociedade e com base em quem detinha o poder, e assim apreendera compreensãoda memória coletiva e utilizá-la (LE GOFF, 2003).

Após o levantamento de dados nos arquivos supracitados percebemos a necessidade de ampliação do olhar para alguns elementos encontrados e também com o objetivo de conseguir informações relevantes ao entendimento deste objeto de estudo e que não foram observados nas fontes, buscamos a contribuição da história oral. Para assim, tentar entender algumas lacunas encontradas, tendo o olhar atento ao encontrado nas entrevistas, tendo em vista que as informações obtidas centram-se na memória humana e na sua capacidade de contar sobre o que vivenciou. Tudo isto com intuito de “ampliar informações sobre acontecimentos específicos da história” (THOMPSON, 1992, P. 112) e assim obter elementos para a construção deste estudo.

Reforçando assim a idéia de que a história oral

pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, P. 17).

Estando atento também ao fato de que a fonte oral não pode apresentar dados precisos, mas traz dados que os documentos não mostram. Assim, temos a possibilidade de ampliar o conhecimento acerca da Educação Física no currículo do Colégio de Aplicação da UFS no período estudado por nós.

Nesta perspectiva, contruímos um roteiro de entrevista (Apêndice I) que teve como base nossos objetivos e problema apresentados neste estudo. Buscamos entrevistar professores de Educação Física que ministraram aulas no Colégio de Aplicação da UFS no período de 1959 à 1996.

Nossa amostra foi composta por 03 professores de Educação Física, escolhidos pela disponibilidade destes em participar da pesquisa. O professor A pertenceu ao grupo de professores ligado ao Centro de Civismo, Educação Física e Desporto e ministrou aulas entre a década de 1970 e 1980. O professor B pertenceu ao grupo de professores de Educação Física cedidos pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe para trabalhar no CODAP, este esteve no colégio entre o final da década de 1980 e início da década de 1990. O professor C foi o primeiro professor de Educação Física efetivo do Colégio de Aplicação da UFS, o mesmo começa a trabalhar no início da década de 1990. Não conseguimos entrevistar professores que estiveram na escola na década de 1960, período inicial deste estudo.

Não obstante, em termos do que uma escolha metodológica permite quanto a um recorte teórico e empírico, este estudo apresenta apenas uma visão acerca desta história, baseada na possibilidade de acesso às fontes encontradas. E assim apresenta uma visão parcial e inacabada, por conta da falta de informações consistentes sobre a Educação Física referentes à década de 1960; mas também devido à uma particularidade que todo pesquisador está submetido devido aos seus limites de sujeito.

A partir desta construção metodológica, o texto da presente dissertação está organizado em três capítulos: o primeiro diz respeito à introdução que aqui esta sendo apresentada, nele trazemos os objetivos, objeto de estudo, justificativa, metodologia que apresentam toda a organização deste estudo. O segundo se refere à discussão teórico-conceitual do currículo e da disciplina escolar a partir da Nova História Cultural, bem como apresentamos os olhares para o currículo e para as disciplinas na cultura escolar. Para, a partir daí, pensar o processo de materialização da Educação Física no espaço escolar brasileiro; permitindo, na sequência, declinarmos para o universo empírico de nosso objeto de estudo, conforme o capítulo seguinte.

No terceiro apresentamos a organização curricular do Colégio de Aplicação da UFS e da disciplina Educação Física nesta instituição, tendo como base todo o material coletado nos acervos visitados. Por fim, as considerações finais, acerca das quais podemos adiantar que a Educação Física esteve presente no currículo do Colégio de Aplicação desde a sua fundação, em alguns momentos enquanto prática educativa, em outros como atividade e como disciplina curricular.

2 O DESENVOLVIMENTO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA ENQUANTO BASE PARA O ESTUDO DO CURRÍCULO ESCOLAR SOB O ENFOQUE DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Estudar a disciplina Educação Física e sua configuração curricular no âmbito de uma perspectiva da História nos remete aos pressupostos teórico-metodológicos responsáveis por construir as regras de análise e de síntese que sustentam o entendimento dos elementos que constituem o olhar historiográfico e suas inclinações para este campo de pesquisa. Isso significa, de um ponto de vista epistemológico contemporâneo, que a natureza de todo objeto de pesquisa científica é formada tanto pelo pensamento quanto pela coisa pensada. Por conseguinte, compreender minimamente a proposição de um objeto de estudo implica conhecer o sistema de pensamento que permitiu sua organização. Metaforicamente, toda a visão do olho fisiológico acerca de um objeto depende de uma compreensão; de modo que, se não há pensamento pode não haver visão, tampouco objeto visto.

Nesse sentido, falar em história significa entender que os fatos, os objetos, os conceitos tomados como fenômenos externos ao pensamento dependem desse pensamento. O objeto visto não sofre alterações por conta própria, mas suas mutações também se devem às mudanças de pensamento. São, portanto, objetos e pensamento, constituídos através de processos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais e epistemológicos responsáveis pelas formas e conteúdos dos pensamentos e de seus meios de recepção e de expressão, tais como: a escrita, a pintura, a oralidade, a música, o cinema, o jogo etc.. Pensar no campo da História diz respeito ao cumprimento de regras de raciocínio para “[...] problematizar um objeto bem demarcado, criar hipóteses, testá-las. Depois, procurar articular um discurso sobre este objeto em linguagem clara e comunicável”(REIS, 2010, p.12). Portanto, estar-se-ia contribuindo para a materialização não apenas do objeto de estudo, mas da História enquanto campo científico do pensamento teórico e metodológico.

Contudo, embora existam, de maneira mais clara e imediatamente apreensível (até mesmo pelo leigo) as regras teóricas e metodológicas de pensamento que diferenciam a visão histórica (ou historiográfica) de outra visão científica (sociológica ou biológica, por exemplo) acerca da construção de um objeto e suas faces e propriedades; existem alguns diversos e conflituosos conjuntos de regras de pensamento internos ao próprio campo disciplinar da história, de modo que pensar historicamente um objeto implica uma tarefa problemática, complexa, difícil e plural. Refletindo sobre a história do desenvolvimento do campo disciplinar e científico da histórica se nota uma pluralidade crescente das perspectivas teóricas

e metodológicas responsáveis pela construção das condições subjetivas e objetivas dos processos de tornar um objeto de estudo visível ou apreensível cientificamente pelo pensamento coletivo formado por comunidades de pesquisadores. Por esse motivo, a presente dissertação faz questão de evidenciar detalhada e claramente suas regras de pensamento histórico (ou historiográfico), a nosso ver, os fundamentos teórico-metodológicos da visão que compõe o objeto visto e expresso por nós.

Diante do exposto, demarcamos assertivamente que nosso ponto de vista histórico responsável por projetar o objeto aqui proposto é o da chamada História Cultural; de modo que explicitaremos a seguir as regras epistemológicas que regem seu pensamento ou o pensamento do pesquisador (historiador) lançado a ver o mundo por suas "lentes" teórico-metodológicas. Concebida enquanto um paradigma, a História Cultural tem suas raízes (históricas e filosóficas) no movimento intelectual, intitulado Escola dos *Annales*, constituído no início do século XX com base nas reflexões epistemológicas e políticas de importantes filósofos e historiadores.

A Escola dos *Annales* foi uma tendência historiográfica francesa que ganhou força entre as décadas de 1920 e 1930, quando buscou ampliar o olhar da pesquisa histórica em direção a campos além da esfera política, tais como atividades econômicas, organização social e psicologia coletiva. Trouxe novos métodos e aportes teóricos para o campo do conhecimento humano. Enquanto escola, deve ser entendida como “[...] categoria que se relaciona a uma espécie de corrente de pensamento ou de práticas relativas a determinado campo de saber ou de ação humana” (BARROS, 2012, p. 14). Caracterizado por um programa de ação, uma identidade que se forma, um campo de escolhas (teóricas, metodológicas, temáticas, éticas) que permite ao seu praticante se sintonizar com os outros que a ele se assemelham nas mesmas escolhas.

Os historiadores dos *Annales* compartilhavam um programa em comum. Dentre os quais se tem a interdisciplinaridade, entendida como “interação entre disciplinas” (BARROS, 2012, p. 104). A ampliação de campos interdisciplinares, o que possibilitou à História apropriar-se gradualmente de diversos tipos de fontes (ultrapassando os horizontes da documentação oficialmente escrita) e aos historiadores abrir seus horizontes interdisciplinares, ampliar seus objetos de estudo e poder trabalhar com novos tipos de fontes e de problemas. Direcionamento, inclusive, que nos dá a possibilidade de estudar o currículo para além do que está descrito na documentação oficial.

Outro ponto comum ao programa era o entendimento da história a partir da idéia da História-Problema. Buscava-se um olhar que não se limitava à narrar fatos e/ou expor

informações de maneira descritiva; queria-se “[...]reconstruir o vivido a partir de problemas e motivações da época do próprio historiador” (BARROS, 2012, p. 133). A partir daí, o documento por si só não servia para descrever o fato histórico, “[...] é o problema proposto pelo historiador, o recorte histórico por ele construído” (BARROS, 2012, p. 136) que fará com que os documentos possam dizer algo à História.

Assim, não interessaria aos historiadores apenas as fontes oficiais, fontes políticas e tradicionais. Com os *Annales* houve uma ampliação do campo do documento histórico e das fontes históricas. E todo vestígio dos objetos da cultura material poderia ser usado pelos historiadores. Problematicar a história foi uma forma de “[...] expandí-la e tematicamente, diversificá-la, ampliar sua complexidade e multiplicar as perspectivas historiográficas” (BARROS, 2012, p. 140). De acordo com Burke (2010, p. 08), naquele momento histórico, havia também “[...] a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiriam ao historiador ampliar sua visão de homem”.

Numa noção de Escola de pensamento, e na dos *Annales* em particular; seus componentes se orientam por princípios em comum ou até compartilham um mesmo programa, mas não precisam ser iguais ou utilizar teoria e metodologias iguais. O que se propõe é um determinado “modo de agir” (BARROS, 2012, p. 19). O que fez com que seus historiadores não constituíssem um paradigma teórico e metodológico único. Percebe-se que a Escola dos *Annales* transcende os paradigmas e possui, em seus quadros, historiadores ligados a paradigmas ou combinações paradigmáticas distintas. A palavra Escola refere-se

[...] à adoção de um ‘programa’ em comum, à criação de certos meios de intercomunicação e de difusão externa das ideias e trabalhos dos seus membros, ao esforço de reconhecimento recíproco entre os participantes da escola, à formação de um grupo e de uma identidade própria (BARROS, 2012, p. 33).

Os historiadores dos *Annales* apresentaram um programa de ação, constituíram um meio de divulgação para suas idéias e reconheceram-se como grupo. Para divulgar seus novos olhares, seus idealizadores criaram a Revista dos *Annales*, com o objetivo de “[...] promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje a encorajar inovações” (BURKE, 2010, p. 12). Buscou-se substituir a narrativa de acontecimentos, já consolidados, pela história problema, a história política pela história das atividades humanas. E assim, dar “[...] identidade a esta escola em relação a um grupo de historiadores” (BARROS, 2012, p. 30)

O movimento dos *Annales* foi organizado por homens que deram novos olhares à historiografia, estes, em diferentes períodos, orientaram a forma de ver a História, deram vida

e contribuíram com suas obras e ações. A primeira fase (1920-1945) teve inicialmente dois líderes: Lucien Febvre e Marc Bloc. Suas idéias tinham o objetivo de renovar a historiografia, através de uma mudança de olhar para o que era produzido na História. Queria-se uma História diferente da história tradicional, da história política e da história dos eventos. Foi um período de oposição ao paradigma positivista que já não encontrava realizações no âmbito da historiografia (BARROS, 2012).

O período vivido por eles, pós-guerra, deu espaço para o desenvolvimento de novas idéias e novos olhares. Era um momento de “[...] disputa de territórios dentro e fora das instituições historiográficas” (BARROS, 2012, p. 89). Febvre e Bloc tinham idéias com um mesmo direcionamento, mas em alguns momentos buscavam organizar-se de forma diferenciada. Febvre buscou embasamento na sociologia, Bloch utilizou elementos da geografia e da história comparativa, com intuito de constatar as diferenças existentes entre os fatos sociais.

Marc Bloch traz um novo olhar para a definição de história, antes entendido como o estudo do passado humano. Com ele, a história passou a ser vista como a ciência dos homens no tempo. Assim, o historiador deveria estudar o homem “[...] imerso na temporalidade, vivendo o tempo, percebendo o tempo, produzindo o tempo” (BARROS, 2012, p. 183). “[...] o tempo é o impensado de uma disciplina que não para de utilizá-lo como instrumento taxonômico. O tempo é tão necessário ao historiador que ele o naturalizou e instrumentalizou” (CERTEAU, *apud* REIS, 2012, p. 33). “Todo trabalho de história é um organização temporal: recortes, ritmos, periodizações, interrupções, sequências, surpresas, imbricações, entrelaçamentos” (REIS, 2012, p. 33).

Nesse sentido, um ponto importante desse período foi a criação da Revista *Annales* em 1929, a chave para caracterização do movimento dos *Annales*, seu modo de trabalhar e de compreender a temporalidade, bem como primordial para apresentar os novos olhares para a historiografia. Tinha o objetivo de difundir uma nova abordagem (interdisciplinar) de história, na qual o campo social e econômico era também observado (BURKE, 2010). Tanto Febvre como Bloch defendiam a interdisciplinaridade e a história problema como base desta nova forma de produzir história. E ambos eram contra à factualidade, à narrativa linear e à restrição temática vivenciada na história política tradicional. No período entre 1930 e 1940 Febvre escreveu acerca do novo tipo de história, baseado na “[...] pesquisa interdisciplinar, por uma história voltada para problemas, por uma história da sensibilidade” (BURKE, 2010, p. 42).

Tanto Febvre como Bloch tiveram influência das idéias de Marx e Michelet (sec. XIX). De Marx eles observaram “[...] a possibilidade de enxergar a História como um grande

dever de estruturas de longo termo” (BARROS, 2012, p. 224) e de Michelet, a “[...] possibilidade de investir na multiplicação temática, na ultrapassagem do estreito universal de temas que eram oferecidos pela História Política Tradicional, no desprezo pela parcelarização positivista do saber que logo obrigaria ao contramovimento da interdisciplinaridade” (BARROS, 2012, p. 224).

A partir da primeira geração dos *Annales* a história de vida passou a servir como caminho para examinar um problema histórico, houve uma valorização do quadro geográfico, a história problema passou a ser utilizada em contraposição ao modelo historiográfico factual; a interdisciplinaridade passou a ser a base para se produzir a “História Total” difundida por eles. Essa nova forma de fazer história tinha um olhar longo, capaz de alcançar grandes extensões de tempos e espaços. Buscou produzir uma história que a todo momento está em construção, que não pretendia encontrar verdades definitivas, mas sim “constituir uma verdade histórica relativa aos pontos de vista que a revelam” (BARROS, 2012, p. 241).

Desejou-se criar uma Nova História, diferenciada da vista nos padrões historiográficos do período. Uma história com conhecimento cientificamente produzido (Frebvre), uma ciência dos homens no tempo (Bloch), que está sempre em construção. No aspecto metodológico, abrem espaço para utilização de novas fontes históricas, tais como testemunhos, documentos, discursos, relatos, depoimentos orais. Chamam a atenção para o que a Cultura Material informa, os modos de pensar e de sentir, que atravessam as informações voluntárias trazidas no documento. Chamam a atenção para compreender que “[...] os documentos não falam, senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001:79) (BARROS, 2012, p. 255). Para eles, a história não seria apenas “[...] o registro de uma sequência de acontecimentos a partir apenas dos documentos escritos” (BOURDE & MARTIN, 1983, p. 121). Para fazer Nova História teria-se que usar os documentos não escritos, as ciências vizinhas, para assim criar uma história total capaz de abordar todos os aspectos da atividade humana.

A Segunda Fase (1946-1969) teve como idealizador Fernand Braudel. Este buscou fazer uma história do homem e do ambiente, do homem em relação ao seu meio. Nesse período tivemos uma ampliação e expansão da influência dos *Annales* no mundo ocidental. Sua maior contribuição foi transformar as noções de tempo e de espaço dos historiadores (BURKE, 2010). O tempo histórico era visto por ele subdividido em tempo geográfico, social e individual. E os fatos poderiam ser historicizados através da interação do tempo, do meio, da economia, da sociedade, da política, da cultura e dos acontecimentos. Braudel utilizou o modelo estrutural e incorporou o conceito de longa duração ao fazer histórico. Para Braudel, a

História seria uma “[...] complexa ciência do geral, orientada por uma abordagem globalizante, que seria capaz de organizar as demais ciências sociais a partir de sua própria centralidade” (BARROS, 2012, p. 268). Fato que reforçou o caráter de interdisciplinaridade defendido pelos *Annales*.

A idéia de História Total proposta pelos *Annales*, em Braudel é vista como a história do todo ou a história de tudo, de tudo o que se deseja compreender historicamente. É uma “[...] História Total a partir de uma história do todo” (BARROS, 2012, p. 277), onde passamos a ter a articulação do social (economia, cultural, política, mentalidades, crenças, manifestações) e uma ampliação do campo de possibilidades de estudos históricos. Braudel situa a história em relação ao tempo em três escalões: “[...] a superficial, de acontecimentos que se inscreve no tempo curto. A meia encosta, uma história conjuntural que segue um ritmo mais lento. E em profundidade, uma história estrutural, de longa duração” (BOURDÉ & MARTIN, 1983, p. 131). A terceira fase dos *Annales* tem um diferencial; nela não tivemos um organizador do grupo, mas diversos nomes organizando-se a partir das idéias dos *Annales* e construindo a Nova História.

Nesta fase viu-se um contexto histórico mais amplo e uma mudança na historiografia. Mulheres passaram a fazer parte do grupo, idéias de diferentes partes do mundo foram aceitas. Ocorreram novas aberturas, retornos e possibilidades de estudos que levaram também a pensar nas incertezas referentes à natureza do conhecimento e ao papel desempenhado pelo conhecimento histórico na sociedade. A terceira geração dos *Annales* utilizou o termo *Nouvelle Histoire* para sua forma de fazer história (BARROS, 2012). Eles traziam heranças das fases anteriores dos *Annales*, mas queriam dar novas contribuições à História.

Passou-se a pensar a micro-história, atenta aos detalhes, às microrrealidades e a valorizar o âmbito cultural. Orientação reflexiva que levou ao surgimento da História Cultural que passou a “[...] ocupar uma posição central no grande cenário das modalidades historiográficas” (BARROS, 2012, p. 306). Houve novamente uma ampliação dos objetos e das dimensões dos estudos, do conhecimento historiográfico, dos campos históricos, das temáticas estudadas. E a “História Total”, defendida pelos *Annales*, passa a ser vista como a história de tudo (BARROS, 2012). A interdisciplinaridade continuou a ser o traço de unidade entre as gerações dos *Annales*, só que nesta terceira geração observou-se um destaque dado à Antropologia.

Outro ponto a que foi dada continuidade foi a ampliação de temáticas e problemas históricos. “A liberdade temática, e a escolha de problemas, era explorada pelos historiadores dos terceiros *Annales* com liberdade inigualável” (BARROS, 2012, p. 327). Evidenciou-se

também uma projeção dos historiadores da História das Mentalidades, que “buscavam estudar as formas coletivas de pensar e sentir” (BARROS, 2012, p. 329). A história das mentalidades ganha força a partir da década de 1960, passou a ser um novo espaço de ação relacionado ao mundo mental e aos modos de sentir.

Para identificar os modos coletivos de pensar e de agir, estes historiadores usaram três aspectos metodológicos: “(1) a abordagem serial, (2) a eleição de um recorte privilegiado que funcione como lugar de projeção das atitudes coletivas (uma aldeia, uma prática cultural, uma vida), ou finalmente (3) uma abordagem extensiva de fontes de naturezas diversas” (BARROS, 2012, p. 337). Buscava-se uma abordagem sistemática, preocupada com a homogeneidade das fontes e seu lugar preciso dentro da série, o que proporcionou uma abertura aos novos modos de fazer história, com os historiadores franceses da *Nouvelle Historie*.

Diversos temas poderiam ser trabalhados a partir de enfoques relacionados às dimensões sociais (a política, a economia, a cultura, as mentalidade, o imaginário e assim por diante). Percebemos que, nesse período, a maioria dos historiadores não seguia uma única e linear influência, geralmente combinavam influências da História e entrelaçava suas sub-especialidades. Não obstante, em face das mudanças de uma geração para outra, o que perpassou e uniu as três gerações dos *Annales* foi a interdisciplinaridade. Todos “[...] os estudiosos da Escola dos *Annales* são unânimes em apontar a interdisciplinaridade como o grande traço de identidade que de alguma maneira unifica todo o movimento dos *Annales*” (BARROS, 2012, p. 355). E é justamente ela que possibilita a união de aspectos como história problema, o caráter construtivo da História, a ampliação de fontes, a expansão dos campos históricos e dos objetos de estudos disponíveis ao historiador.

De modo mais sumário, de acordo com Barros (2012, p. 210), o que continuou nos diferentes autores das fases dos *Annales* foi a “[...] interdisciplinaridade, a história problema e a recusa ao tratamento tradicional do político”. E o que pode ser visto como ponto de discordância é a História Total defendida pelas primeiras gerações dos *Annales* em relação ao entendimento que esse termo ganhou na terceira geração. Outra inovação promovida pelos *Annales* implica uma ainda crescente ampliação da noção de fontes: documentos, objetos, signos, fotografias etc., qualquer vestígio deixado pelo homem – da experiência humana – passou a servir como fonte e dados para pesquisas. O documento passou a ser visto não como algo que fala por si mesmo, mas sendo um aporte ao qual é necessário se fazer “[...] perguntas adequadas” (VIEIRA; PEIXOTO & KHOURY 1991, p. 15). Exigindo assim um olhar

refinado pelo estudo do pesquisador, para indagar as fontes, observar o lugar onde elas foram produzidas e as relações que elas estabeleceram e ainda estabelecem.

Dosse (1994) reforça a contribuição da Escola dos *Annales* nas transformações e inovações nas produções historiográficas. Mas também chama a atenção para o abandono da relação dialética entre passado/presente/futuro e o aparecimento de uma “história em migalhas” que, segundo, ele pode colocar em questão a legitimidade do conhecimento historiográfico produzido. Outro fato percebido é que a história da Escola dos *Annales*, no decorrer de suas fases, foi modificada e sofreu alterações com base nas mudanças sofridas pela própria sociedade. Assim observa-se momentos de continuidades e descontinuidades.

Continuidades vistas na negação do aspecto político, na captação de elementos das ciências sociais. E descontinuidades observadas no que se refere ao homem como centro ou não do trabalho histórico; no abandono da dialética passado/presente/futuro onde a história não é vista como o lugar de esclarecimento da época contemporânea; e na idéia do saber histórico visto de forma decomposta, passa-se a existir não uma história, mas sim as histórias (DOSSE, 1994). Ocorreu uma explosão de objetos diferenciados e uma não relação entre eles ao se produzir a(as) história(as), tendo como base as ciências sociais que dão a possibilidade de analisar novos recortes, diversas práticas e objetos históricos.

Nesse sentido, “[...] o homem encontra-se descentralizado nessa perspectiva em que a história se decompõe em práticas parciais e renuncia à toda visão globalizante” (DOSSE, 1994, p. 102). Fato que fez com que a nova forma de ver a história fosse criticada, por esta poder dar a possibilidade da história vir a ser uma história em migalhas, onde a história total é deixada de lado. E a este ponto que, a nosso ver, deve-se tecer um olhar crítico e de não se limitar a contribuir com o que Dosse (1994) aborda e critica. Assim, acerca do que o próprio autor diz, podemos “[...] fazer renascer o acontecimento significativo, ligado às estruturas que o tornaram possível fonte de inovação” (DOSSE, 1994, p. 104). Isso, a começar pelos campos e temáticas que não eram abordados pela história tradicional totalizante, quando tivemos uma nova História Cultural, que desde os anos de 1990 abarcou diversas temáticas.

A História Cultural, que não deve ser confundida com o movimento dos *Annales*, teria como principal objetivo “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada” (CHARTIER, 1988, p. 16-17). Chama a atenção para que gestos, comportamentos, representações sejam observados no entendimento de um objeto de estudo, e não apenas os discursos e documentos. Isso se deve à algumas inovações interdisciplinares nas décadas de 1970 a 1980, inspiradas pelo encontro entre historiadores e antropólogos e no final da década de 1980, que gerou a expressão Nova

História Cultural, que passou a ser utilizada. A partir daí, os historiadores “[...] tornaram-se cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o ‘mesmo’ evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas” (BURKE, 2008, p. 101).

Veyne (1998) corrobora com este entendimento quando coloca que a história que é produzida é subjetiva, e é resultado da projeção de valores de quem organiza o que é pesquisado. O que é produzido é uma resposta dada às indagações que o pesquisador fez às fontes analisadas. Não existe uma história total, mas sempre uma história de algo. O desafio da história cultural seria pensar, portanto, a articulação entre os discursos e as práticas, os meios de produção e a recepção, pois além do discurso, é necessário observar as condições e as possibilidades de cada contexto; observando toda cultura envolvida no processo escolar, por exemplo. A cultura designa práticas comuns que os indivíduos vivem e refletem sua relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo. Segundo a visão de uma Nova História, a figura do historiador passou a ser constituída de modo especial e determinante quanto à forma e ao conteúdo das narrativas; na medida em que uma certa particularidade é não apenas aceita, mas incentivada como possibilidade de descoberta, desde o momento em que escolhe seu objeto de estudo, o processo metodológico como vai trabalhá-lo em termos analíticos e organizacionais, quanto na exposição de suas sínteses e conclusões.

Desse modo, a história não mais pode ser vista como de uma dada supra-autoria anônima, pois neutra e universal. Não obstante, um fato histórico pode mudar a partir da leitura e pela escrita particular de algum autor que, apenas pelo fato de ser um sujeito particular, encontra indícios que outros não encontraram. A narrativa deixa de ser um fato passado coletado e passa a proporcionar “[...] um olhar dirigido ao passado: a partir do que esse objeto ficou representado” (BORGES, 2005, p. 45). Estudar a história a partir daí levou ao entendimento de que “[...] as fontes ou documentos não são um espelho fiel da realidade, mas são sempre a representação de parte ou momentos particulares do objeto em questão” (BORGES, 2005, p. 61). Novos olhares foram atribuídos aos objetos de estudo da história, novos problemas e novos instrumentos foram incorporados ao olhar do historiador a partir de sua particularidade incluída enquanto sujeito ou autor da escrita da história.

O texto historiográfico passou a ser evidenciado como “[...] o resultado de uma explícita e total construção teórica e não mais o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior, organizado em si” (REIS, 2010, p. 93). O passado não é reconstruído de forma definitiva, mas é a todo momento construído e reconstruído sob ótica e olhares diferenciados, tendo como base objetos de estudo e questões a serem investigadas. Nesse sentido, o historiador deve definir seu objeto de estudo e as fontes a serem consultadas de

modo explícito, segundo uma localização epistemológica consciente de sua proposta. Como dissemos anteriormente, compreendendo que parte do objeto de pesquisa observado está localizada no próprio campo de pensamento do historiador, constituído por regras paradigmáticas específicas em suas teorias e metodologias.

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CULTURA, DISCIPLINA E CURRÍCULO

A escola, enquanto instituição de ensino e de aprendizagem, passou a ser vista como tendo uma cultura própria, a cultura escolar; não mais restrita à chamada “Alta Cultura” sustentada pelas produções artísticas, literárias, filosóficas e científicas da elite financiada pelo Estado, Igreja e Burguesia. Esta deve ser entendida como tudo o que acontece na escola, através das relações estabelecidas entre todos os agentes que vivenciam o espaço escolar; inclusive no que se refere à negação dos aspectos da “Alta Cultura”. Chervel (1998) coloca que a escola tem a capacidade de produzir uma cultura própria, específica, singular e original, e esta produção traz efeitos à sociedade e à cultura até então submetida ao olhar universalizante da filosofia eurocêntrica. Trata-se do particular, dos acontecimentos, influenciando o geral, a estrutura.

A cultura escolar seria “[...] o conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10). Estudar a cultura escolar é observar, portanto, as transferências estruturais e culturais que acontecem na escola, mas também observar os elementos existentes neste processo e os problemas vistos nestas trocas, bem como os modos de pensar e agir. É ampliar o olhar para além das normas e observar as práticas desenvolvidas e vividas. Não nos esquecendo que esse tipo de dinâmica do pensamento apenas foi possível devido à contribuição dos *Annales* através da difusão de suas idéias, quando houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos olhares dado a estes e das fontes utilizáveis para compreensão deste objeto de estudo.

Para estudar a cultura escolar o historiador deve interessar-se pelas normas e finalidades que regem a escola, avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho do educador e observar e analisar os conteúdos ensinados e as práticas escolares desenvolvidas (JULIA, 2001, p. 19). Cabe aos historiadores observarem as práticas cotidianas e o funcionamento interno – ao máximo possível – da escola através da ampliação e detalhamento do olhar para as fontes estudadas. Tudo isso, para poder “[...] estabelecer a mediação entre a cultura pensada e a cultura vivida” (FELGUEIRAS, 2010, p. 31). Sendo que

entre uma cultura e outra, as fontes tradicionais geralmente favorecem a primeira e as fontes heterodoxas possibilitam a segunda. No que tange ao nosso objeto particularmente, veremos na análise documental o quanto as fontes disponíveis não favorecem um olhar mais interior – ou de dentro – das experiências proporcionadas pela Educação Física e seu currículo específico; de modo que esse universo mais “secreto” acaba se restringindo a inferências por nós realizadas a partir da estrutura curricular mais geral do CODAP-UFS e dos acontecimentos e eventos por ele realizados.

Estudar a cultura escolar é, portanto, buscar compreender as práticas desenvolvidas na escola e os processos educativos que foram organizados, buscando distribuir conhecimento através da articulação entre políticas e práticas curriculares no âmbito geral e no campo do específico, do particular; sempre mais oculto do ponto de vista das fontes documentais impressas. Apontando, muitas vezes, para a necessidade de se recorrer à fontes orais, acervos mais pessoais que institucionalizados. Entende-se que o que é visível é a tradução do que foi esperado pelos programas oficiais como interação oculta do vivido no sistema escolar e seus efeitos imprevisíveis que também formam currículos, ou seja, caminhos ou percursos de experiências de ensino e de aprendizagem. O que é encontrado na escola (e o que pode servir como fonte histórica) mostra o fazer, a organização, as regras, os rituais materializados na maior parte das vezes em níveis estruturais ou gerais. Estudar a cultura escolar é observar o que é apresentado, o cotidiano da educação, com suas teorias, princípios, critérios, normas e práticas na esfera estrutural, mas sem nunca perder de vista os acontecimentos e os detalhes das experiências educacionais.

Nesse sentido, estudar a cultura escolar nos remete ao entendimento da escola enquanto uma instituição que tem objetivos e finalidades específicas, e com uma configuração própria que expressa uma cultura vivida e desenvolvida em seu espaço. Nela, conhecimentos são ensinados e produzidos a partir da interação entre os agentes que fazem essa instituição. A escola deve ser entendida “[...] como uma instituição que, embora obedeça a uma lógica particular e específica da qual participam vários agentes, tanto internos como externos, deve ser considerado como um lugar de produção de um saber próprio” (BITTENCOURT, 2014, p. 38-39). Para Frago (2008, p. 206), a escola é composta por agentes que organizam o currículo e as disciplinas que estarão no seu fazer pedagógico, que é um gerador de experiências.

Nesse processo existem códigos disciplinares, regras que consolidam e dão estabilidade às disciplinas na escola, que são transmitidos de uma geração a outra. Conteúdos, discursos com valor informativo e utilidade acadêmica e práticas (modo de ensinar os conteúdos) são organizados de forma específica para que haja o aprendizado. A escola seria o

local onde normas e práticas definem o conhecimento a ser ensinado, os valores e comportamentos a serem apreendidos, e é este caminhar, ou seja, esse currículo – caminho vivido por experiências – que gera a cultura escolar. Mas, que por ser um percurso sempre em processo de aberturas, de trilhas, de horizontes nunca totalmente definidos programaticamente, implica-se aí uma noção dinâmica de cultura, a qual não se mostra facilmente pelo ponto de vista documental.

É importante ressaltar que a escola, enquanto espaço onde se estabelecem formas específicas de relações sociais e ao mesmo tempo transmite saberes e conhecimentos, está ligada a formas de exercícios de poder e é estruturada por sistemas de ensino com princípios específicos e hierarquias administrativas. Com a História Cultural busca-se escrever uma história da instituição escolar enquanto “[...] uma tentativa de enunciar, de elaborar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado, vinculado, o mais possível, a diferentes momentos ou fases da instituição e o seu contexto” (WERLE, p. 14). O que abrange aspectos normativos, formas de gerenciamento, decisões políticas, tempos e espaços, articulações entre profissionais e usuários da escola, modalidades oferecidas, relações externas à escola que buscam levar ao entendimento da organização institucional, das relações administrativas e do contexto vivido.

Para isso, busca-se estudar objetos, documentos, artefatos e tudo que pertence à cultura escolar – às experiências educativas da escola – e que serve para mostrar o que foi vivenciado e desenvolvido no ambiente escolar de maneira frequente e estruturada sim, mas sem perder de vista os acontecimentos e exceções em meio a regras, hábitos, recorrências, padrões etc. Ressaltando que não temos a história da instituição escolar, mas uma versão das muitas histórias possíveis, em decorrência do olhar de quem as narra, das temáticas colocadas em foco, das fontes disponíveis e das perguntas feitas às essas fontes históricas acessíveis no momento presente. Toda instituição escolar é organizada a partir de regras, objetivos, finalidades, políticas educacionais, orientações pedagógicas apresentadas através do currículo com intuito de mostrar a cultura escolar de determinado local. Mas, nada disso se cumpre de maneira monolítica, inabalável, rígida. Está no campo da experiência cultural as infrações, os desvios, as quebras de regra.

Estudar o currículo é estudar versões e documentos buscando estabelecer sentidos e reconstruir uma rede de significados que se materializam no campo escolar na forma de cultura, mas, não apenas isso. De acordo Goodson (1995), o termo currículo advém da palavra latina *Scurrerre*, e refere-se a um curso a ser seguido, a ser apresentado. Por isso, em alguns momentos históricos, o currículo escolar esteve associado a um caminho a seguir, a listagem

programática de conteúdos. As primeiras discussões sobre currículo até a década de 1970 apontavam que a educação brasileira foi construída pelas tendências curriculares do escolanovismo e do tecnicismo, ambas com intuito de controle social, através de uma coesão e eficiência social para manter a conformação da sociedade para fins economicamente liberais, industriais e urbanos (GOODSON, 1995). Nesse período, o currículo tinha como base padrões de tradição e estabilidade. E era entendido como a seleção e organização dos conteúdos a serem ensinados, de forma técnica e administrativa de um ponto de vista programático.

Nas décadas de 1980 observou-se uma reinvenção e reconstrução do currículo, muitas vezes acontecendo no meio acadêmico e tentando vislumbrar uma materialização na realidade escolar, tendo como base uma tendência mais crítica e com um novo olhar para as questões de conhecimento e poder, passou-se a ver a possibilidade de transformação e emancipação do homem a partir do processo de apropriação do conhecimento. A teoria curricular com embasamento crítico passou a analisar relações entre “[...] conhecimento e poder vinculando currículo e estrutura social, currículo e cultura, currículo e poder, currículo e ideologia, assim como currículo e controle social” (JAEHN, 2012, p. 117). A partir de meados da década de 1990 movimentos teóricos como pós-estruturalismo, o pós-marxismo e os estudos da cultura passaram a dar significados ao currículo. Novas abordagens de pesquisa curricular foram incorporadas e o que acontece fora da escola – em seu entorno direto e indireto – passou a ser observado também. Mas, mais do que isso, não é o olhar para fora que diferencia essa perspectiva curricular; trata-se de um olhar que se volta para uma dimensão que é tão interna à escola, às suas disciplinas, atividades e práticas, que se torna invisível.

Os primeiros estudos sobre currículo desenvolvidos por Goodson buscavam observar, nesse sentido, os objetivos do ensino e as práticas curriculares que aconteciam na sala de aula, o dia a dia da interação entre professor e aluno, a história interna da escola e do currículo; aquelas experiências que dificilmente são registradas por mecanismos tradicionais de registros, como diários, cadernetas, relatórios etc.. Vislumbrava-se “[...] uma história do currículo que, a seu juízo, havia de se construir com um triplo objetivo: lançar luz sobre a realidade contemporânea; examinar, por prova ou contribuir para a teoria pedagógica; ocupar-se [...] do processo interno da definição, ação e mudança do currículo” (GOODSON, 1995, p. 27). O currículo é entendido por alguns autores como o conjunto de disciplinas ofertadas pela escola, ou como plano e proposta para o ensino, ou enquanto uma construção social e cultural.

Neste presente estudo o currículo será entendido como o “[...] conjunto daquilo que se ensina e daquilo que se aprende” (FORQUIN, 1996). O que dá a possibilidade de observar

além do que está escrito oficialmente; pois nem sempre – ou quase sempre – o que se ensina e se aprende estava previsto no programa ou estava claro na perspectiva do professor e do aluno. Estudar o currículo é estudar os conteúdos escolares, os métodos de ensino; mas, sem perder de vista os percursos de estudos, os processos internos da escola, buscando pistas para entender a relação existente entre escola e sociedade para além do que determina o “dever ser” institucional das estruturas. O currículo deve ser compreendido como uma seleção de conhecimentos no interior de uma cultura que constituem um corpo de saber legitimado que deve ser preservado dentro de uma cultura. Assim, o currículo de um determinado período histórico “[...] representa formas de conhecimento, valores e crenças que alcançaram especial *status* nesse dado período” (LOPES, 1998, p. 61).

Para Goodson (1997, p. 20) existe um currículo escrito e um currículo em ação. O currículo escrito é “[...] o testemunho público e visível das racionalidades escolhidas e da retórica legitimadora das práticas escolares”. Nele está planejado ou programado e expresso as interações de escolarização previstas ou desejáveis segundo alguns interesses e fins. É uma fonte documental, um roteiro para estruturar a institucionalização da vida educacional das pessoas; direciona objetivos para a sala de aula, define conteúdos e orientações a serem desenvolvidas no ambiente escolar. O currículo em ação é o que é materializado e vivenciado em sala de aula ou no ambiente escolar mais amplo e que teve como base o currículo escrito, mas que muitas vezes desse se desvia, vai além ou aquém dos conteúdos e dos métodos programáticos. Em outras palavras, conta tanto com algumas realizações previstas no plano de curso escolar, quanto em suas irrealizações; que consistem em aspectos – conteúdos, objetivos e/ou métodos – que, embora previstos, não aconteceram, não atingiram suas finalidades; sendo que no lugar desses, outros conteúdos foram ensinados e aprendidos.

Por exemplo, suponhamos que o currículo escolar prescreva que ao final do primeiro ciclo do ensino fundamental o estudante deverá apresentar como conteúdo aprendido a prática de um esporte. Contudo, de acordo com uma avaliação – mediante instrumento e técnica –, verifica-se que a aprendizagem ocorreu, porém, em um estágio de desenvolvimento inferior ao esperado. Observa-se, nesse caso fictício, que a prescrição curricular não se realizou por completo, apesar de sua ação ter sido executada.

De outro modo, vamos refletir que esse estudante – hipotético – não atingiu um dado modelo de desenvolvimento para a prática do futebol, então previsto no programa da disciplina de Educação Física e da escola. Entretanto, esse mesmo educando demonstrou ter aprendido e desenvolvido a prática da capoeira de maneira mais próxima a um modelo estabelecido; embora não trabalhado sistemática e programaticamente no interior da disciplina.

Diante disso, consideramos ainda que a prática corporal – a capoeira – então aprendida e desenvolvida não estava prevista nos programas escolares. Tal conteúdo, portanto, embora assimilado, agiu no interior da escola a despeito ou às margens do currículo prescrito. Certamente essa ação – estrangeira – se fez presente por meio de um grupo de outros estudantes que por ventura, fora da escola, em outro ambiente institucional ou familiar, aprenderam e desenvolvem a prática da capoeira. Não obstante, a experiência teria ocorrido no interior da escola; o encontro com o conteúdo se, quem sabe, por causa dela; fazendo parte, portanto, de seu currículo; quer tácita ou conscientemente.

Em suma, o currículo em ação consiste nas práticas curriculares – programáticas ou não; intencionais ou não – efetivamente realizadas ou simplesmente vividas. Para estudar o currículo escolar é necessário observar ambos os currículos definidos por Goodson (1997), pois o que está prescrito poderá ou não estar no cotidiano escolar. Sua presença cotidiana pode ocorrer tanto com quanto sem resistências locais. Assim, a instituição escolar pode oscilar entre se utilizar de estratégias de poder e violência para efetivar a prescrição curricular e estratégias de diálogo e flexibilização. Por essa via, o currículo programático anuncia uma espécie de cultura escolar institucional. Todavia, a escola não pode ser confundida com seu planejamento; com seu programa.

A escola, habitada e constituída por pessoas de origens comuns ou diferentes, apresenta uma certa cultura própria. Isto é, uma realidade tecida por símbolos objetivos e subjetivos; materiais e mentais, que certamente não será encontrada em outra escola; tampouco em qualquer outro lugar social. Por isso, não significa que tal cultura própria seja a visualização da cultura de um bairro, comunidade, aldeia, tribo ou cidade que a envolve; de onde seus estudantes são oriundos. A escola implica, portanto, um ambiente institucional e social de encontro, de modo que enquanto permanece em ação, um fenômeno cultural pode ser observado.

As práticas didáticas e pedagógicas desenvolvidas na escola têm nelas valores, normas de condutas que a relacionam com a sociedade e desse encontro organizam o fazer da escola. Não obstante, o termo sociedade não designa um ente abstrato, universal, estático, unitário e sem contradições e pluralidades. Dizer que as práticas escolares se relacionam com a sociedade significa comunicar que as mesmas interagem com grupos sociais diversos, conflituosos, contraditórios, problemáticos, inimigos; bem como com corporações confluentes, similares e aliadas. Por essa via de raciocínio, quando a cultura escolar, expressa por suas práticas, apresenta-se no contato com a sociedade, efeitos diversos serão provocados no seio de cada grupo, comunidade, família, cidade, país.

É nesse sentido que o currículo, fruto do encontro e da produção entre programático e imprevistos, vai se materializar no contexto das aulas, no qual alunos e professores interagem e trocam experiências sociais e culturais desde os guetos dos quais fazem ou fizeram parte. E neste ambiente social vivenciado na escola, significados e comportamentos são desenvolvidos de maneira distinta tanto dos programas de governo quanto das culturas locais das quais os estudantes são oriundos. Observa-se uma cultura escolar, com características singulares, por meio do qual o currículo se apresenta na escola e organiza o funcionamento interno, as relações dos professores com a legislação e normas, os conhecimentos ensinados e as práticas escolares desenvolvidas.

É relevante afirmar que o currículo escolar é formado a partir da relação entre escola e sociedade, num processo onde fatores intelectuais, sociais, formais se comunicam com aspectos culturais, simbólicos para se legitimar no âmbito escolar. Ele busca organizar o que será trabalhado e instrumentaliza a prática educativa. Neste processo, a escola, é uma parte integrante de um sistema que tem uma legislação de base, mas ao mesmo tempo é um universo composto de especificidades e com cultura própria. Sendo que, ao falarmos em cultura própria, corremos o risco de também dizermos em leis, normas e regras próprias; que muitas podem infringir os aspectos gerais da estrutura.

Por isso, o currículo é compreendido como algo que passa por mudanças que são organizacionais (escola, sala de aula); também institucionais, bem como culturais (GOODSON, 1997). Goodson buscou observar as prescrições escritas e originárias de órgãos políticos e administrativos, mas também os livros, as guias e programas, o planejamento que o professor utilizava. Para assim entender o currículo tendo como base uma “teoria que é também, em sua elaboração, uma prática – e ação” (GOODSON, 2005, p. 231).

O currículo compreende a seleção, a sequência, a dosagem de conteúdos da cultura a serem desenvolvidos na escola. Ele compreende conhecimentos, hábitos, valores, teorias, técnicas, recursos, artefatos, procedimentos, símbolos, competências, habilidades disposto num conjunto de disciplinas escolares que se constituem por programas específicos que visam consolidar sua especificidade no campo escolar. É no currículo prescrito que está definido o tipo de ensino que deverá ser enfatizado, mas é no currículo em ação que percebemos a real formação que está sendo privilegiada, as necessidades (familiares, individuais, de mercado, do Estado, de uma classe social) a serem atendidas.

A história do currículo deve possibilitar o entendimento dos processos internos de definição, ação e modificação do currículo. Ela consiste dos estudos históricos que têm como objeto “[...] o currículo enquanto conjunto de conhecimentos selecionados e enquanto

conjunto de práticas e rituais associados ao processo de transmissão e construção destes conhecimentos”(LOPES, 1998, p. 60). Assim, a escola é considerada como “algo a mais do que um simples instrumento da classe dominante” (GOODSON, 1995, p. 120), não é vista como o espaço que serve apenas para a reprodução das estruturas e da “Alta Cultura”; tampouco se reproduzem as culturais locais na forma de guetos. É o encontro de tudo isso que faz gerar uma cultura escolar.

Compreender o processo de construção diária do currículo e entender os sentidos e significados dados neste, perpassa o entendimento dos atos de currículo (atividades que se organizam visando uma formação, implementação, avaliação de saberes, atitudes, valores) vivenciados por todos que parte do cotidiano escolar, visando uma formação ética, política e cultural (MACEDO, 2013).

Com isso, é possível notar que nos encontramos em um ponto do desenvolvimento teórico desta dissertação já bem distante das perspectivas tradicional e positivista da história, contra as quais a Escola dos *Annales* lutou durante suas três gerações, assim como transferiu essa luta para os demais movimentos intelectuais por ela motivados. Em outros termos, a noção de História Geral, Universal e/ou Oficial já fora densamente criticada e desconstruída pelas reflexões precedentes. Não obstante, importa destacar, para prosseguirmos com o texto, que, em síntese, a Escola dos *Annales*, considerando seu projeto para a construção de uma Nova História, impingiu um movimento que se desloca do pensamento sintético em direção à reflexões cada vez mais analíticas.

Podemos dizer que se a Velha História produziu narrativas capazes de formar um imaginário social linear e contínuo de uma História sem fissuras, lacunas, sombras, dúvidas, marginais, anonimatos etc.; os *Annales* iniciou e fomentou trabalhos ao estilo da antropologia e da arqueologia. Nada de objetos e narrativas prontas e totais. Toda narrativa histórica esconde em seu interior inúmeras histórias; mais breves, mais longas, coletivas, individuais etc.. A historiografia não mais está a serviço dos grandes ideais ou as chamadas Meta Narrativas ou Grandes Narrativas, cuja direção sempre apontou para a conclusão ontológica acerca do Homem; ou seja, uma definição – única, sólida, perene – acerca do que é o Homem.

Da síntese à análise, do total iluminado ao fragmento opaco, a Nova História caminha do geral para o específico; do Homem para os homens em sua pluralidade cultural, social, política, econômica, religiosa etc.. Como já dissemos anteriormente, agora nas palavras de Funari e Silva (2008, p. 71): “Epistemologicamente, a terceira geração [dos *Annales*] pode ser definida pela ampliação de temas de pesquisa e pelo aporte interdisciplinar à história. Temas como morte, doença, alimentação, sexualidade, família, loucura, bruxaria [...]” nos levam

facilmente à conceber uma história do currículo escolar. Mais do que isso, abre-se a possibilidade analítica de estudar as histórias dos currículos no interior das histórias dos currículos escolares.

2.2 DIFERENÇAS E RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E DISCIPLINA

Ao estudar o currículo escolar é necessário entender que cada disciplina tem uma história curricular própria; uma história específica programática e não-programática. Mas, quais as diferenças entre uma história da disciplina de uma história do currículo? A história de uma disciplina escolar é um campo de estudo e pesquisa que busca investigar as transformações ocorridas numa disciplina ao longo do tempo, observando conteúdos e métodos de ensino destas. Neste sentido, o que faz uma disciplina escolar estar ou não num currículo? Goodson (1997) coloca que esta presença é determinada pela tradição acadêmica, utilitária e pedagógica.

Isso quer dizer que os estudantes e os professores percorrem o interior de uma disciplina diferentemente do percurso – das experiências – que realizam em outros. Grosso modo, para vermos isso, ainda que de maneira elementar, basta considerarmos as afinidades e gostos variados dos estudantes em relação às disciplinas: alguns, preferem matemática; outros, geografia. Alguns educandos conflitam com o professor de literatura, mas tem relação pacífica com o de história. Viñao (2008) coloca que o currículo é composto por saberes elementares, por disciplinas, por exercícios e por atividades feitas na escola. O que nos leva a estar atento ao fato de que “[...] existem disciplinas ou matérias que não podem receber a aplicação da expressão disciplina escolar” (VIÑAO, 2008, p. 200), mas que estão na escola.

Julia (2005, p. 52) corrobora com este entendimento quando coloca que devemos atentar nosso olhar e não cometer o equívoco de pensar que “uma disciplina não é ensinada porque não aparece nos textos de programação ou porque não existem cátedras oficialmente criadas sob esse nome”. É o que, por exemplo, observamos ao longo da história da disciplina Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, que nos momentos iniciais, apesar de não ser apresentada no currículo oficial prescrito da escola, seus conteúdos já possibilitavam um certo percurso opaco no interior das práticas escolares e, portanto, do currículo escolar. Fato observado também na LDB de 1961 que coloca a Educação Física na escola enquanto uma prática obrigatória.

Viñao (2008) coloca que as disciplinas escolares podem ser campos de poder social e acadêmico, apropriações de professores e espaços sociais, fonte de exclusão social e

acadêmico, instrumento de reconhecimento de saber profissional. O que vai determinar isso ou aquilo é o campo de poder social e acadêmico que cada disciplina tem, algo construído pelos atores e interesses que perpassam o espaço escolar. Reforça que o processo educativo não é neutro e não está alheio às modificações políticas e da sociedade. Nesse sentido, Goodson (1995) coloca que uma disciplina surge no currículo inicialmente para responder a uma necessidade social imediata, mas para ela se manter precisa de uma tradição e uma utilidade acadêmica. Logo, “[...] a manutenção de uma disciplina escolar no currículo deve-se a sua articulação com os grandes objetivos da sociedade” (BITTENCOURT, 2014, p. 18).

Até o fim do século XIX o termo disciplina e disciplina escolar não designavam a mesma coisa. Disciplina era um termo ligado à vigilância e repressão de condutas que eram tidas como prejudiciais à ordem e à educação. Só nas primeiras décadas do século XX é que este termo ganha sentido relacionado ao currículo, isto é, ao que é ensinado e para designar conteúdo de ensino. E partir da Primeira Guerra Mundial ela passou a servir para classificar as matérias de ensino (SOUZA JUNIOR & GALVÃO, 2005): “[...] matéria de ensino suscetível de servir de exercício intelectual” (CHERVEL, 1990, p. 179), de modo que o sentido de disciplina não foi totalmente excluído, pois o conteúdo, ou seja, sua seleção, é uma das estratégias de disciplinar o espírito, dar ao educando métodos, regras e ensinamentos dos diferentes domínios do pensamento.

Por isso, o termo disciplina escolar esteve ligado ao termo conteúdo de ensino, e na escola observou-se que estes estiveram influenciados pela sociedade na qual se está inserida e pela cultura na qual se banha. Inicialmente, o termo disciplina era usado para elencar uma combinação de saberes a serem aplicados pedagogicamente sobre o aluno. Com o passar dos anos, passou-se a observar sua gênese, função e organização no espaço escolar, a fim de identificar como se materializa cada disciplina e como se dá o processo de aculturação de massa que ela vem a determinar.

Assim, estudar a história da disciplina passou a levar ao entendimento da finalidade da escola e da história do ensino nas instituições escolares. E estudar uma disciplina seria pensar e refletir acerca de objetivos, origens e influências, bem como se deu o processo de seu ensino e sua evolução didática. Neste sentido, disciplina é “[...] aquilo que se ensina e ponto final” (CHERVEL, 1990, p. 177). Assim, tudo o que é ensinado na escola faz parte da disciplina que compõe a escola. E o que compõe a escola? A nosso ver, as experiências ou interações que professores e estudantes têm com os conteúdos e métodos programáticos e não programáticos ao longo de um tempo, um período, uma época. O conjunto dessas experiências e suas

relações com o tempo e o espaço formam um currículo; isto é, um uma história do ponto de vista de um caminho percorrido, vivido por meio de experiências.

Estudar uma disciplina é levar em conta “[...] os conteúdos ensinados, os exercícios, as práticas de motivações e de estimulação dos alunos, que fazem parte dessas ‘inovações’ que não são vistas, as provas de natureza quantitativa que asseguram o controle das aquisições (JULIÁ, 2001, p. 34). Em suma, seu currículo; mas não só. O que nos leva à compreensão da instituição de ensino e suas relações com a sociedade. As forças que determinam a presença ou ausência de uma disciplina na escola ou mesmo de seus conteúdos particulares. Investigar uma disciplina dentro de um ambiente educacional possibilita a compreensão da cultura escolar. Assim, disciplinas escolares são vistas como “[...] modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos” (CHERVEL, 1990, p. 186). Contudo, o que ocorrem em meio a esses modos de transmissão, junto com eles, formam o currículo escolar; já que a disciplina escolar não consegue evitar experiências imprevistas.

Passou a ser importante identificar, classificar e organizar os objetivos de instrução e educação aos quais a disciplina escolar está envolvida no sistema escolar. As disciplinas escolares passaram a estar no centro da organização escolar, e estas tiveram como função “[...] colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa” (CHERVEL, 1990, p. 188). Em outras palavras, a serem constituídas por currículos prescritos especializados, as disciplinas tentaram restringir a vida escolar à pura transmissão dos conteúdos programáticos das matérias de ensino. Para entender o caminhar histórico de uma disciplina escolar, deve-se buscar os textos oficiais, discursos ministeriais, leis, decretos, acordos, planos de estudo, métodos de ensino, exercícios propostos, a evolução didática, a apresentação dos conteúdos, enfim, o ato pedagógico desenvolvido pelos que fazem a disciplina na tentativa de torná-la assimilável.

Contudo, o campo escolar e a organização das disciplinas não é algo neutro, indissociável de questões políticas e sociais. As políticas educacionais, os programas de ensino e os planos de estudos estão voltados para fins de manter o que a sociedade determina, assim as disciplinas geralmente buscam atender a esta finalidade. Mas atrelada a esta função, cada disciplina tem sua gênese e organização interna, e muitas vezes o que é pré-determinado, é modificado no cotidiano escolar para além do programático, considerando o que a invade o hermetismo vislumbrado pela disciplina. Por isso, não só o que é escrito é que deve ser observado, mas todo o processo no qual as disciplinas se organizam para atender aos objetivos educacionais.

A história das disciplinas escolares passou a ser um campo de estudo após a década de 1970, com a história cultural que ampliou o olhar para a cultura escolar. Cultura escolar entendida como um conjunto de normas, saberes a serem ensinados e os comportamentos a serem apreendidos (JULIÁ, 2001). A partir daí, a escola passou a ser observada não só como espaço de reprodução e transposição de conhecimentos externos, mas como “[...] um espaço de produção de saber” (VIÑAO, 2008, p. 188) indisciplinado, por assim dizer. Isso apesar de toda disciplina imposta no sentido de determinar o percurso programático dos estudantes no interior da escola.

A escola a ser vista como um local que traz o que vem de fora da escola, o adapta, o transforma e cria um saber e uma cultura própria questiona a noção de currículo ligada à idéia de disciplina enquanto rigidez no cumprimento da prescrição curricular. O local onde saberes e condutas nascem e apresentam marcar características de uma cultura própria, cada disciplina escolar tem sua autonomia e gera um conhecimento pedagógico próprio; não programático, para além do disciplinamento. O currículo passa a ser uma noção mais ampla das experiências educacionais. Ao buscar estudar uma disciplina escolar no currículo, deve-se observar a origem do ensino de cada disciplina e a história das forças sociais que levaram ou não a uma disciplina estar num determinado currículo, bem como que levaram a apresentar um dado currículo próprio e não outro. Fazer a história do currículo de uma disciplina é tentar desvendar a caixa preta que busca revelar e compreender o que ocorre neste espaço particular (JULIÁ, 2001). Os caminhos já demarcados ou os ainda fechados, por onde certa e incertamente estudantes e professores passarão.

É necessário observar que uma disciplina escolar “[...] é construída social e politicamente e os actores envolvidos empregam uma gama de recursos ideológicos e materiais para levarem a cabo as suas missões individuais e coletivas” (GOODSON, 1997, p. 27). Estudar a história da disciplina escolar leva à compreensão dos saberes que são levados à escola. E estudar a cultura escolar é estudar e analisar os processos e produtos das práticas escolares e os valores deste espaço; inclinando-se para a via curricular em vez de disciplinar. É a cultura escolar que dá a possibilidade da análise das tradições e continuidades, “[...] dos momentos, causas e modos de mudanças nos conteúdos ou exercícios de uma disciplina, assim como dos processos de ‘disciplinarização’ ou transformação de um saber em objeto de ensino” (VIÑAO, 2008, p. 190).

A educação teria uma finalidade real e uma finalidade de objetivo. As finalidades reais perpassam os interesses da comunidade escolar e concretizam as finalidades de objetivo. As finalidades de objetivo teriam origem no que é proposto pelo oficial, através de decretos, leis,

pareceres que disciplinam a educação escolar. Nesse sentido, Juliá (2001) coloca que a finalidade de uma disciplina esta indicada nos textos normativos dela, mas o olhar para o ensino real é necessário para que se compreenda sua materialização no cotidiano escolar de seu currículo. E a disciplina Educação Física como tem seu processo de inserção nas escolas brasileiras? Como ela esteve organizada ao longo da história do CODA-UFS?. Falar da Educação Física nos remete ao entendimento de que a mesma entra no espaço escolar mesmo antes de ser entendida enquanto disciplina escolar, para compreender de que forma ela adentra aos muros da instituição escolar, como configurou-se nesse processo de vir a ser um componente curricular da educação brasileira na condição de disciplina; depois de ter sido, por longo período, considerada atividade ou prática educativa.

Para isso se faz necessário retomar a idéia de que existe o currículo da escola onde disciplinas, atividades, eventos e todo o percurso pelo qual o aluno tem que passar para que tenha sua formação é explicitado. A disciplina, portanto, é um dos aspectos do currículo. Em hipótese alguma o currículo se reduz a ela ou que ela seja central no currículo da escola; apesar das forças que buscam essa centralidade. E dentro desta organização temos o currículo de cada disciplina, onde os conhecimentos específicos e o caminho a ser trilhado para que estes sejam apreendidos. O currículo da escola deve ser visto enquanto o caminho a ser percorrido pelo aluno ao ser formado e este é definido pelos que fazem a instituição escolar. Ele é entendido como o conjunto do que se ensina e do que se aprende. E para esta compreensão faz-se necessário observar o que é escrito, planejado e atrelado a isto o que é materializado e vivenciado nos espaços de aprendizagem. Tudo o que é feito e vivido no espaço escolar é tido como componente do currículo escolar, que está além do que é prescrito.

Partindo desse entendimento, podemos pensar em compreender o percurso da Educação Física no ambiente escolar. Pois, ao vermos o seu estar na escola, observamos que a mesma, em alguns períodos, esteve fora do currículo prescrito, mas ao observar-se todas as atividades propostas pelas instituições escolares, ela esteve presente e era utilizada como um dos meios e seus conhecimentos tidos como essencial à formação do educando. Estudar a constituição da história da Educação Física no currículo do CODAP-UFS perpassou o entendimento desta enquanto elemento que esteve presente nas instituições escolares, mas muitas vezes não estava descrito no currículo prescrito, isto é, na perspectiva disciplinar, mas sim no currículo desenvolvido pela escola. Ressaltamos a idéia de que temos o currículo da escola e o currículo específico do componente, e o que precisamos compreender é se o currículo do segundo contribui para o que o currículo da escola propõe e para a formação do aluno e vice-versa.

2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU DISCIPLINAMENTO: BREVE RETROSPECTIVA PANORÂMICA

A Educação Física é hoje uma disciplina que compõe o currículo escolar, mas no seu processo de materialização nem sempre foi assim. Entender o caminhar de uma disciplina no currículo nos remete ao entendimento do porquê de determinado conhecimento ser ensinado (SOUZA JUNIOR, 2005, p. 393), bem como o percurso vivenciado pelo aluno e todos os processos internos deste caminhar para que o conhecimento seja tratado no currículo escolar.

Em termos estruturais, isto é, de uma perspectiva vertical e hierárquica do governo de Estado para com a sociedade e as suas instituições, a Educação Física entra nas escolas brasileiras apoiada no discurso médico higienista que incentivava a prática da ginástica de forma a contribuir com o processo de higienização do povo brasileiro. Deveria então “[...] tornar os corpos mais dóceis e submissos à ótica do poder e, ao mesmo tempo (e por isso mesmo), mais ágeis, fortes e robustos sob a ótica da produção enquanto expressão do poder e da ordem” (SOARES, 1994, p. 121).

As atividades propostas tinham como base as idéias médico higienistas, se baseavam na anatomia e fisiologia do movimento, como o intuito de ser um procedimento a ser adotado e incorporado como hábito para toda a vida. E assim poderia “melhorar o corpo social e mantê-lo em um permanente estado de Saúde” (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 161). De acordo com Soares (2001, p. 71), a Educação Física era vista como um “valioso componente curricular”, mesmo não sendo entendida como uma disciplina que compunha o currículo das escolas, mas como uma atividade que fazia parte do currículo como objetivos higiênicos, eugênicos e morais.

Assim, a ginástica era o conhecimento trabalhado, com diferente organização para homens e mulheres. E quem era responsável por trabalhar com estes conhecimentos eram os militares ou pessoas formadas por eles, e seu objetivo era fortalecer a saúde, dar ao corpo solidez e harmonia, e contribuir com a higienização e eugeniação do povo. Várias leis e decretos estiveram a dar orientações acerca da Educação Física no ambiente escolar, tais como o Decreto n 19.890 de 18 de abril de 1931 (conhecido como Reforma Francisco Campos) que no seu Art. 9 dizia “[...] durante o ano lectivo haverá ainda, nos estabelecimentos de ensino secundário, exercícios de educação physica obrigatórios para todas as classes”. Nesse decreto havia a organização das disciplinas dos ensino secundário; a Educação Física estava como importante para a escola, mas não enquanto disciplina, e sim

como exercícios que contribuiriam para o projeto de construção do Estado Nacional por preparar indivíduos sadios.

A Lei Constitucional n 1 de 1937 colocava a Educação Física com o objetivo de contribuir para o aprimoramento racial, para a eugeniação do nosso povo e com as idéias nacionalistas. O Decreto Lei n 2072 de 08 de março de 1940, coloca a Educação Física com o objetivo de “[...] fortalecer a saúde e dar ao corpo solidez, agilidade e harmonia, além práticas de higiene” (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 90-91). Corroborando com a idéia e organização da Educação do nosso país neste período que visava ofertar uma educação cívica, moral e física.

Percebemos que a Educação Física esteve no ambiente escolar sendo vista como essencial à formação verticalizada dos indivíduos. Mas esteve enquanto práticas, exercícios ou mesmo como atividades que contribuiriam para o processo educativo e não estava prescrita ainda enquanto disciplina curricular. Por isto, em muitos momentos históricos, para compreender a Educação Física é necessário entender não só a organização curricular da escola no seu aspecto disciplinar e estrutural, mas todas as atividades propostas – vividas – para a formação do educando, sendo que dentre essas algumas escapavam ao discurso do Estado Nacional; de modo que em termos de uma teoria da história, as teses macroscópicas de Castellani Filho (1993) hoje são consideradas insuficientes em relação ao conceito de cultura escolar.

Em 1942, tivemos a Reforma Capanema, com ela a Educação Física tornou-se obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e para todos os alunos de até 21 anos. Neste período observava-se uma Educação a serviço da nação que estava sendo construída, nela via-se a disciplina, o sentimento de dever, exaltação patriótica. E a Educação Física contribuiria com a criação de indivíduos que pudessem construir uma identidade nacional e haver assim uma valorização da auto imagem do brasileiro.

Buscava-se construir a idéia de uma nação forte, e para que isto acontecesse era necessário o desenvolvimento de uma educação intelectual, moral e física do povo. Para que assim a população fosse instruída, educada e estivesse apta para ajudar no desenvolvimento do país. O indivíduo seria formado e assim “civilizado, de maneiras amaciadas, disciplinado, sadios e trabalhadores ordeiros-, que assim poderiam contribuir para o desejo do progresso social” (VAGO, 1999, p. 32). Nesse sentido, observava-se uma cultura escolar voltada para “cultivar um corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição aquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso (VAGO, 1999, p. 32). A Educação Física estava atrelada a outras práticas corretivas e saneadoras, neste sentido via-se uma

cultura escolar objetivando a cultura dos corpos, onde a ginástica era um dos componentes que contribuía para isto.

Vemos ainda uma Educação Física que ainda não aparece no currículo enquanto disciplina, mas a mesma foi entendida como uma prática educativa necessária ao aluno. Nota-se uma ampliação da finalidade da Educação Física na escola, a mesma não serviria apenas para o adestramento e preparo físico, mas também para propagar os ideais nacionalistas difundidos na época. Além de uma organização desta prática em sessões ofertadas nas primeiras horas da manhã ou nas últimas horas da tarde. E também provas práticas como forma de acompanhar a aprendizagem nas atividades ofertadas. Mesmo assim, a Educação Física continuava com uma natureza prática e utilitária, onde o homem deveria melhorar seu desempenho físico para assim contribuir para o crescimento da economia e da nossa nação.

Souza Júnior & Galvão (2005) ressaltam que a partir da década de 1940 a Educação Física passa a estar na escola para reconfigurar a correção dos corpos tendo como base princípios que buscam a eficiência dos gestos necessários ao desenvolvimento do país. Além disso, adentra aos muros do ensino industrial, comercial e agrícola. De acordo com Castellani Filho (1998) a Educação Física servia para trabalhar o físico e também compensar o desgaste da força no trabalho. Assim, jogos e esportes começam a fazer parte dos conhecimentos trabalhados nesta área de ensino. Ao final da década de 1940 já se começa a pensar na criação de diretrizes e bases para a Educação Nacional, mas só em 1961 a Lei n 4024 é promulgada. Nela, temos toda uma organização do ensino, desde condições de reconhecimento de estabelecimentos de ensino, até grade de práticas educativas obrigatórias e optativas, normas para contratação de professor e toda a organização das escolas.

A Educação Física foi vista como uma prática educativa optativa, o artigo 22 coloca que “[...] será obrigatória a prática de educação física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos”(BRASIL, 1961). A partir de meados da década de 1960 vimos o esporte como conhecimento a ser trabalhado também nas aulas de Educação Física, mas ainda tínhamos a aquisição de habilidades e capacidades físicas como finalidade desta área. O esporte era visto como a coroação do mundo onde competição, concorrência, liberdade, vitória e consagração eram vivenciados (OLIVEIRA, 2004).

Via-se a Educação Física presente nas instituições escolares, mas não ainda no currículo formal apresentado na forma de distribuição das disciplinas escolares. Era apresentado como práticas educativas e/ou atividades complementares ao currículo pensado pela escola. O conhecimento ganha uma abrangência maior, agora ginástica e esporte adentram aos muros escolares, organizado de forma obrigatória e em sessões.

Com a Lei n 5.692 de 11 de agosto de 1971, a Educação Física é ampliada a todos os níveis de ensino, ainda com o objetivo de desenvolver o físico. A partir daí, a Educação Física passa a ser entendida como uma atividade, ainda que ela já “passasse a ter todas as configurações de uma disciplina escolar”(OLIVEIRA, 2001, p. 33), quer sejam conteúdos específicos, quer seja por apresentar exercícios, práticas de motivação, provas, elementos constitutivos de uma disciplina escolar (CHERVEL, 1990).

A Educação Física, ao trazer como conhecimento mais trabalhado o esporte, contribuía para o desenvolvimento das pessoas e ao mesmo tempo era entendida como mecanismo político do governo para atingir seus objetivos de controle da população. O esporte passa a ter destaque nas aulas de Educação Física e a ser visto como potencial para nosso país mostrar sua força frente a outras nações; assim era vinculado à educação e ao desenvolvimento do país (OLIVEIRA, 2001). Ao mesmo tempo percebia-se que muitos professores de Educação Física desconheciam os objetivos do Estado para com a organização de sua disciplina, conforme Oliveira (2003) apresenta em seus estudos. Assim, em muitos casos, o governo podia até ter estas idéias, mas faltava o professor ter o conhecimento disto.

Buscar entender a organização histórica da Educação Física nas escolas perpassa o olhar para a organização do esporte e de algumas competições esportivas. Pois até a década de 1980 e meados de 1990 a Educação Física era vista como uma atividade, obrigatória no currículo escolar. A Educação Física adentra aos muros da escola, em alguns momentos esteve presente nas cerimônias escolares, desfiles cívicos, festivais e jogos. E em outros como forma de disciplinar os corpos e os hábitos a serem seguidos. E observar estas práticas podem nos dar elementos de como esta área de conhecimento esteve organizada, já que observando as cerimônias e práticas corporais podemos ter idéia de como as atividades sociais vivenciadas por determinados grupos são apresentadas (CONNERTON, 1999) e assim observar as imagens do passado e como conhecimentos são transmitidos e conservados, através de rituais e performances.

Nesse sentido, faz-se necessário um cuidado ao ver a história da Educação Física apenas como algo determinado pelas ações oficiais de governos e instituições e consolidada de forma incontestável, pois é primordial entender os limites e possibilidades vivenciados pelos sujeitos que receberam as pré-determinações e vivenciaram o cotidiano escolar, construindo sua cultura escolar. Tendo em vista que a escola produz uma cultura própria, onde filtra e assimila as determinações extracurriculares conforme suas necessidades (GOODSON, 1995).

Só a partir da década de 1990 é que novas discussões surgem, novas formas de ver a contribuição da Educação Física na formação do educando. E a partir daí esta disciplina passa a ser repensada tendo como anseio o processo de redemocratização de nosso país. Com a Lei n 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Educação Física passou a ser vista como um componente curricular na escola, importante para o processo de formação disciplinar do aluno. No artigo 29, § 3, a “Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

A partir daí novos objetivos, novos conhecimentos, novas formas de organizar a Educação Física foram sendo criadas, com o intuito de legitimar esta prática pedagógica. E assim passou a estar enquanto disciplina nos currículos escolares, como o objetivo de contribuir com o processo de formação do aluno. E entender a organização curricular da Educação Física é buscar compreender as atividades desenvolvidas por esta disciplina e pelas atividades pensadas pelos que fazem a escola e que envolve as especificidades desta. Assim, currículo da Educação Física e currículo da escola são compreendidos, além do olhar dado à organização desta disciplina escolar.

3.0 A TRAJETÓRIA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE NO PERÍODO DE 1959 ATE 1996

Este capítulo apresenta uma organização curricular do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, desde seu início de funcionamento em 1960, até o ano de 1995, marco temporal de trinta e seis (36) anos elencado para este estudo. Mediante uma sistematização dos dados documentais levantados com base em uma perspectiva teórico-metodológica da História Cultural, esperamos apresentar algumas práticas e atividades escolares, decorridas durante esse período no CODAP-UFS, em termos de uma narrativa capaz de demonstrar uma lógica – ou um fio condutor – que as reúna, as articule e as concatene em torno de uma hipótese de currículo. Nesse sentido, retomando nossa compreensão, já exposta em nosso referencial teórico-conceitual, um currículo pode ser identificado na medida em que busca apresentar o entendimento das atividades desenvolvidas pela instituição escolar, nas quais buscamos identificar a Educação Física neste campo curricular.

Por essa via, currículo implica todas as práticas escolares, programadas e/ou reconhecidas ou não pela instituição, em que disciplinas, atividades..., independentemente de serem ou não consideradas institucionais e legalmente como necessárias à formação do aluno; mas, que, inevitavelmente, durante um curso do tempo, foram marcantes ou significativas para os sujeitos de suas experiências e que, por isso, implicam práticas memoráveis; visto que seus sujeitos passaram, desde então, a carregá-las, voluntária ou involuntariamente, em suas recordações registradas e expressas em suportes físicos e formas variadas, a exemplo de narrativas orais, documentos escritos, fotografias, objetos ou pensamentos. Considerando o trabalho da historiadora, tais práticas, a partir da elaboração da pesquisa, passaram ao campo do observável; ou seja, do objetivo; possibilitando uma visão curricular da Educação Física nesse contexto.

Em seguida apresentaremos os marcadores da experiência escolar – programados e reconhecidos – institucionalizada na forma de regimentos, planos pedagógicos que nortearam o trabalho ora desenvolvido. Além disso, nosso trabalho de organização dos dados se pautou em algumas categorias empíricas que surgiram a partir do olhar para as fontes encontradas, tais como: i) programas disciplinares; ii) conhecimentos ensinados, iii) quadro de professores, iv) participação em eventos, festividades e competições; v) premiações.

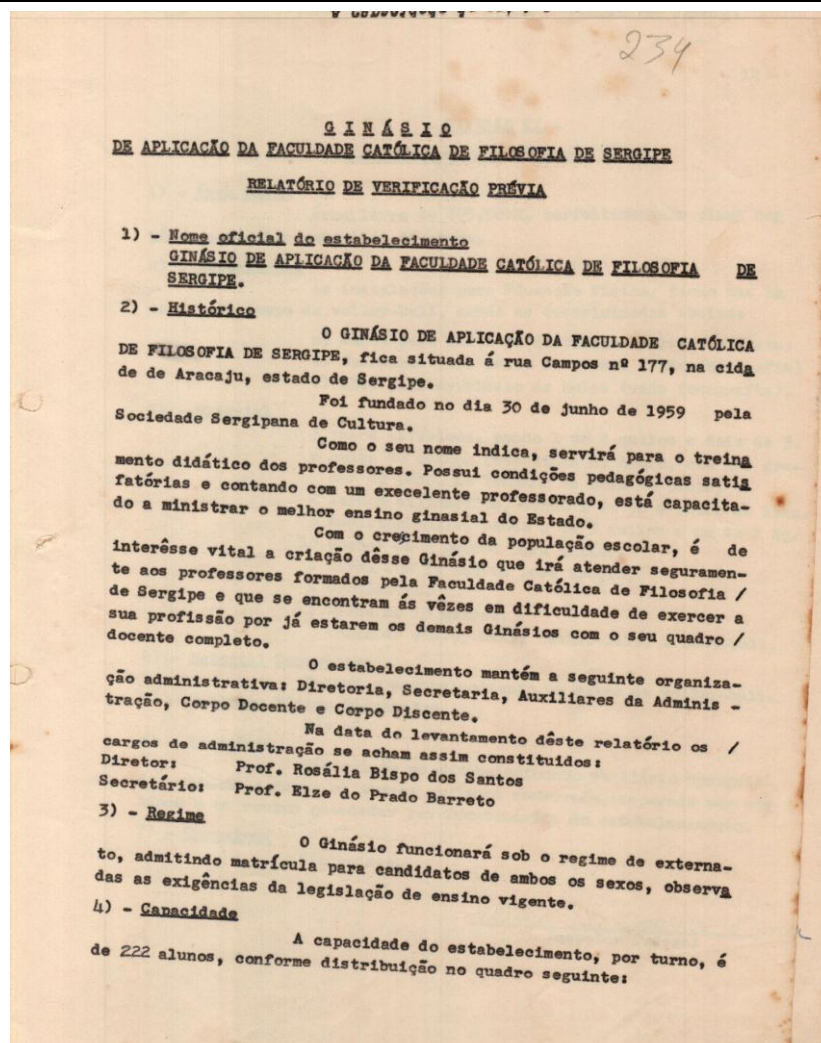
3.1 O CURRÍCULO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PERÍODO DE 1960 A 1996

Os Ginásios de Aplicação começaram a existir em nosso país a partir de 1946, depois do Decreto Lei n. 9053, que autorizava as Faculdades de Filosofia do Brasil a criarem e manterem seus respectivos Ginásios de Aplicação, com o objetivo dos mesmos servirem de campo de estágio para os alunos dos cursos de didática (BRASIL, 1946). Nesse período começava-se a ter uma preocupação com os profissionais que estariam no ensino secundário, daí a necessidade de se pensar em formar novos professores. Os ginásios de aplicação serviriam, portanto, para que fossem ampliadas as possibilidades de aplicação do que era apreendido nos cursos de forma teórica e para experimentação de elementos metodológicos apreendidos nas Faculdades de Filosofia. Fica evidente que, nesse caso, a educação, mais especificamente suas questões teórico-metodológicas, implicava um problema filosófico; ou que se tratava de uma questão sobre a qual a filosofia deveria se ocupar.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe foi fundado em 30 de junho de 1959, com a denominação de Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (GAFCCFS), em meio aos anseios das Faculdades de Filosofia Brasileiras de terem um campo de prática para que os alunos concludentes pudessem experimentar o fazer pedagógico e as novas formas de ensinar e, assim, os conhecimentos obtidos no curso fossem levados à prática de sala de aula. Contribuindo então para o processo de formação de professores que atenderiam ao ensino secundário.

No relatório emitido em 03 de agosto de 1959 (Figura 01), pela inspetora federal Celina Oliveira Lima, observamos com que finalidade o Ginásio de Aplicação foi criado, pois: “Como seu nome indica, servirá para treinamento didático dos professores. Possui condições pedagógicas satisfatórias e contando com um excelente professorado, está capacitado a ministrar o melhor ensino ginasial do Estado”. Contudo, além dessa finalidade formativa, o parágrafo abaixo informa que o Ginásio de Aplicação foi criado para suprir a falta de vagas de trabalho para os professores recém formados exercerem a profissão, já que os quadros docentes já estariam preenchidos.

Figura 01 - Relatório Emitido em 03 de Agosto de 1959: Inspetora Federal Celina Oliveira Lima

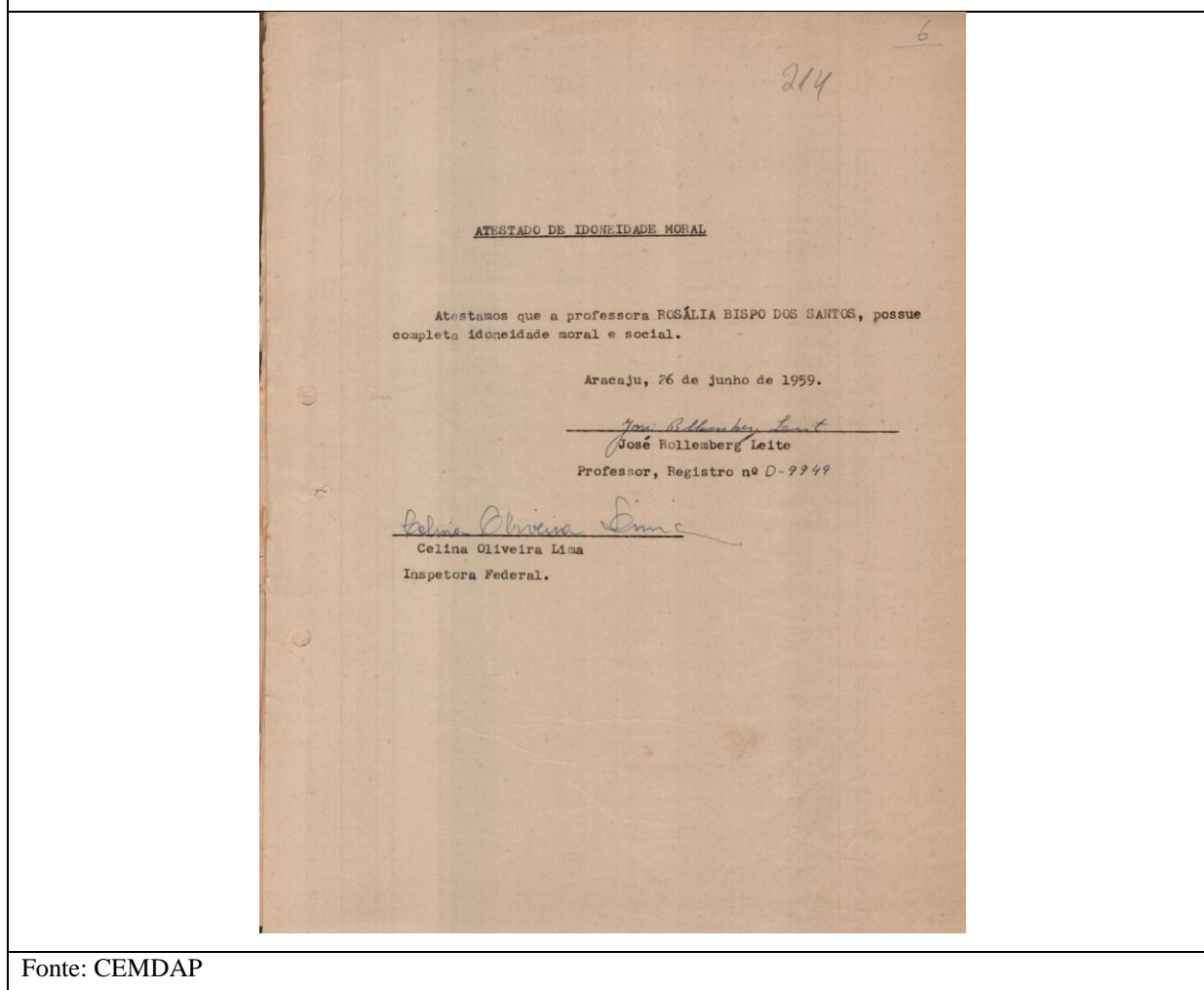


Fonte: CEMDAP

O GAFCS começou seu funcionamento ofertando o ensino ginasial de primeiro ciclo, a partir de 1960, após autorização para funcionamento conforme inspeção do Ministério da Educação e Cultura, através de sua Diretoria do Ensino Secundário. Assumiu a direção a professora Rosália Bispo dos Santos, conforme consta seu nome no documento acima (Figura 01), formada em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Sergipe, iniciou sua formação com o ingresso na Escola Normal. Além disso, concluiu o curso de aperfeiçoamento em 1944, na Escola Nacional de Desportos da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Essa formação possibilitou à então diretora, sua nomeação para assumir a função de professora de Educação Física da Escola Normal.

Não podemos deixar de mencionar que em sendo designada diretora, a professora foi, como condição necessária, considerada qualificada e com “idoneidade moral e profissional para diretor” (BRASIL, 1961, Art. 16, SS 1); requisito primordial para assumir o cargo de diretor e de professor neste período. Chama atenção o fato de a então Inspetora Federal, em vista ao Ginásio de Aplicação, fora responsável pelo atestado de idoneidade moral e social de Rosália Bispo. Da mesma forma, esse ato desperta a curiosidade acerca dos procedimentos e critérios de avaliação de tal estado ideal para o exercício do cargo de direção. Ou seja, que tipo de teste, caso aplicado, era utilizado para mensurar ou constatar as habilitações de cunho moral e social? Deixemos essa pergunta em suspenso para a presente pesquisa; pois a depender dos critérios de moralidade impostos podemos inferir aspectos da própria formação curricular esperada para os estudantes do Ginásio, já que supomos que os mestres deveriam ser referência principal para o comportamento estudantil no âmbito de uma pedagogia do exemplo.

Figura 02 – Atestado de Idoneidade Moral Expedido pela Inspetora Federal Celina Oliveira Lima



Na sequência, observaremos que no documento da autorização de funcionamento do Ginásio de Aplicação, expedido em 1960, nos é apresentado o quadro de disciplinas e professores específicos de cada uma. Deste quadro infere-se que a grade curricular inicial apresentava as disciplinas Português, Francês, Matemática, Geografia, História do Brasil, Latim, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico e Educação Física, sendo estas ofertadas na condição de disciplinas ou de atividades aos alunos matriculados no ginásio. Não obstante, trata-se do primeiro indício documental referente ao nosso objeto de estudo: o currículo da Educação Física no currículo do CODAP-UFS.

Contudo, deparamo-nos, de maneira patente, com a presença da Educação Física como conteúdo curricular específico – ao lado de outras disciplinas ou atividades – do Ginásio. Não obstante, neste ponto, não encontramos, ainda, dados relativos ao currículo da disciplina mesma e, portanto, permanecemos impossibilitados de compararmos se seus conteúdos específicos estavam de acordo com a perspectiva geral do Ginásio acerca da formação integral de seus alunos. De todo modo, o referido testemunho escrito mostra que nosso objeto de estudo – o currículo da Educação Física – estava presente nesta instituição desde sua fundação.

O Quadro 01 abaixo nos apresenta as disciplinas e seus respectivos professores, com destaque para as matérias lecionadas por Rosália Bispo dos Santos que, como vimos acima, além de diretora e professora de Educação Física, também ministrava as aulas de Português e de Francês, de acordo com sua formação inicial, anteriormente citada no presente capítulo, em Letras Neolatinas, pela Faculdade Católica de Sergipe. Vale ressaltar ainda o nome de José Rolemberg Leite, professor de matemática, segundo o quadro, bem como o sujeito que assinou, junto à já mencionada inspetora federal, o atestado de idoneidade moral e social da professora Rosália Bispo; tal como constatamos no documento exposto acima na Figura 02. Importante ressaltar que a função que autorizava José Rolemberg assinar o documento não está pronunciada no mesmo.

Quadro 01- Quadro de Professores e Disciplinas e/ou Atividades do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1960.	
DISCIPLINAS E/OU ATIVIDADES	PROFESSOR
Português	Profa. Rosália Bispo dos Santos
Francês	Profa. Rosália Bispo dos Santos
Matemática	Dr. José Rolemberg Leite

Geografia	Profa Josefina Sampaio Leite
História do Brasil	Dr. Gonçalo Rolemberg Leite
Latim	Mons. José de Araújo Machado
Desenho	Profa Olga Andrade Barreto
Trabalhos Manuais	Profa Cecília Teixeira
Canto Orfeônico	Profa Cândida Viana Ribeiro
Educação Física	Profa. Rosália Bispo dos Santos
Fonte: Estudo do Relatório do Futuro Ginásio – 1960. Localizado no CEMDAP	

Embora um dado deveras insipiente e apenas indicial, podemos chamar a atenção para sua novidade quanto à historiografia do CODAP-UFS, já que em um estudo anterior ao nosso, responsável por investigar a história do currículo da instituição – e não de uma disciplina em particular, não acusou a presença da Educação Física no currículo do Ginásio. Trata-se dos estudos de Nunes (2012), que apresenta a grade curricular da instituição, tendo como fonte o livro de registros de notas do Ginásio de Aplicação; reapresentado por nós no Quadro 02, na sequência. Percebemos que, além de não constar a Educação Física no referido livro há uma diferenciação entre as atividades e/ou disciplinas apresentadas neste estudo e aquelas por Nunes(2012); fato constatado pela divergência das fontes consultadas; embora tal discrepância não seja, pelas mesmas, explicada. Isso reforça a idéia de que o olhar histórico construído sobre algo pode ser diferenciado, a depender da fonte encontrada e aplicada no estudo e, também, do olhar de quem está escrevendo a história.

No que tange à Educação Física, percebemos que a mesma não foi citada por conta dela estar no currículo, mas por não conferir uma nota para o aluno. Vimos que Nunes (2012) menciona as disciplinas existentes a partir do registro de notas, assim deixa de mencionar atividades e práticas pertencentes ao currículo e à cultura escolar, conforme apresentado no quadro 02.

Quadro 02 – Grade Curricular do Curso Ginásial – 1º ano						
DISCIPLINAS	1960	1961	1962	1963	1964	1965
Português	X	X		X	X	X
Latim	X	X		---	---	---
Francês	X	X		X	X	---

Inglês	---	---		---	---	---
Matemática	X	X		X	X	X
História do Brasil	X	X		X	X	X
História da América	---	---		---	---	---
Geografia	X	X		X	X	X
Trabalhos Manuais	X	X		---	---	---
Desenho	X	X		---	---	---
Música e Canto Orfeônico	X	X		---	---	---
Religião	X	X		---	----	---
Ciências				X	X	X

Fonte: NUNES (2008)

Desse modo, o que Nunes (2008) chamou de Grade Curricular é uma inferência sua a partir do Livro de Registro de Notas do Ginásio de Aplicação. Que confrontado com a Grade Curricular da mesma, por nós encontrada, faz-se abrir uma lacuna sobre o estatuto integral da Educação Física na Instituição. Na década de 1960 algumas disciplinas eram discriminadas no currículo escolar, mas outras eram apenas e diretamente trabalhadas enquanto atividades consideradas essenciais para a formação aluno; embora não prescritas. Com isso, observamos que a Educação Física se mostrava no currículo do Ginásio de Aplicação, sendo, portanto, uma disciplina prescrita – não sabemos se programada em seus conteúdos e em termos teóricos e práticos. Percebe-se, então, um olhar dado à Educação Física, não como uma disciplina com conhecimentos a serem ensinados e avaliados, tendo em vista que já havia reprovação em Educação Física, mas sim como uma disciplina com elementos significativos à formação e disciplinarização dos estudantes.

A nosso ver, o currículo do Ginásio de Aplicação se antecipa à Lei n. 4024, de 1961, responsável por determinar o modo de organização da Educação Brasileira, que passa a seguir suas orientações no que tange à preparação do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos, desenvolvimento integral da personalidade humana e fortalecimento da unidade nacional (Lei n. 4024 de 20 de dezembro de 1961). Inclusive o GAFCS, que organiza sua estrutura para atender as necessidades então legalmente expressas. Não obstante, o Quadro 02 apresentado acima, no qual constam registros do mesmo ano da lei em pauta, nos expõe a constituição deste caminhar, mas sem atentar-se para todos os olhares a

que a lei dava orientações. Tendo em vista que a Educação Física não consta nessa apresentação relativa à avaliação dos desempenhos dos alunos por notas; por que o mesmo teria ignorado tanto o currículo de 1960 e a própria lei subsequente que obriga a presença da matéria no currículo das escolas?

Entretanto, os atuais documentos ainda não comprovam a existência de três situações passadas: a) a Educação Física, embora prescrita no currículo, era praticada?; b) em sendo praticada, era planejada conforme uma sequência didática de conteúdos e práticas específicas? c) por que ela aparece prescrita no currículo, mas não consta no registro de notas do Ginásio? Para as duas primeiras questões ainda não temos respostas hipotéticas. Porém, para a terceira pergunta formulamos duas hipóteses parcialmente excludentes: 1^a) é possível que, logicamente, a Educação Física, apesar de ser, à época, uma disciplina prescrita, seus alunos não eram avaliados; 2^a) apesar de submeter seus alunos à avaliação, a Educação Física não era passível de transformar os desempenhos estudantis em conceitos qualitativos ou em números. Caso a primeira hipótese esteja correta, em uma associação entre passado e presente, podemos notar que o problema atual da ausência da figura da reprovação nas aulas de Educação Física tem origens mais antigas.

Assim, a Educação Física estava apresentada no currículo da instituição conforme registrado no Quadro 01, tendo em vista que neste quadro de disciplinas ela já estava presente. Apesar da mesma não estar presente no quadro de notas, não indica que ela não era vivenciada, pois nos primeiros anos esta disciplina era entendida enquanto prática educativa. Faz-se primordial entender como esta disciplina era organizada no cotidiano escolar para assim apresentar-se no currículo necessário à formação dos alunos.

Essas questões reforçam as idéias de Goodson (1995), sobre a historiografia ter de observar as práticas desenvolvidas nas escolas, o dia a dia entre professor e aluno, a história interna da escola; para poder apresentar o entendimento do currículo proposto e vivenciado pelos que fazem a instituição escolar. Contudo, nem sempre – ou quase sempre – os documentos disponíveis são capazes de preencher essa lacuna necessária para a compreensão do tempo passado. Tendo em vista que partindo dessa idéia, teríamos que observar o currículo prescrito (formal, estruturado) e o currículo posto em ação – programado ou eventual – no qual cada disciplina cumpre seu currículo próprio e todas as atividades e disciplinas se organizam para fazer o currículo da escola, o caminhar que o aluno tem para que seja formado de maneira integral.

É nesse sentido que entender a configuração da Educação Física no currículo escolar perpassa por entender o currículo geral da escola, já que o fato de ser apresentada no currículo

e estar, ao mesmo tempo, ausente no Livro de Notas, o que deve implicar práticas avaliativas, evidencia que a mesma servia a alguns interesses, mas não a outros vinculados ao conceito ou ao quantitativo do desempenho. Por não ser avaliada, faz sentido concebê-la, até a década de 1970, como uma prática educativa— e não na condição de disciplina — a ser ofertada ao aluno, para complementar o currículo de formação dos indivíduos. E muitas vezes esta não era apresentada no currículo formal, mas ao investigarmos as atividades nas quais os estudantes participavam percebemos o quanto a Educação Física esteve presente, quer seja em eventos, competições, festivais, desfiles cívicos dentre outros; enquanto prática educativa contribuía para o processo de formação moral do estudante para atuar na vida de forma eficaz, onde a sociedade deveria manter-se equilibrada e harmonizada, onde valores morais e sociais devem ser assegurados e apreendidos (OLIVEIRA, 2003).

Conforme Juliá (2005, p. 52), não podemos nos equivocar e pensar que “[...] uma disciplina não é ensinada porque não aparece nos textos de programação ou porque não existem cátedras oficialmente criadas sob esse nome”. Todavia, para o presente caso, a Educação Física possuía, uma professora nomeada. Não sendo qualquer professora, mas a mesma que ocupava o cargo de direção e, além disso, lecionava um número de disciplinas maior que os demais docentes, que, cada um, lecionava apenas uma matéria; conforme a grade curricular documentada.

O fato de Rosália Bispo lecionar três disciplinas, dentre elas a Educação Física, e, ainda, ocupar o cargo de diretora, significava uma elevação, uma redução ou uma indiferença quanto ao *status* de valor da referida disciplina? Ou seja, por que a professora que ocupava o principal cargo diretivo da instituição e duas das principais disciplinas para época, ministrava a disciplina ou atividade Educação Física? Seria por que exclusiva e simplesmente a professora era a única com habilitação para tal exercício? Por que Rosália Bispo foi cursar Educação Física no Rio de Janeiro se já possuía habilitação, por meio de formação local, para as disciplinas de línguas vernácula e estrangeira? Em que medida sua formação em letras influenciou seu trabalho didático e de conteúdo dedicado à Educação Física? Essas perguntas contribuem para orientar esta e outras pesquisas.

Estudos como o de ANDRADE (2014, p. 92) apresentam a realidade da Educação Física em Sergipe, no que tange a formação dos professores desta área. De acordo com o autor, “em 1961 haviam poucos professores habilitados pela escola Nacional de Educação Física e Desporto, dentre eles estava: Edilberto Reis Cunha, Elodi Fontes de Carvalho, Rosália Bispo dos Santos, Félix D’Ávila e Candido Pereira Augusto Sampaio”.

Ao darmos sequência às buscas por fontes nos arquivos da Universidade Federal de Sergipe e do atual CODAP-UFS, encontramos algumas grades do final da década de 1960 (Conforme figuras 3,4,5,6,7,8,9),– época em que o Ginásio já não estava sob direção de Rosália Bispo, mas sim de Lindalva Cardoso Dantas, cujo nome não apareceu, associado a outras funções, nos documentos institucionais anteriores por nós encontrados –nas quais a Educação Física se encontra mencionada, tendo em vista que de acordo com o que legalizava a educação brasileira nesse período, Lei n. 4024, de 1961, a Educação Física deveria ser colocada nos currículos escolares enquanto uma prática educativa obrigatória. No ainda Ginásio de Aplicação, aconteceu o que era previsto, tivemos uma Educação Física ofertada, tendo como base formar os comportamentos, mentalidades e hábitos necessários para estar na sociedade da época. Buscava desenvolver hábitos sociais, que vão desde comportamentos até formas de cuidado do próprio corpo e assim levar o sujeito a ter formas de comportamentos embasadas nos valores da época.

Via-se neste período uma preocupação com a dissiminação de valores morais e civismo, na medida em que havia uma preocupação com a integração da criança ao meio social, para que ela aprendesse a utilizar o tempo livre, com autodisciplina e assim pudesse desenvolver condutas sociais aceitas. Assim, a “Educação Física cumpria um papel de atividade canalizadora das energias dos alunos que não estariam sujeitos às influências nefastas do mundo extra-escolar”(OLIVEIRA, 2003, p. 208).

Vejamos os currículos apresentados abaixo, conforme as figuras 03 e 04. Temos dois quadros curriculares da instituição, mas não os quadros específicos das disciplinas. Arelados a este quadro se faz necessário extrair os indícios da configuração da cultura escolar vivida para assim ver o que de fato era vivenciado enquanto currículo daquela época, para além das previsões prescritas e/ou programáticas. No entanto, mantendo-nos sobre dados objetivos, notamos algumas semelhanças e diferenças entre os documentos, de modo que as distinções nos apontam para duas concepções de Educação Física na época, atribuídas pelo mesmo Ginásio.

No documento da Figura 03, cujo conteúdo original foi datilografado, a Educação Física consta, acima de Religião e Iniciação Artística (acrescida posteriormente à caneta), na categoria de “Atividades Complementares”, enquanto que no registro da Figura 04, também de conteúdo datilografado, na condição categorial de “Práticas Educativas”; também junto ao componente Religião. Sendo que a categoria “Atividades Complementares” permanece, mas agora abrigando apenas Iniciação Artística (ainda acrescida à caneta), acima de Canto e Ação Social, que antes não aparecem. Observemos os detalhes dos documentos.

Figura 03 – Currículo de 1967

Anexo II

CURRÍCULO DE 1967 – CICLO COLEGIAL

Hipótese A		Hipótese C	
1º Ano:	2º Ano:	1º Ano:	2º Ano:
Port. - 4	4	4	4
Hist. - 3	3	3	3
Geog. - 4	-	4	3
Matem. - 4	4	-	4
Ciências - 4	-	-	4
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:</u>			
Física - 4	4	-	-
Química - 3	3	-	-
Biologia - 3	3	-	-
Francês - -	-	4	4
Latim - -	-	3	3
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS:</u>			
Inglês - 3	-	3	3
Desenho - -	4	-	-
Filosof. - -	-	3	3
<u>ATIVIDADES COMPLEMENTARES:</u>			
Educ. Fís. 2	2	2	2
Religião 1	1	1	1
<i>Trabalho artístico</i>	2	2	2

Obs.: Na hipótese C, Biologia é a parte das Ciências Físicas e Biológicas que, no 2º ano, compreende a Biologia Humana.

Aracaju, 20 de maio de 1967

Lindalva Cardoso Dantas
Diretor

Figura 04- Currículo de 1969

Anexo I

CICLO GINASIAL – CURRÍCULO DE 1967

HIPÓTESE C			
1ª Série:	2ª série	3ª série	4ª série
Português - 5	5	5	5 aulas
História - 2	3	3	3 "
Geografia - 3	3	3	4 "
Matemática - 5	4	4	4 "
Ciências - 2	2	2*	3 "
<u>DISCIPLINAS COMPLEMENTARES:</u>			
Inglês - -	-	3	3 aulas
Latim - -	-	2	2 "
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS:</u>			
Francês - 3	3	-	-
Desenho - -	-	2	3 aulas
<u>PRÁTICAS EDUCATIVAS:</u>			
Educ. Física - 2	2	2	2 aulas
Religião - 2	2	2	1 "
<u>ATIVIDADES COMPLEMENTARES:</u>			
<i>Trabalho artístico</i>	2	2	2
Canta - 2	2	2	2
Ação social - 1	1	1	1 aula

Obs.: *Ciências na 3ª série entra como disciplina educativa, pois o programa é especialmente preparado para práticas higiénicas.

Aracaju, 20 de maio de 1967

Lindalva Cardoso Dantas
Diretor

Fonte: Arquivo do CODAP-UFS – consulta em janeiro de 2016

As figuras 03 e 04 nos mostram o currículo apresentado pelo Ginásio de Aplicação no ano de 1967. Nelas observamos a presença da Educação Física, no Ciclo Colegial enquanto atividade complementar e no Ciclo Ginásial como prática educativa, ofertada em duas aulas por semana.

A escola apresenta uma grade curricular prescrita para o Ciclo Colegial organizada em disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, atividades complementares. Nas quais o quadro de disciplinas é apresentado e o número de aulas correspondentes. Algumas disciplinas são, em alguns momentos, discriminadas, mas o número de aulas em algumas séries é tracejado, marca que mostra que não era vivenciada em alguns momentos. No que se refere à Educação Física, vemos a mesma no mesmo patamar da Religião e apresentada enquanto atividade complementar.

No Ciclo Ginásial observamos a organização ainda por disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, atividades complementares, mas temos o acréscimo dos termos disciplinas complementares (inglês e latim) e práticas educativas. A Educação Física é entendida nesta enquanto prática educativa e ainda discriminada junto à Religião, que também

deixa a categoria de atividades complementares no Ciclo Colegial e passa a de prática educativa.

Vemos a Educação Física presente na grade curricular, não enquanto disciplina, mas sim como uma prática que contribuía para educar, no sentido de levar o aluno à apreender comportamentos socialmente aceitos; não envolvendo, possivelmente, problemas de ordem cognitiva. Assim, a Educação Física não partia do princípio de a disciplina deveria ensinar ou transmitir conhecimentos sobre um objeto de estudo; como no caso das disciplinas obrigórias, a exemplo da história e da geografia. Não obstante, a Educação Física visava a aquisição, incorporação ou habituação de práticas, comportamentos corporais. Tais práticas não consistiam matéria de reflexão, tal como na filosofia se pensa sobre os comportamentos éticos e morais de um sujeito ou de uma sociedade. Era o exercício da prática que estava em jogo nessa Educação Física.

Oliveira (2003, p. 176) corrobora com este entendimento quando coloca que na década de 1960, “[...] a Educação Física só pode ser eficaz, significativa, se atender a este postulado de formação moral de homem para vida”. Vida entendida enquanto sociedade equilibrada e harmoniosa, onde é assegurado o desenvolvimento de valores morais e sociais. Na qual via-se uma preocupação com a “[...] formação e enquadramento moral da criança e do adolescente” (OLIVEIRA, 2003, p. 258).

Figura 05 - Currículo de 1969

CURRÍCULO DE 1969 - CICLO COLEGIAL

HIPÓTESE A

HIPÓTESE C

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:

1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano
Port. - 4	4	5	4 aulas
Hist. - 3	3	3	3 "
Geog. - -	-	4	3 "
Mat. - 4	5	-	- "

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:

Física - 4	3	-	-
Química - 4	4	-	-
Biologia - 3	3	-	3 aulas
Francês - -	-	3	3 "
Latim - -	-	3	3 "

DISCIPLINAS OPTATIVAS:

Inglês - 3	-	3	3 aulas
Desenho - -	3	-	- "
Filosof. - -	-	3	3 "

PRÁTICA EDUCATIVA:

Educ. Física - 2	2	2	2 aulas
------------------	---	---	---------

Aracaju, 29 de março de 1969.

Juan José Rivas Pascua
Juan José Rivas Pascua
Diretor.

Figura 06 - Currículo de 1969

CURRÍCULO DE 1969 - CICLO GINASIAL				
HIPÓTESE C				
DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:				
	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Português - 5	5	5	5	5 aulas
História - 3	3	3	3	3 "
Geografia - 3	3	3	3	- "
Matemática - 5	5	5	4	5 "
Educação Física - 3	3	3	3*	4 "
DISCIPLINAS COMPLEMENTARES:				
Inglês - -	-	-	3	3 "
O.S.P.B. - -	-	-	3	3 "
DISCIPLINAS OPTATIVAS:				
Francês - 4	4	-	-	-
Desenho - -	-	-	2	3 aulas
PRÁTICA EDUCATIVA:				
Educ. Física - 2	2	2	2	2 aulas

Obs.: *Ciências na 3ª série entra como disciplina educativa, pois o programa é especialmente preparado para práticas higiênicas.

Aracaju, 29 de março de 1969.

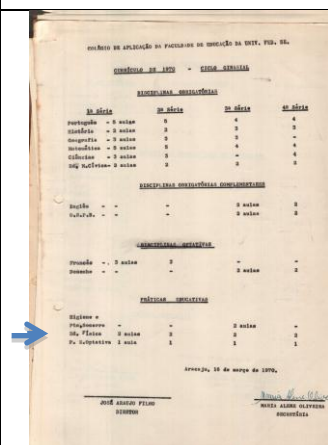
Juan José Rivas Pascua
Juan José Rivas Pascua - Diretor.

Fonte: Arquivo do CODAP-UFS – consulta em janeiro de 2016.

Nas figuras 05 e 06 é apresentada as grades curriculares para os Ciclo Colegial e Ciclo Ginásial do ano de 1969, em ambas a Educação Física continua a ser colocada enquanto prática educativa, sendo ofertada em duas aulas semanais. A grade do Colegial apresentada está organizada em disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas e prática educativa; já do Ginásial repete as mesmas, mas acrescenta a categoria de disciplinas complementares, seguindo o mesmo padrão do documento anteriormente evidenciado, com a diferença de que o latim foi retirado e acrescido a OSPB (Organização Social e Política Brasileira).

Nas figuras 05 e 06 destacamos o fato da Educação Física permanecer como Prática Educativa de maneira constante após deixar de ser atividade complementar (até 1967) no Ciclo Colegial, enquanto que outros elementos curriculares são acrescidos ou excluídos ao longo dos anos; a Educação Física permanece com intuito de levar ao aprendizado de comportamentos sociais aceitos. Isto é, o objeto de aprendizagem – a ser apreendido – da referida disciplina eram os próprios comportamentos orientados às pessoas. Enquanto que, outras disciplinas como, por exemplo, a matemática, compreendidas como disciplinas que geram comportamentos a partir do saber cognitivo que a envolve em face de um objeto de estudo e de compreensão externo. Sem embargo, por conta da ausência de objeto ou de matéria aos moldes das outras disciplinas, nesse período, a Educação Física estava nas escolas, mas o que se via “[...] eram anos de indefinição do seu papel, a sua legitimidade e relevância educativa estava em xeque pelo conjunto da sociedade, tanto a sua organização no interior das escolas” (OLIVEIRA, 2003, p. 269).

Figura 07 – Currículo de 1971



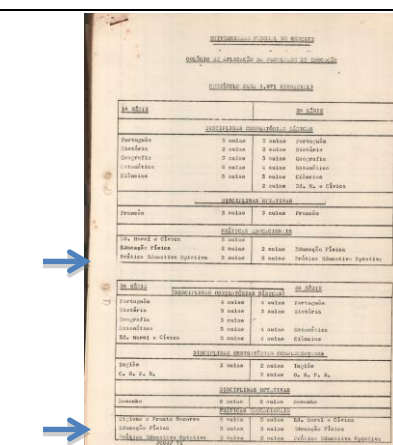
currículo de aplicação no primeiro ano de ensino no 1º grau, 1971.

currículo de 1971 – 1º grau

disciplinas obrigatórias	disciplinas optativas	disciplinas complementares
Português - 3 aulas	0	0
Matemática - 3 aulas	0	0
Geografia - 3 aulas	0	0
História - 3 aulas	0	0
Educação Física - 3 aulas	0	0
Outras disciplinas - 3 aulas	0	0

Assinatura: _____

Figura 08 – Currículo de 1971



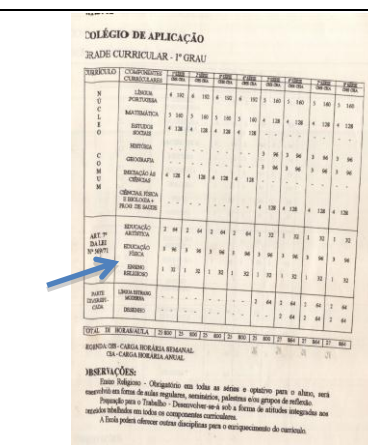
currículo de aplicação no primeiro ano de ensino no 1º grau, 1971.

currículo de 1971 – 1º grau

disciplinas obrigatórias	disciplinas optativas	disciplinas complementares
Português - 3 aulas	0	0
Matemática - 3 aulas	0	0
Geografia - 3 aulas	0	0
História - 3 aulas	0	0
Educação Física - 3 aulas	0	0
Outras disciplinas - 3 aulas	0	0

Assinatura: _____

Figura 09- Grade Curricular 1 grau



COLÉGIO DE APLICAÇÃO
GRADE CURRICULAR - 1º GRAU

disciplinas	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano
Português	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Matemática	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Geografia	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
História	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Outras disciplinas	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

Assinatura: _____

Fonte: Arquivo do CODAP-UFS – consulta em janeiro de 2016.

As figuras 07 e 08 apresentam as grades curriculares dos anos de 1970 e 1971 respectivamente. Nelas a Educação Física se mantém no currículo, enquanto prática educativa, no qual é ofertada em duas aulas semanais. Neste período observamos no mesmo rol de práticas educativas à higiene, fato que leva à entender a Educação Física enquadrada nessa perspectiva, vista como necessária para “[...] amoldar o indivíduo ao seu meio”(OLIVEIRA, 2003, p. 176), como objetivo de formar uma sociedade moralmente higienizada. Na figura 09 temos a grade curricular prescrita para o 1º grau. Nela o currículo é apresentado através de disciplinas pertencentes ao núcleo comum, referentes ao artigo 7 da lei 5.692/71 e a parte diversificada e a Educação Física está dentro destes moldes, sendo ofertada três vezes por semana ao aluno.

O artigo 7 da lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971 normatiza que “[...] será obrigatório a inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e programa de saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”. Com isso, reforça-se a obrigatoriedade da Educação Física nas instituições escolares, fato observado no Colégio de Aplicação para atender aos preceitos agora legais. Contudo, cabe refletirmos que embora o termo obrigatório seja aplicado na letra da referida lei, sabemos que a Educação Física estava no CODAP-UFS, não no rol das disciplinas optativas, mas sim como prática educativa. Neste sentido, colocamos em questão se essa mudança altera o *status* da Educação Física de “prática” para “disciplina”, obrigatória portanto, já que a obrigatoriedade pode se aplicar à prática educativa não-opcional.

Permanecia ainda o discurso de que a Educação Física é sempre benéfica ao indivíduo, quer seja para disciplinar, moldar a sociedade, higienizar, eugenizar, moralizar, civilizar. Não importando porque, como e em que direção se dá esse benefício (OLIVEIRA et al, in OLIVEIRA, 2003). Relativo a esse período correspondente aos registros acima encontrados, a escola também estava, tal como revelam outros documentos – fotografias e notícias de jornal –,envolvida em eventos e festividades, com certo destaque para a Educação Física; mais especificamente às ações – conteúdos, práticas e atividades – que lhe eram – e ainda são – historicamente próprias. Apesar dos registros apresentados acima não especificarem o universo curricular interior da então Prática Educativa (a Educação Física), esse mesmo interior se revela em parte – seus conteúdos e suas práticas –mediante os dados referentes a alguns acontecimentos sócio-culturais sergipanos (não encontramos registros de esferas geopolíticas mais amplas).

Pudemos observar em fontes datadas – complementares às grades curriculares – encontradas, ofícios em que o Ginásio de Aplicação era convidado a participar de desfiles

cívicos, bem como outros onde se ressaltava a excelente participação desta instituição nos referidos eventos. A participação nestas atividades fazia parte do currículo escolar nas décadas de 1970 e 1980, apesar de em muitos momentos a organização desta atividade ficar a cargo de professores de Educação Física. Via-se então a Educação Física nos currículos escolares e no vivenciado no cotidiano da escola, contribuindo então para o currículo defendido pela escola para a formação do educando. Disciplina e formação eram evidenciados e a Educação Física tinha papel primordial nesse processo de disciplinar e formar os indivíduos.

Por essa via, estudar a Educação Física no currículo escolar muitas vezes nos leva a observar o que acontecia nos eventos, festividades e jogos escolares nos quais a instituição participava; tanto pelo fato de essas práticas configurarem seu currículo, quanto por causa da maior disponibilidade e acessibilidade das fontes sobre essa esfera da vida social das instituições. Por conta dessa área de conhecimento não ter sido vista nos currículos escolares em forma de disciplina escolar, faz-se necessário também observar estas formas pelas quais a Educação Física pode ter se materializado e estado apresentada através da observação da cultura material escolar expressada. Estudar os rituais vividos, as vestimentas usadas, as cerimônias frequentadas nos dão um olhar do que poderia acrescentar ao currículo prescrito e que acontecia no cotidiano escolar; principalmente devido ao fato de sobre essa dimensão da vida escolar as fontes são praticamente inexistentes ou demasiadamente sumárias.

Ritual sendo visto como “atividade orientada por normas, com caráter simbólico, que chama a atenção dos seus participantes para objectos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter significado especial” (CONNERTON , 1999, p. 50). Os rituais vividos geralmente se repetem ciclicamente e são formais e destacam símbolos, objetos e posições sociais, políticas e econômicas de valor. Essas formalidades ganham o campo da expressão na medida em que os grupos sociais se organizam e sistematizam suas atividades obedecendo a certos critérios e ordenamentos; os quais, além de dar significado ao grupo que os organizam e deles partilham, conferem sentido social, histórico e político à vida de quem o executa. Tal sentido acarreta, sempre, um “para ser” ou um “dever ser” voltado ao futuro. Vemos nestes rituais que pessoas se organizam individualmente numa coletividade, onde cada indivíduo é uma parte inseparada de um todo a que pertence.


Mas, por que essas ritualidades e liturgias estão eminentemente associadas à Educação Física? Por que, de maneira distinta, se comparada com as disciplinas obrigatórias – matemática, história, geografia, línguas – a Educação Física foi posicionada como a responsável pela promoção desses eventos junto aos estudantes? É preciso, portanto, termos o

olhar para os desfiles cívicos correspondentes às datas comemorativas ou mesmo às apresentações de abertura dos desfiles de abertura de jogos escolares enquanto conteúdos, matérias ou objetos da Educação Física. Nesses momentos, todo um ritual pode ser observado, desde a forma de se vestir até a forma de se movimentarem em termos de regras comportamentais associadas à valores morais. Neles os corpos são entendidos como capazes de desempenhar ações especializadas, pois possíveis de serem treinadas em momentos prepedêuticos. Neste sentido, “[...] o ritual funciona para comunicar valores partilhados no interior de um grupo e para reduzir a dissensão interna” (CONNERTON, 1999, p. 56-57)

Ao observamos os convites para participação do Colégio de Aplicação nos desfiles cívicos e no desfile dos jogos escolares nas décadas de 1980 (Figuras 10 e 11), destacam-se uma série de critérios a ser seguida, para que os estudantes possam participar. Estes critérios vão desde a roupa a ser utilizada, à proibição do uso de brincos, de mastigar chicletes, dentre outros (Figura 11). Mesmo com todas estas determinações, participar destes rituais envolvia legitimidade social e política ao Colégio e aos seus estudantes, que assumiam o compromisso de desempenharem ou encenarem os critérios estabelecidos; de modo que o reconhecimento poderia se manifestar nos prêmios por classificação, os quais também envolviam rituais e liturgias.

Desse modo, “investigar o contexto de um rito não é estudar apenas informação adicional a seu respeito, mas sim colocarmo-nos em posição de obter maior compreensão do seu significado do que aquela que seria acessível a alguém que o interpretasse como um texto simbólico independente” (CONNERTON, 1999, p. 58).

FIGURA 10: Convite Dirigido à Comunidade Escolar Sergipana para Participação em Torneio Promovido pelo Exército	Figura 11: Convite Dirigido à Comunidade Escolar Sergipana para Participação em Torneio Promovido pelas Secretarias de Esporte e Educação - REGRAS PARA DESFILE
--	--

 <p>MINISTÉRIO DO EXÉRCITO CMNE 6.ª RM 28.º BATALHÃO DE CAÇADORES</p> <p>OF N.º 034- CIRCULAR</p> <p>ARACAJU-SE. 16 Jun 88</p> <p>Do Comandante do 28º Batalhão de Caçadores Ao</p> <p>Assunto: Torneio Duque de Caxias</p> <p>1. O 28º Batalhão de Caçadores tem o prazer de convidar esse conceituado Estabelecimento de Ensino a participar do IV TORNEIO DUQUE DE CAXIAS DE ATLETISMO, que será realizado entre os dias 12 e 18 de agosto do corrente ano, nas categorias adulto, juvenil e júnior (masculino e feminino). As inscrições encontram-se abertas até o dia 05 de agosto das 0700 às 1300 e das 1400 às 1800 horas na SECRETARIA DE ESTADO DE ESPORTE E LAZER.</p> <p>2. A competição será realizada à semelhança dos anos anteriores, devendo a regulamentação detalhada ser enviada posteriormente.</p> <p>3. Certo de poder contar com a presença desse Estabelecimento de Ensino, para maior brilho das competições, subscrevo-me atenciosamente.</p> <p><i>Eduardo Antonio Carvalho Pereira</i> EDUARDO ANTONIO CARVALHO PEREIRA Cel Cmt do 28º BC</p>	<p>GOVERNO DE SERGIPE SECRETARIA DE ESTADO DE ESPORTE E LAZER</p> <p>Ofício Circular nº 001/87 Ref: SEEL/GS Aracaju, 10 de julho de 1987</p> <p>Senhor(a) Diretor(a).</p> <p>A Secretaria de Estado de Esporte e Lazer conjuntamente com a Secretaria de Estado da Educação, realizará os XII Jogos da Primavera no período de 19 a 29 de setembro de 1987.</p> <p>Faço ao exposto, a Comissão de Apoio, faz lembrar aos Sr(s) Diretores dos Estabelecimentos de Ensino, que durante o período de 27 de julho à 07 de agosto do ano em curso, nos horários das 8:00 às 13:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas, estaremos recebendo as inscrições das Escolas para os referidos jogos.</p> <p>Informamos que o ofício deverá ser assinado pelo Diretor do Estabelecimento de Ensino, dirigido ao Comitê Central Organizador e entregue a Comissão de Apoio, instalada no Complexo Desportivo "Lourival Baptista" (Secretaria de Estado de Esporte e Lazer) rua Vila Cristiana S/N, constando do mesmo as modalidades em que a Escola irá participar.</p> <p>Sem mais para o momento.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p><i>Eduardo L. H. Santos Rocha Teles</i> Eduardo Santos Rocha Teles Presidente da Comissão de Apoio</p> <p>Timbrado Sr(a). <u>JOSÉ CLAUDIO BARRETO SOBRAL</u> DD. Diretor(a) <u>COLÉGIO DE APLICAÇÃO (U.F.S.)</u> Campus Universitário</p>
<p>Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS</p>	<p>Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS</p>

Na década de 1970 tivemos algumas alterações na organização curricular das escolas, com a promulgação da já referida lei n. 5.692/71. Com ela a Educação Física passou a estar de forma obrigatória nos currículos escolares, mas ainda esteve enquanto uma prática educativa – não como disciplina – que contribuía para a formação dos indivíduos. Tendo em vista que a escola deveria preparar os indivíduos para a vida completa, não só instruí-lo (VIDAL & SCHWARTZ, 2010). Assim a Educação Física permanecia nas escolas e contribuía para o desenvolvimento da “[...] ordem, disciplina e higiene” (OLIVEIRA, 2003, p. 269), fatores considerados necessários para a vida social das pessoas em relação aos seus corpos.

O que nos possibilita afirmar que a Educação Física, embora associada ao termo “obrigatória”, ainda permanecia atrelada ao conceito de prática educativa, não são os documentos disponíveis, mas sim uma inferência com base na literatura da área, quando menciona seu papel no currículo enquanto “[...] um fazer prático não significativo de uma reflexão teórica” (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 108). Visto como importante para contribuir com a melhora física dos alunos, como o desempenho esportivo e assim contribuir para que a escola fosse vista aos olhos da sociedade sergipana regulada por um conjunto de regras, normas e valores locais, regionais e nacionais. Mais uma vez, reforçamos a ideia de

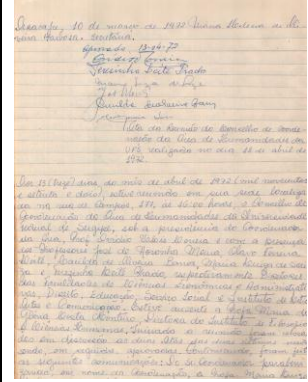
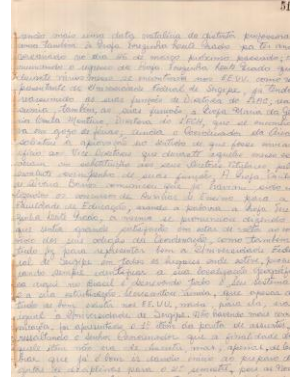
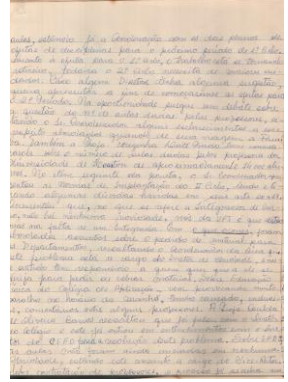
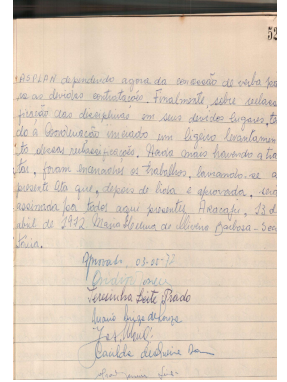
prática educativa vinculada ao exercício corporal irrefletido, mas apenas pautado na noção de dever, como elemento que distingue a prática da disciplina escolar.

A disciplina escolar deve envolver um trabalho de compreensão cognitiva de uma matéria ou objeto a ser investigado pela ciência. O campo de ação da disciplina escolar está restrita pelos exercícios que treinam elementos próprios do pensamento: memória, comparação, dedução, indução, inferências etc.. Trata-se de um desenvolvimento na esfera da impressão; sendo que suas necessidades de expressão se restringem a gestos discretos ligados à motricidade da escrita e da leitura. Os exercícios à disciplina vinculados se voltam para o interior do raciocínio; enquanto que a prática educativa se dirige à exterioridade dos comportamentos sociais. A matéria sobre a qual se debruçam os esforços da prática é o próprio corpo; não no sentido de ele ser conhecido, pois assim o domínio seria do pensamento, que ficava a cargo das disciplinas como biologia. Mais especificamente, o objeto do estudo prático envolve a técnica do movimento ou do comportamento a ser constantemente lançado para o campo da expressão; da comunicação de códigos, por assim dizer.

Isso significa que a prática educativa está mais diretamente ligada, em termos de consequências ou efeitos, ao universo político e cultural das sociedades. Ou seja, a prática educativa forma o sujeito para uma espécie de “linha de frente” para com as relações sociais e suas mediações no campo da alteridade. Enquanto que a disciplina envolve um tipo de exercício que não necessariamente desagua no campo das relações sociais, pois a compreensão de um conhecimento passa por períodos mais longos de “enclausuramento” dos sujeito na leitura e na escrita individualizadas; para, depois de ser depurado, poder passar ao plano da expressão. Não é à toa que a Educação Física sempre está, nos currículos escolares de épocas anteriores, ao lado da Religião, como sendo relevante à formação complementar dos estudantes, buscando formar o aluno dentro dos encaminhamentos dados pela escola.

Essa característica definidora da prática educativa se mostra, por exemplo, nas já tão conhecidas queixas docentes acerca do barulho ou do ruído dos estudantes durante as aulas de Educação Física. Para tanto, as figuras (12, 13, 14 e 15) logo abaixo retratam as páginas de uma ata, que data de 13 de abril de 1972, referente à uma reunião do Conselho da Área de Humanidades da UFS, que dentre outros assuntos, no ponto de pauta “o que ocorrer” (página da figura 14), mencionaram uma reclamação acerca do barulho provocado pelos alunos do Colégio de Aplicação quando nas aulas de Educação Física no turno matutino. Uma professora chamada Cacilda de Oliveira Barros disse ter conversado diretamente com o diretor do Colégio, o qual se dirigiu ao diretor do CEFD (Centro de Educação Física e Desporto) que se comprometeu com a resolução do problema; demonstrando,

consequentemente, que os professores responsáveis pela prática não pertenciam ao quadro docente do CODAP-UFS.

Figura 12- Páginas da Ata com Reclamação do Barulho dos Alunos nas Aulas de Educação Física	Figura 13 - Páginas da Ata com Reclamação do Barulho dos Alunos nas Aulas de Educação Física	Figura 14 - Páginas da Ata com Reclamação do Barulho dos Alunos nas Aulas de Educação Física	Figura 15- Páginas da Ata com Reclamação do Barulho dos Alunos nas Aulas de Educação Física
			
Fonte: Arquivo da UFS	Fonte: Arquivo da UFS	Fonte: Arquivo da UFS	Fonte: Arquivo da UFS

Não obstante, apesar de não encontrarmos o currículo de todos os anos do Colégio de Aplicação, documentos relacionados indiretamente com o assunto, como a ata exposta acima, onde se tratou da Educação Física, no caso a perturbação sonora ocasionada pelos alunos nas aulas, ressaltam a posição da referida prática educativa como algo que atrapalhava as aulas da Faculdade de Filosofia. Metaforicamente se nota o velho embate entre o corpo e o pensamento (corpo e mente); o primeiro como aquela expressão que abala o pensamento em sua elaboração interna, intimista, silenciosa. Mas, de outro modo, o choque das diferenças também está fundamentado nos exercícios de natureza prática e aqueles de natureza disciplinar. Assim, por mais que a Educação Física fosse responsável pela implementação de uma disciplina corporal ou comportamental entre os alunos, a sua realização está ligada ao campo da sociabilidade. Além disso, mais uma vez, a via documental, que nos dá o entendimento de que a Educação Física esteve presente no currículo de formação dos alunos, é indireta.

Referente à década de 1980 não encontramos nenhum quadro curricular nos documentos dos arquivos visitados. Localizamos as atas com notas dos alunos. Nelas observamos a presença das disciplinas como português, matemática, ciências, geografia, história, disciplinas obrigatórias no currículo da escola. Partindo desse olhar, não encontramos a Educação Física na grade oficial de disciplina com notas, tal como vinha ocorrendo nos

anos anteriores; mas, podemos afirmar, que a mesma estava presente no currículo do colégio, tendo em vista que ofícios confirmam inscrição do Colégio de Aplicação em Jogos da Primavera e competições esportivas como competições no 28 Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, festivais de xadrez, jogos estudantis, copa TV Sergipe, jogos infantis, torneio do SESC.

Não obstante, esses eventos permitem inferir a ocorrência cotidiana de aulas de Educação Física, quando alguns conhecimentos deveriam ser trabalhados no sentido de resultarem no desempenho durante as participações. Por isso, a localização de documentos representando a participação do Colégio em comemorações e competições, são também relevantes para historiografar o currículo da Educação Física. Nessas os estudantes realizavam apresentações em festivais, torneios, campeonatos, jogos etc., como o da cidade de São Cristóvão.

Na década de 1990 temos uma modificação na forma de apresentar a Educação Física no currículo escolar, ainda como atividade curricular e embasada nos preceitos legais, mas agora tínhamos o esporte ainda como conteúdo majoritário das aulas. Percebemos que apesar dos Colégios de Aplicação serem tidos como ambiente de inovações e experimentações pedagógicas, não se nota grandes inovações no que tange à Educação Física. A mesma sempre fundamentou práticas para que a escola atendesse às necessidades legais. Mas, não podemos supor que o investimento e a dedicação das pessoas – professores, estudantes e comunidades – obedeciam apenas a motivação legislativa. Necessário conceber algum modo de mobilização cultural e/ou política para tal.




Nesse período, década de 1990, a Educação Física passava por problemas de indefinição e crise de identidade. Sabia-se da necessidade de “[...] coibir a improvisação, estimular o professores e dotar as escolas de condição para desenvolver o trabalho do professor de Educação Física” (OLIVEIRA & RANZI, 2003, p. 183). Acontecia no Colégio de Aplicação da UFS e na Educação Física enquanto área o que Goodson (1990, 1995) coloca quando se refere às disciplinas escolares. De acordo com esse autor, no campo de afirmação das disciplinas escolares, muitas vezes a norma legal e institucional é resultado de pressões oriundas da corporação de especialistas de cada área. Por essa via, vale compreender que a existência da Educação Física no CODAP-UFS é fruto da existência de uma comunidade ou corporação de professores da área que buscavam uma afirmação legal e profissional deste campo de conhecimento.

Contudo, essa hipótese é relativizada quando do fato de que a primeira professora (Rosália Bispo dos Santos), como vimos anteriormente, a ministrar a prática no mesmo

colégio, tinha formação inicial em letras (português e frances), vindo a realizar um curso na Escola Nacional de Desportos, Univesidade do Brasil, voltado para a Educação Física, a fim de suprir o imperativo legal à época. Ou seja, os dados sobre o percurso da professora Rosália para chegar a ministrar as aulas de Educação Física indicam que existiam poucos professores pertencentes à área e que estavam em Sergipe neste período.

De acordo com ANDRADE (2014, p. 125), apesar da Lei 4024 de 20 de Dezembro de 1961 colocar acerca da obrigatoriedade da Educação Física na escola, o número de professores com curso superior em Sergipe era pouco, até 1960 eram 04 professores, quadro que sofre mudança com a criação do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Sergipe em 1970. DANTAS JÚNIOR (2008) relata em seus estudos que na década de 1960 vários professores leigos tinham reconhecimento social e estavam em escolas tradicionais de Aracaju.

As figuras abaixo mostram alguns aspectos da Educação Física como prática educativa voltada eminentemente para a dimensão social do currículo escolar; ou seja, de preparar os alunos para a inserção no mundo social local com base em regras, normas e valores.

Figura 16- Fotografia de Desfile Cívico	Figura 17- Fotografia de Desfile Cívico	Figura 18- Fotografia de Desfile Cívico
		
Fonte: CEMDAP	Fonte: CEMDAP	Fonte: CEMDAP

As imagens acima apresentadas reforçam as colocações anteriores, tendo em vista que apresentam os encaminhamentos dados para que se pudesse participar desses eventos, essenciais, do ponto de vista institucional, para mostrar que os alunos conseguiam seguir o que era normatizado, e os comportamentos apresentados nestes sendo entendidos como reflexo das regras que estabelecem o que é ou não correto. Sobre isso, parece fazer sentido o atestado idoneidade moral e social expedido em favor de Rosália Bispo, para que pudesse

assumir o cargo de diretora. Refletimos sobre isso, na medida em que a idoneidade só pode ser medida no plano do comportamento expresso em termos morais e no campo do social. Não obstante, assim como seus professores deveriam atestar suas moralidades e sociabilidades, os estudantes também o faziam ao participarem de tais acontecimentos. Assim reforçava-se a idéia de que “[...] o corpo socialmente legítimo é o que é capaz de incorporar normas impostas”(CONNERTON, 1999 , p. 103).

A participação em desfiles cívicos e festividades representavam o momento de conagração entre a instituição escolar e a sociedade, nestes eram apresentados o conjunto de valores morais e padrões de comportamentos desenvolvidos na escola. Além desses possibilitarem a promoção destas instituições no meio social. De acordo com SANTANA (2008, p. 156), “os desfiles cívicos configuravam-se assim como uma forma elegante e bastante profícua de dar publicidade aos modelos de comportamento e disciplinamento dos corpos efetivados dentro das escolas”.

Entender alguns eventos enquanto ritual nos permite visualizá-los dentro de uma linguagem formalizada, que são organizadas com uma sequência quase sempre invariável e que apresentam uma história ostentada ao observarmos o vivenciado nestes. Assim, o ritual é entendido como “[...] actividade orientada por normas, com caracter simbólico, que chama a atenção para seus participantes, para objectos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter um significado especial” (CONNERTON, 1999 , p. 50). Contudo, esse tipo de reflexão em torno da participação com a finalidade do cumprimento de regras morais e sociais nos restringe a visão sobre o humano na história. Em se tratando da humanidade, necessário supor que havia, por parte dos estudantes e professores, algum tipo de satisfação ou valorização em se cumprir a regra. Porém, documentalmente, é extremamente difícil avançar para além dessa suposição dedutiva e, portanto, universalista.

Mas, de todo modo, embora limitados a uma suposição para além das finalidade de cumprimento normativo, a satisfação não pode se esgotar no reconhecimento do dever cumprido. Urge considerarmos que os estudantes se realizavam subjetivamente em termos de uma satisfação com a realização do movimento; da execução técnica, e o reconhecimento social e cultural a isso atrelado. Em alguns momentos o Colégio de Aplicação participou também de festivais relacionados à Ginástica Rítmica e à Dança. conforme observamos nas imagens abaixo.

Figura 19- Participação das Alunas no Festival de Arte de São Cristóvão

Figura 20 - Participação das Alunas no Festival de Arte de São Cristóvão

 <p>GRUPO DO COLEGIO DE APLICACAO, apresentando-se, no 1º festival de ginástica moderna, realizado no dia 1º (sexta-feira) no dia Ginástico, "Lourival Batista".</p>	
<p>Fonte: Arquivo da UFS</p>	<p>Fonte: Arquivo da UFS</p>
<p>Figura 21- Participação das Alunas no Festival de Arte de São Cristóvão</p>	<p>Figura 22 - Participação das Alunas no Festival de Arte de São Cristóvão</p>
	
<p>Fonte: Arquivo da UFS</p>	<p>Fonte: Arquivo da UFS</p>

Nelas podemos observar práticas corporais culturalmente específicas que “[...] envolvem uma combinação da memória cognitiva e da memória hábito” (CONNERTON, 1999, p. 101), que são observadas a partir da execução adequada de movimentos contidos no repertório vivenciado pelo grupo. Nesse caso, não há como supor outra dimensão propedêutica responsável pela produção e promoção do desempenho observado, senão as práticas ou nas aulas/sessões de práticas de Educação Física no decorrer do cotidiano escolar. Logo, entender estas práticas nos permite ter o olhar para o que era ensinado nestas aulas e assim compreender alguns fragmentos do percurso histórico vivido por esta no currículo escolar. Ou seja, seu papel, enquanto Prática Educativa, no currículo da Escola.

Estudar a participação das escolas em competições esportivas nos permite inferir que conteúdos eram trabalhados e a representatividade dada a estes eventos, mas os métodos e a organização do currículo específico da disciplina. Percebemos que em alguns momentos não só a Educação Física organizava seu currículo para atender a estas necessidades, mas a escola

também organizava-se para atender a estas atribuições, conforme visto em ata (Figuras 23 e 24), onde está registrada a discussão acerca da possibilidade de não haver aulas no Colégio de Aplicação para que os alunos participassem dos Jogos da Primavera. Era importante fazer-se presente nestes eventos, pois estes jogos materializavam a cultura escolar como performance e ritual, e ressaltavam os ideais políticos educacionais e culturais específicos a cada período.

Todavia, as vantagens curriculares vislumbradas pela participação de estudantes e de professores nos eventos em geral, e nos Jogos da Primavera em específico não consistia em consenso entre os docentes do CODAP-UFS. Assim como o conteúdo da ata de 1972, exposta a partir da figura 12 localizada acima neste texto, encontramos outra ata, de 1979, em que a prática educativa Educação Física foi colocada como uma perturbação para o currículo escolar, em vez de ser concebida como parte dele. Mas, o fato de parte do corpo docente realizar objeções sobre a Educação Física, como perturbadora do ritmo das aulas, não elimina seus efeitos na condição de componente curricular; isto é, que faz parte das vivências escolares. Ocorre que as manifestações contrárias à prática em pauta também estabeleciam um modo específico de registrar as experiências curriculares concernentes aos eventos, festejos, festivais, torneios e jogos.

O conteúdo da ata apresentada abaixo (Figuras 23 e 24) menciona duas situações pertinentes para compreendermos fragmentos do currículo da Educação Física no CODAP-UFS, bem como a posição dessa prática educativa no currículo geral da escola. Primeiramente, observamos, após o professor Reditu (parece que estava presidindo a reunião) se posicionar quanto aos encaminhamentos relativos às indisciplinas estudantis, cuja orientação consistia em levar os indisciplinados para a sala de leitura, registra um breve comentário sobre as comemorações cívicas do sete de setembro ter enfrentado problemas e dificuldades para a participação no desfile da semana da pátria. Em seguida, nessa mesma linha sobre o Dia da Independência, o professor Reditu disse que o Colégio se recusou a participar do desfile dos Jogos da Primavera devido aos ensaios prejudicarem o ritmo das aulas; sendo a participação restrita aos integrantes das equipes inscritas. Finaliza o tema anunciando que não suspendeu as aulas em favor dos Jogos.

A partir desse dado, entende-se que a participação nos eventos apresentava limites em relação à noção de que se tratava de uma vivência curricular extensiva à todo o colégio. Por isso, destaca-se que a participação dos estudantes e professores ocorria apesar das objeções, não podendo ser acontecimentos sustentados apenas na dimensão da obrigação, da norma, da regra ou do valor cívico para a escola. Para além disso, não se esquecendo dos sujeitos que participavam, os eventos eram a possibilidade de legitimação e de

 <p>ARTE E BELEZA: O BALLET, A GINÁSTICA</p> <p>A graça leve do BALLET e da GINÁSTICA encantou a todos</p> <p>O Festival de Ginástica Moderna, reuniu grupos de estudantes (masculino e feminino) dos cursos Universitários e do Colégio de Aplicação da UFS, do Colégio Estadual Athenas Sergipenses e da Escola Técnica Federal, além do Instituto de Educação Frei Norberto, sob a coordenação do prof. Luiz Múvila e da sua equipe do Centro de Cultura, Educação Física e Esportes da UFS. A apresentação ocorreu na noite do dia 14 no Ginásio de Esportes Lourival Batista, que ficou lotado pelo público.</p> <p>A foto acima apresenta um aspecto da exibição artística.</p> <p>A foto ao lado surge como uma parte do entusiasmo vindo-se na primeira fila o vice-governador do Estado, dr. Aluísio Moura, tendo ao lado pessoas de sua família e outras membros da sociedade sergipana.</p>	 <p>VII FESTIVAL DE ARTE DE SÃO CRISTÓVÃO 23 A 30/10 /78</p>
<p>Fonte: Arquivo da UFS</p> <p>Figura 27: Competição Xadrez</p>  <p>Fonte: CEMDAP</p>	<p>Fonte: Arquivo da UFS</p> <p>Figura 28: Abertura da JECA</p>  <p>Fonte: CEMDAP</p>

Tal composição pode ser identificada no texto contido na figura, em que são mencionados os colégios participantes do Festival de Ginástica Moderna, restrito à participação feminina, cuja prioridade na ordem de apresentação foi dada aos estudantes universitários da UFS, seguido das estudantes do CODAP-UFS; como, na sequência, faz referência ao Colégio Atheneu, à Escola Técnica, Instituto de Educação Rui Barbosa, dentre outros. Importante refletimos sobre a dada ordem de apresentação implicar ou não certa hierarquia de valor atribuída às instituições participantes. Ou, senão um ordenamento valorativo intencional *a priori*, uma apreciação *a posteriori* por parte daqueles que leram – e nós que hoje estamos lendo – a matéria, pode ser visto em termos desses efeitos de

hierarquização simbólica da posição de importância que tais instituições disputam no decorrer das épocas.

O Colégio de Aplicação buscou participar das competições esportivas do estado, o trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física muitas vezes buscou atender algumas destas necessidades. Considerando a ausência de registros de aulas, seja na forma de currículo, planos de ensino, planos de aula, relatórios etc., estudar a participação sua nestes eventos nos permite ver o esporte, a dança, o teatro e os desfiles enquanto práticas sedimentadas e solidificadas em torno de momentos expressivos e públicos responsáveis pelos encontros institucionais, o que ajuda a inferir a importância política de tais acontecimentos. Isto é, importância política na medida em que esses eventos forjavam ou motivavam encontros entre as instituições e seus representantes, assim como da comunidade chamada externa. Não obstante, os desempenhos, as vitórias, derrotas, premiações nos campos da estética, da ética, da competição consistem em ser elementos capazes de manter ou alterar as relações sócio-políticas de então.

Assim, um troféu tem seu sentido político justamente porque esse objeto passa a mediar as visões e contatos que se pode ter com uma instituição. Um objeto representante da vitória tem a responsabilidade de alterar o modo como as pessoas passam a se dirigir formalmente às instituições. Sendo que, tal objeto, fruto de um momento, ao passo se apresentam à memória social de um grupo da sociedade, pode estabelecer mediação política ao longo de décadas; configurando o uso político da memória. O quadro 03 nos dá um apanhado da participação do Colégio de Aplicação nos Jogos Escolares e suas premiações nestes. Estar nos Jogos Escolares representava ter legitimidade e *status*, pois nestes tinha-se uma mistura de tradição e espetáculo representadas nas cerimônias que buscavam promover o desenvolvimento de práticas sociais aceitáveis. E o esporte era apresentado enquanto resultado de práticas feitas nas aulas, então utilizadas para subsidiar tecnicamente os movimentos e gestos a serem apresentados enquanto espetáculos que demonstravam as tradições e os valores da época.

QUADRO 03- Troféus do Colégio de Aplicação da UFS

EVENTO	ANO	ESPORTE	COLOCAÇÃO
I JES	1970	Vôlei	Campeão
I JES	1970	Natação	Campeão
II JUS UFS	1970	Atletismo Feminino	Campeão

II JUS UFS	1970	Futebol	Campeão
II JUS UFS	1970	Basquete Feminino	Campeão
III JES SEC	1972	Natação	Campeão Geral
III JES SEC	1972	Tênis	Campeão Geral
III JES SEC	1972	Tênis	Vice -Campeão
III JES SEC	1972	Vôlei	Campeão
III JES SEC	1972	Xadrez	Campeão
III JES SEC	1972	Folclore	Participação
Troféu Antônio	1972	Vôlei	Campeão
IV JES	1973	Vôlei	Campeão
IV JES	1973	Natação	Campeão
IV JES	1973	Natação Feminino	Campeão
VI JES	1975	Natação	Campeão
VI JES	1975	G.R.	Campeão
VII JES	1976	Basquetebol Masculino	Campeão
Troféu TV Atalaia	1977	Desfile	
IV Jogos da Primavera	1979	Geral	9 lugar
IV Jogos da Primavera	1979	Basquetebol masculino	Campeão
IV Jogos da Primavera	1979	Judô cat. A Masc	Vice-campeão
IV Jogos da Primavera	1979	Voleibol Masculino	Vice-campeão
VI Jogos da Primavera	1981	Futebol	Vice-campeão
VI Jogos da Primavera	1981	Xadrez	Campeão
II Jogos Infantis	1981	Basquete Fem.	
VII Jogos da Primavera	1982	Xadrez	Campeão
VII Jogos da Primavera	1982	Natação Cat. A Fem.	Vice Campeão
VII Jogos da Primavera	1982	Natação Cat. B Fem.	Vice Campeão
II Campeo. Escolar	1982	G.R	Campeão
Proclamação da República	1982	Vôlei	Participação
VIII Jogos da Primavera	1983	Vôlei Cat. B Masc.	Campeão
VIII Jogos da Primavera	1983	Xadrez Cat. B	Campeão
VIII Jogos da Primavera	1983	Xadrez	Vice-campeão

IX Jogos da Primavera	1984	Xadrez Cat. A Fem	Vice-campeão
IX Jogos da Primavera	1984	Xadrez Cat. A Masc.	Vice-campeão
IX Jogos da Primavera	1984	Xadrez Cat. B Masc	Campeão
I Jogos Infantis	1985	Basquete Fem	Vice-campeão
Torneio de Inauguração	1985	Volei Masculino	Participação
Copa Jornal de Sergipe	1985	Handebol	3 Lugar
II Jogos Infantis	1986	Basquete Fem.	Campeão
XIV Jogos da Primavera	1989	Handebol	Vice-Campeão
Torneio do SESC	1990	Voleibol	Vice-Campeão
Torneio de EXAR	1991	Futsal	Apresentação
XVII	1992	Futsal Cat. A Masc.	Vice-Campeão
Olimpíada Escolar	2002	Xadrez	2 Lugar
I Copa Xadrez	2002	Xadrez	Campeão
XXII Jogos da Primavera			Participação
XXIII Jogos da Primavera	2004		Participação
XXIX Jogos da Primavera	2013	Atletismo – Salto em Distância	1 lugar
XXXII Jogos da Primavera	2015	Basquetebol Masc.	3 Lugar

Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Ao observarmos o quadro apresentado, percebemos que a partir da década de 1990 não temos uma constância no que se refere às premiações obtidas pelo Colégio de Aplicação em Jogos Escolares. Fato que nos remete a pensar se o conteúdo esporte passa a não ser ensinado nas aulas, ou se a este conhecimento é dado uma nova forma de se trabalhar. Tendo em vista que na década de 1990 o esporte passa a ser investigado nas instituições escolares, e muitos estudos tais como o de BRACHT (1992, 1999) remontam a discussão acerca do papel do esporte na escola, tendo em vista os valores atribuídos a este neste período. E até a possibilidade da negação deste enquanto conhecimento necessário à formação dos indivíduos.

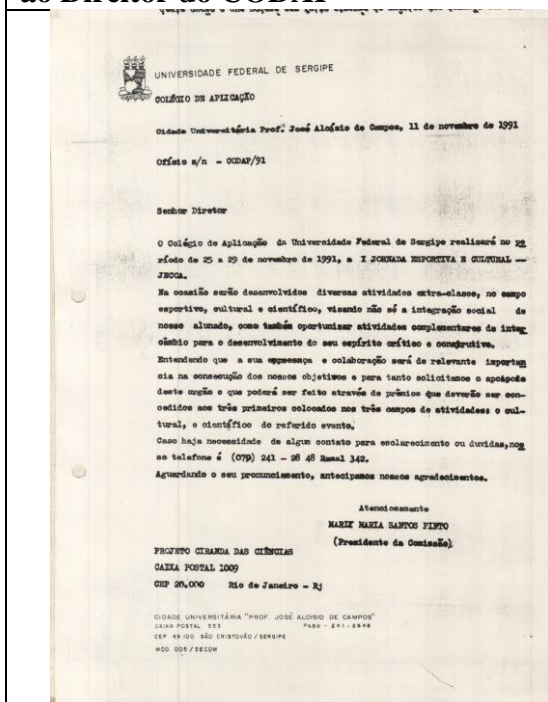
Desse modo, o início dos anos noventa, em que identificamos uma ausência de dez anos entre 1992 e 2002 de participações do CODAP nos eventos esportivos, coincide com fortes mudanças na perspectiva epistemológica e pedagógica da Educação Física que, desde então, passou a sustentar críticas em relação ao esporte na escola. Entretanto, não podemos

sustentar essa mudança como causa única ou principal relativa à ausência do CODAP em eventos esportivos; pois podem existir motivações locais para isso.

Outro ponto relevante na organização curricular da Educação Física são os jogos internos, nos quais os alunos podiam competir e mostrar o aprendizado obtido nas aulas. O Colégio de Aplicação da UFS promove, até os dias de hoje, a Jornada Esportiva e Cultural (JECA) desde o ano de 1991. Nela, diversas modalidades são ofertadas tais como futsal, basquetebol, voleibol, handebol, atletismo, xadrez, natação, ginástica artística. Podemos perceber que há um consenso no que é trabalhado nas aulas e no que é disputado nos jogos, fato que nos indica a forma com que a Educação Física foi historicamente sendo materializada e seu currículo sendo construído como base da formação no âmbito da vida e das vivências escolares. A prática do esporte era a base do conhecimento ensinado nas aulas de Educação Física, as cadernetas desta época apresentam a lista de diferentes esportes que eram ensinados nas aulas. Esportes estes colocados nas competições da JECA ao lado de práticas oriundas das demais disciplinas lecionadas no colégio.

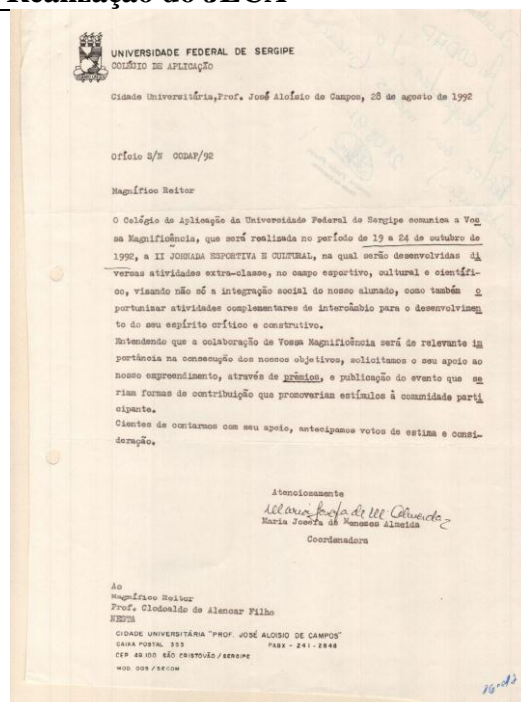
Vejamos alguns documentos referentes à produção do JECA, incluindo um ofício de 1991 dirigido ao diretor do CODAP-UFS, a fim de solicitar autorização para a realização do evento, um comunicado ao Reitor da UFS a realização do evento e um cartaz cujo ano não está especificado. Na sequência, apresentamos um folder com programação das atividades.

Figura 29: Ofício (1991) Solicitando Autorização para JECA Encaminhado ao Diretor do CODAP



Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Figura 30: Ofício (1992) Comunicando o Reitor sobre a Realização do JECA



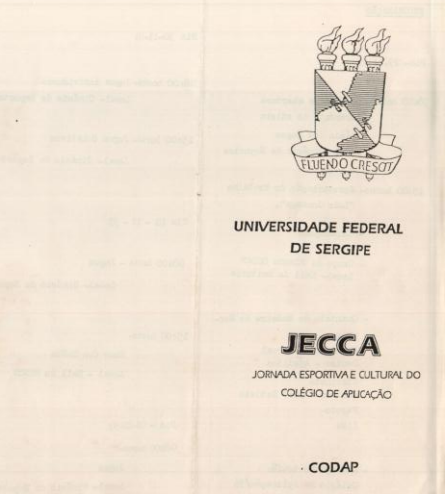
Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Figura 31: Cartaz do JECA, Especificando a Época, mas sem Mencionar o Ano.



Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Agora observemos o folder contendo detalhes da programação do JECA. A nosso ver a dimensão da prática educativa se sobrepõe às atividades próprias das disciplinas. Ao menos no plano dos enunciados da programação, não identificamos referências aos conteúdos ou às práticas das disciplinas obrigatórias, por exemplo. Não há menções à matemática, história, geografia etc.. Assim, demonstram-se as práticas mais diretamente ligadas à dimensão da vida social do membros do Colégio, a exemplo da música, dos jogos, das gincanas e até mesmo uma palestra promovida pela Movimento Estudantil.

Figura 32: Folder do JECA com Programação


The folder cover on the left features the logo of the Universidade Federal de Sergipe (UFS) at the top, with the text 'UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE' below it. The main title 'JECCA' is prominently displayed in the center, followed by 'JORNADA ESPORTIVA E CULTURAL DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO' and 'CODAP' at the bottom.

The program schedule on the right is organized by date and time:

- Dia- 29.11.93**
 - 08:00 horas- Desfile de abertura
 - Juramento do atleta
 - Início dos jogos
 - Local- Ginásio de Esportes
 - 15:00 horas- Apresentação do trabalho "Luiz Gonzaga",
 - Exposições
 - Grupo de Flauta CODAP
 - Local- Hall da Reitoria
 - Quinteto de Madeira de Sergipe.
 - Flauta Transversal
 - Denise - Adailton
 - Clarinete
 - Janisam - José Batista
 - Pagoto-
 - Ilea
 - Entrega do troféu
 - Colégio de Aplicação/93
- Dia 30-11-93**
 - 08:00 horas- Jogos individuais
 - Local- Ginásio de Esportes da UFS
 - 15:00 horas- Jogos Coletivos
 - Local- Ginásio de Esportes da UFS
 - Dia 01 - 12 - 93
 - 08:00 horas - Jogos
 - Local- Ginásio de Esportes da UFS.
 - 15:00 horas-
 - Show Com BANDA
 - Local - Hall do RESUM
 - Dia - 02-12-93
 - 08:00 horas-
 - Jogos
 - Local- Ginásio de Esportes da UFS.
- 15:00 horas-**
 - Gincana
 - Local- Quadra acústica da UFS
- Dia- 03 - 12 - 93**
 - 08:00 horas-
 - Jogos
 - Local - Ginásio de esportes da
- 15:00 Horas**
 - Palestra- movimento estudantil
 - 2ª etapa da Gincana
 - Local - Auditório do CCEP
- Dia - 04-12 - 93**
 - 08:00 horas-
 - Encerramento do JECCA
 - Entrega de medalhas

Fonte: Fonte:Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

O quadro 04 nos mostra as modalidades observadas nas JECCA de 1991 ate 1996, período delimitado como final deste estudo.

QUADRO 04: Modalidades Esportivas da Jecca

ESPORTE	JECCA 1991	JECCA 1992	JECCA 1993	JECCA 1994	JECCA 1995	JECCA 1996
Voleibol	X	X	X	X	X	X
Handebol	X	X	X	X	X	X
Fustal	X	X	X	X	X	X
Basquetebol	X	X	X	X	X	X
Queimado	X	X	X	X	X	X
Atletismo	X	X	X	X	X	X
Natação	X	X	X	X	X	X
Xadrez	X	X	X	X	X	X
Dama	X	X	X	X	X	X
Lig Quatro	----	----	---	X	X	X
Dominó	----	----	X	X	X	X
Tênis de Mesa	X	X	----	----	---	---

Ciclismo	----	----	----	X	----	----
Passeio						
Ciclismo	-----	-----	----	X	-----	-----
Marcha						

FONTE: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS e CEMEFEL

Ao observarmos as modalidades esportivas presentes na JECA notamos a constância de alguns esportes em detrimento de outros. Fato que nos leva a inferir alguns conhecimentos ensinados nas aulas, além de mostrar que a depender do professor que estava ministrando as aulas, determinados conteúdos eram trabalhados. Assim víamos que o professor “participava da instituição e da consolidação de novas práticas escolares” (VAGO, 1999, p. 39), apontando a favor da hipótese de que o currículo da disciplina Educação Física não obedecia apenas os interesses do currículo mais geral do Colégio.

3.2 SÍNTESE DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO NO PERÍODO DE 1960 À 1995

Nos anos iniciais encontramos no documento de estudo do relatório para autorização de funcionamento do Ginásio de Aplicação (Página 12) uma apresentação dos locais em que as aulas seriam dadas, bem como de alguns materiais que a escola dispunha. Nos demais anos da década de 1960 não encontramos materiais que nos dessem mais informações.

Figura 33: Relatório Emitido em 03 de Agosto de 1959

ESTUDO DO RELATÓRIO DO FUTURO GINÁSIO

1. N.º do Proc. no L.S. 327/59. N.º do Proc. no S.C. do MEC.

2. NOME DO ESTABELECIMENTO: *Ginásio de Aplicação da Universidade da Bahia*

3. Estado: *Sergipe* Município: *Aracaju*

Localidade: *Aracaju* Rua: *Barro Preto*

4. ENTIDADE MANTEDORA: *Associação de Cultura de Sergipe*

Sub: *Aracaju* Data fundação: *14/8/50*

Reg. do Estabelecimento em: *19/1/59* Cópia: *101.000*

Natureza: *Ensino Superior*

Representação: *Associação de Cultura de Sergipe*

Outros dados: *(ou outros que se quiserem)*

5. HISTÓRICO: *População do Estabelecimento: 100 alunos, 50 professores.*

Nome atual: *Ginásio de Aplicação da Universidade da Bahia*

Data da fundação do estabelecimento: *14/8/50*

Curso inicial: *Ensino Superior*

Nome do fundador do futuro ginásio: *Associação de Cultura de Sergipe*

Data da fundação do futuro ginásio: *14/8/50*

Curso que ministrará (ou outros que se quiserem): *Ensino Superior*

Outros dados: *(ou outros que se quiserem)*

6. CONDIÇÕES: *(outras)* *Sim*

7. DIRETOR: *Associação de Cultura de Sergipe*

8. DIRETOR SUBSTITUTO: *Associação de Cultura de Sergipe*

9. SECRETÁRIO: *Associação de Cultura de Sergipe*

10. CORPO DOCENTE: *Associação de Cultura de Sergipe*

11. QUINTOS MATERIAIS: *Associação de Cultura de Sergipe*

12. QUINTOS MATERIAIS: *Associação de Cultura de Sergipe*

13. QUINTOS MATERIAIS: *Associação de Cultura de Sergipe*

Figura 34: Relatório Emitido em 03 de Agosto de 1959

- PÁGINA VI -

Instalações para Educação Física

1) - *Área Livre*

Área livre de 400,50m, perfeitamente plana e regular revestida de grama.

2) - *Instalações*

As instalações para Educação Física, ficam nas laterais do campo de vôlei-bol, sendo as descritas abaixo:

a) Caixa para salto em distância e altura e pista;

b) Aparelho para salto em altura (vide fotografia);

c) Alvo para arremesso de bolas (vide fotografia).

3) - *Materiais*

3 pesos esféricos, sendo 1 de 5 quilos e dois de 3.

6 bolas de estopa revestidas de couro, com 200 gramas de peso, do tamanho de bola de tênis.

2 bolas cilíndricas, sendo 1 de 30 e outra de 15kg.

3 medidores-bol, sendo 2 de 1 quilos e um de 2 kg.

10 cordões de 2 metros para saltar.

1 cordão com 15 metros para tração.

1 cronômetro.

1 trena de 10 metros.

bolas de vôlei-bol, basquet-bol, e foot-ball.

4) - *Materiais Esportivos*

Foram o estabelecimento um campo de vôlei-bol.

5) - *Instalações Esportivas*

Não há

6) - *Instalações*

Não existe no estabelecimento vestígio apropriado, visando a roupa os alunos em local reservado, separado por sexo e as roupas guardadas por funcionários do estabelecimento.

7) - *Outros*

Não existe.

Associação de Cultura de Sergipe

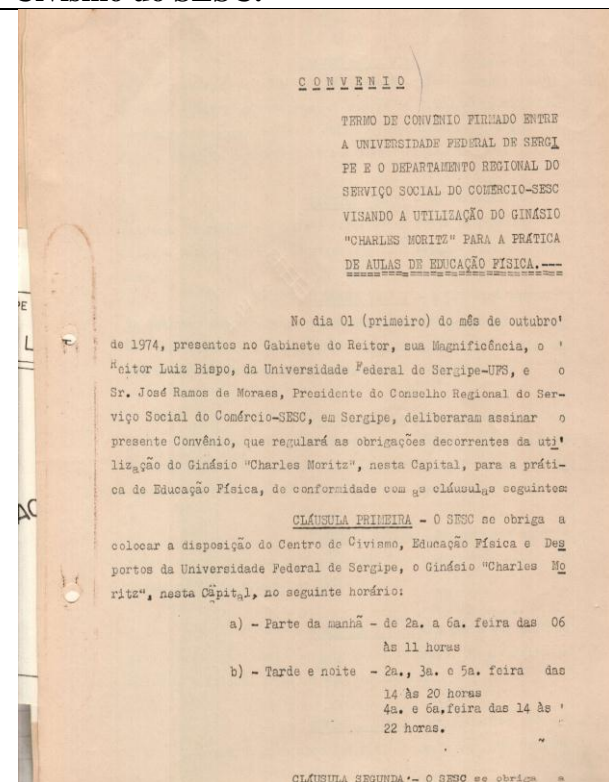
Associação de Cultura de Sergipe

Fonte: CEMDAP

Na década de 1970 encontramos documentos que nos mostram convênios firmados entre a Universidade Federal de Sergipe e algumas instituições para que seus espaços fossem utilizados para as aulas de Educação Física. Conforme apresentado nas figuras 35, 36, 37. Neste período tínhamos exigências no campo de conhecimento, no caso o esporte, mas atrelado a isto tinha-se a falta de espaços e materiais esportivos para estas práticas no cenário sergipano (ANDRADE, 2014), fato apresentado nos contratos efetivados para liberação de espaços para aulas de Educação Física no Colégio de Aplicação da UFS.

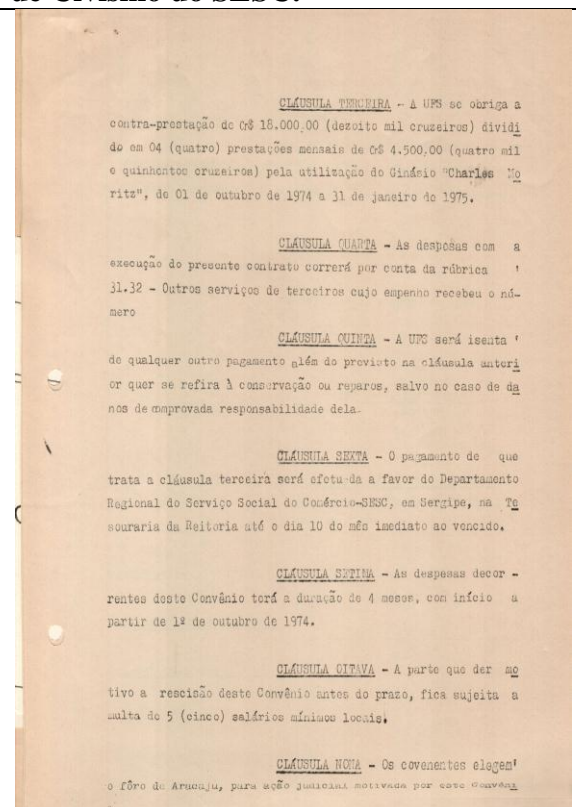
Oliveira (2001, p. 323) coloca que “na década de 1970 a maioria das escolas ressentia-se da falta de espaço e material adequados, o que implicava uma constante improvisação e adaptação de recursos”.

Figura 35: Primeira Folha do Contrato de Alocação das Dependência do Centro de Civismo do SESC.



Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

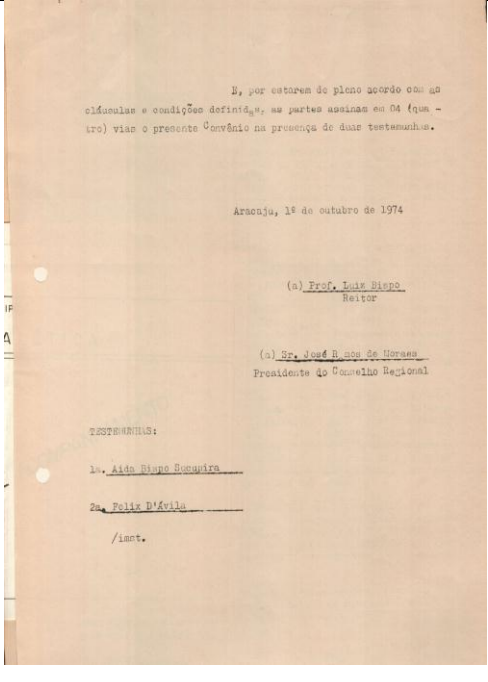
Figura 36: Segunda Folha do Contrato de Alocação das Dependência do Centro de Civismo do SESC.



Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Figura 37: Terceira Folha do Contrato de Alocação das Dependência do Centro de Civismo do SESC



	
Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS	

Outro fato observado é que nas décadas de 1970 e 1980 o colégio teve a colaboração do Centro de Educação Física e Desporto da UFS criado em 1970 e que a partir de 1972 passa a denominar-se Centro de Civismo, Educação Física e Esportes da UFS (ANDRADE, 2014), quando os professores desse centro ministravam aulas aos alunos do Colégio de Aplicação. Tais aulas eram realizadas nas instalações do próprio Centro de Civismo, conforme observamos em diversos ofícios enviados ao Departamento de Educação Física da UFS firmando o compromisso em atender esta necessidade.

A partir da década de 1990 pudemos observar modificações no currículo do Colégio de Aplicação e na forma de pensar a Educação Física. O quadro 05 nos apresenta o caminhar da Educação Física dentro do currículo ofertado aos alunos do Colégio de Aplicação da UFS, tendo como base as grades curriculares, as cadernetas da escola, as fotografias e ofícios que apresentam a participação da Educação Física.

Quadro 05- Educação Física no Currículo do Colégio de Aplicação da UFS

PERÍODO	CONTEUDOS	OBJETIVOS	NUMERO DE AULAS (SESSÕES)	METODOLOGIA	AValiação
DÉCADA 1960	Ginástica e Esporte	Prática educativa	02	Aulas práticas	Desempenho físico
DÉCADA	Ginástica,	Prática	02/03	Aulas práticas	Desempenho

1970	Ginástica Rítmica e Esporte	educativa			físico e motor
DÉCADA 1980	Ginástica e Esporte		02	Aulas práticas e Aulas teóricas	Desempenho físico e motor
DÉCADA 1990	Esporte, lutas, recreação, ginástica, temas relacionados a saúde	Expressão corporal como linguagem	03	Aulas práticas e Aulas teóricas	Desempenho físico e motor Observação da aprendizagem dos alunos

Fonte: Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Ao buscarmos ter o entendimento de como eram organizadas as aulas/sessões de Educação Física, passamos a observar que conhecimentos eram trabalhados. Quando a Educação Física entra nas instituições escolares tinha o objetivo de contribuir para o processo de manutenção dos “corpos saudáveis e os preceitos de moralização necessários a uma nação que se pretendia ser civilizada” (SANTANA, 2008, p. 45). Civilizada no sentido de enquadrar os indivíduos às normas e regras sociais. Por isso, na década de 1960 vimos atrelados às aulas de Educação Física do CODAP-UFS o conteúdo ginástica e o esporte, sendo que para homens e mulheres era de forma diferenciada, objetivando a disciplinarização e domesticação dos corpos com base em comportamentos de gênero: masculino e feminino.

VAGO (1999, p. 35) reforça esse entendimento quando coloca que “a diferenciação entre práticas corporais para meninos e meninas expressa as representações sobre o corpo masculino e feminino: para eles, exercícios viris, marchas militares; para elas, a delicadeza de exercícios de extensão e flexão; para ambos uma educação racional de seu corpo, mas que deveria respeitar as diferenças entre eles”. Em termos de currículo, isso registra um tipo de experiência escolar relativamente determinante para a formação do sujeito para o campo das relações sociais para além da escola.

Na década de 1970 continuamos com a ginástica fazendo parte do currículo da Educação Física, mas vemos o conteúdo esporte ganhar força e passar a ser visto maciçamente nas aulas. Fato explicado pela política brasileira que incentivava esta prática. Ainda tínhamos um conhecimento apresentando de forma repetitiva, onde o desenvolvimento das capacidades física e habilidades específicas do esporte era trabalhado, de forma prática. Queria-se obter melhores rendimentos e aprendizado das especificidades de cada esporte. O

que pode ser visto no quadro de troféus do Colégio de Aplicação, onde o mesmo participava das grandes competições escolares e trazia bons resultados de lá.

Víamos a partir daí um currículo desportivizado, onde o saber era fragmentado e subdividido em teoria e prática, e o enfatizado era aptidão física. Fato que explica os testes de capacidade feitos pelos alunos do CODAP a cada início de ano letivo (teste em anexo). Tinha-se uma relação entre esporte, educação e desenvolvimento. Assim o esporte esteve na escola para dar visibilidade às manifestações de nacionalidades e para também adequar o alunos à moral e civismo difundido na época. Na década de 1980 observamos uma grande presença do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física do CODAP, ao observar as cadernetas dos professores (Arquivo do CODAP-UFS) percebemos que o mesmo era trabalhado de forma teórica e prática. Muitas vezes não era dado uma sequência nos conhecimentos ensinados, tinha-se aulas isoladas e sem muita continuidade. Fato justificável tendo em vista que neste período esta era considerada apenas uma atividade que deveria ser ofertada aos alunos.

O Colégio de Aplicação da UFS continua participando de competições esportivas, mostrando que o esporte ainda era o conhecimento mais trabalhado nas aulas. Ao observar as cadernetas dos professores de Educação Física na década de 1990 percebemos algumas novas formas de trabalhar com o conhecimento da Educação Física no Colégio de Aplicação, como jogos, brincadeiras e recreação. Sendo que ainda havia predominância do conteúdo esporte. Ainda víamos conhecimentos sem uma sequência, trabalhados visando levar o aluno a praticar uma atividade em que o corpo pudesse exercitar-se. Atrelado ao conhecimento prático, começamos a ver aulas teóricas, apresentação de vídeos. Mas estes sem estarem ligados ao conhecimento prático que estava sendo ensinado. Fato justificável e que atendia aos encaminhamentos dados a esta disciplina na esfera escolar.

Observar os diários e cadernetas escolares nos deu a possibilidade de visualizar os conteúdos que orientaram a prática docente na escola, bem como as tradições mantidas no que tange ao que ensinar e os interesses dos professores ao escolher o conhecimento a ser ensinado. Mas ao olharmos para esta fonte, é necessário entender que “nem tudo que se faz registra-se nos diários e de que nem tudo que foi registrado de fato aconteceu” (DANTAS JÚNIOR, 2010, p.77). O quadro 06 apresenta os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física ao longo da história e fortalece o que foi apresentado até o momento.

Quadro 06 : Conhecimentos Trabalhados nas Aulas

PERÍODO	CONTEÚDOS ENSINADOS
DÉCADA DE 1960	Ginástica

DÉCADA DE 1970	Ginástica, ginástica rítmica, voleibol, basquetebol, futebol, natação, atletismo, tênis, xadrez, judô
DÉCADA DE 1980	Ginástica, ginástica artística, ginástica rítmica, voleibol, basquetebol, futebol, xadrez, natação, judô, tênis de mesa, handebol
DÉCADA DE 1990	Ginástica, ginástica artística, ginástica rítmica, voleibol, basquetebol, futebol, natação, xadrez, tênis de mesa, jogos, recreação, futsal, lutas

Fonte: Cadernetas e relatórios apresentados pelos professores. Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

A partir dos dados apresentados no quadro 06 percebemos que nos primeiros anos de existência do Colégio de Aplicação da UFS a ginástica foi o conteúdo predominante nas aulas de Educação Física, conhecimento defendido por contribuir com o processo de disciplinarização pelo qual nosso país passava. Nas décadas de 1960 e meados de 1970, a ginástica era vista como uma prática que melhoraria a saúde das crianças, capaz também de “desempenar e endireitar corpos infantis na esperança de torná-los belos, fortes, robustos, saudáveis e capazes de esforços exigidos no trabalho de construção da nação” (VIDAL & SCHWARTZ, 2010, P. 364).

A partir de meados da década de 1970 em diante o esporte passa a fazer parte dos conhecimentos a serem ensinados na Educação Física, e a partir da década de 1980 passa a ser o principal conteúdos desta área. Via-se o “esporte, antes de um fim em si mesmo, era mais um dos meios, ou das possibilidades educativas escolares via práticas corporais”(OLIVEIRA, 2003, p. 260). No que se refere ao Colégio de Aplicação da UFS, vemos a predominância de esportes coletivos em detrimento aos individuais, onde o professor definia o esporte que seria ensinado. Observando as cadernetas dos professores, nas décadas de 1980 e 1990, vimos que estes eram ensinados através de aulas práticas e teóricas, e muitas vezes não era dado uma sequência ao mesmo esporte, em uma semana via-se na caderneta um esporte, na outra já tinha-se outro.

Um fato a ser observado é a escolha do conhecimento a ser ensinado ter uma relação com a formação que o professor de Educação Física teve, tendo em vista que cada professor determina o que ensinar. Neste sentido, o professor é visto como um ator social que “pode alterar as cenas curriculares e modificar o processo de ensino aprendizagem através de atos de currículos” (MACEDO, 2013, p. 431). As aulas de Educação Física aconteciam inicialmente na própria Faculdade de Filosofia, no Ginásio Charles Moritz e no Conjunto Aquático de Sergipe, conforme convênio firmado entre a Universidade Federal de Sergipe e o SESC, na Associação Atlética de Sergipe, no Ginásio e instalações do Departamento de Educação

Física. O Colégio de Aplicação da UFS só ganha sua quadra no ano 2000. Mas antes deste período tanto ginásio, pista de atletismo e piscina eram solicitadas para utilização nas aulas .

3.3 CORPO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No transcorrer da história do CODAP-UFS, pudemos verificar a presença de professores ministrando aulas de Educação Física, em alguns momentos eram professores que receberam cursos para se especializar em conhecimentos da área e assim ofertar esta prática educativa e contribuir com o currículo defendido pela escola. Em outros momentos professores formados a partir dos cursos de Educação Física em universidades brasileiras passaram a atuar mais diretamente como responsáveis. O quadro 06 nos apresenta o nome dos professores que ministraram aulas/sessões de Educação Física aos alunos desta instituição. Alguns foram convidados a dar aula no colégio, outros tinham vínculo com o curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFS, outros foram cedidos pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe, outros entraram a partir de concurso para professor substituto e efetivo feito pela própria instituição.

Quadro 07 - Professores de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFS

NOME	VÍNCULO	PERÍODO DE TRABALHO
Rosália Bispo dos Santos	Convidada	1960
Airton Carlos Nunes		1967/1968
Ana Maria Nogueira		1967
Maria Edma de Barros		1969
Candido Augusto S. Pereira	Centro de Civismo, Educação Física e Desporto	1970
Felix Dávila	Centro de Civismo, Educação Física e Desporto	1974
Marlio Cardoso Chagas		1985-1987
Marcos Antonio Tavares	Contratado para Xadrez	1985
Arlindo Pinto Ribeiro		1988
Pedro Jorge Morais	DEF	1988

Menezes		
Martha Bragança	DEF	
Sergio Giansante	DEF	
Leonea Vitória Santiago	Cedido – Secretaria Estado Educação	1989
Caetano de Almeida Quaranta		1990/1991
Anderson Almeida da Rocha	Cedido – Secretaria Estado Educação	1990/1991/1992/1993
Ana Lúcia Nuffareg Silva	Cedido – Secretaria Estado Educação	1991/1992/1993
Maria Cristina de Azevedo Vidal	Cedido – Secretaria Estado Educação	1989/1990/1991
Solange Lacks dos Santos	Efetiva	1992/1993/1994
Rosangela Rocha dos Santos	Cedido – Secretaria Estado Educação	1993
Maria de Fátima Menezes Teles	Cedido – Secretaria Estado Educação	1993
Osvaldo Pinto de Rezende	Cedido – Secretaria Estado Educação	1993
José Antônio dos Santos Silva	Cedido – Secretaria Estado Educação	1993
João Berchans de oliveira	Efetivo- redistribuído	1993 - 2010
Maria Assunção Souza Oliveira	Efetivo – redistribuída	1993
Alexandre Henrique Rodrigues de Menezes	Efetivo	1994-2008
Jussara da Silva Rosa	Substituta	1996
Robson Barbosa Santos	Substituto	
Eliane Dias Guimarães	Substituta	1999
Suzannah Ethel Freitas Teles	Substituta	2001-2003
Fábio Luis Santos Nunes	Substituto	2005/2006

Sergio Renato Souza	Substituto	2006
Néviton Felipe dos Santos	Substituto	2008
Flávio Vinicius Fonseca Barreto	Substituto	2009/2010
Marilia Menezes	Substituta	2008-2010
Marília Menezes	Efetiva	2010...
Mariza Alves Guimarães	Substituta	2011
Mariza Alves Guimarães	Efetiva	2011...
Carlos Alexandre Andrade dos Santos	Substituto	2014/2015
Dagoberto de Oliveira Machado	Efetivo	2014...
Leandro	Substituto	2015/2016

Fonte:Arquivo do Colégio de Aplicação da UFS

Percebemos que só a partir da década de 1990 houve uma preocupação em ter na escola professores de Educação Física da própria instituição. O ofício n. 194/DEF enviado ao Colégio de Aplicação da UFS já mostrava uma indicação da necessidade do Colégio ter seus professores próprios, para que assim as aulas pudessem atender às necessidades específicas do currículo da escola. A preocupação tardia para com a necessidade desta área de conhecimento pode ser explicada pela forma com que a Educação Física entrou nos currículos escolares, como uma prática educativa. E diante das necessidades maiores de organização do quadro de professores da instituição estudada, outras prioridades foram dadas.

Só em 1993 temos a chegada de 02 professores redistribuídos que assumiram estas aulas na escola, fato que começa a dar um olhar específico da área para atender as necessidades curriculares da escola. Assim, o Colégio de Aplicação passa a ter professores de Educação Física com vínculo próprio. Até o ano de 1988 o Departamento de Educação Física assumiu as aulas desta área de conhecimento, mas a partir do ano 1989 o mesmo deixou de assumir, conforme ofício 194/DEF enviado ao Colégio de Aplicação no dia 26 de julho de 1988, alegando que a oferta pelos professores do departamento da Educação Física aos 1 e 2 grau estavam comprometendo as tarefas do próprio departamento. Além disso, essas aulas passaram a não ser contabilizadas para os professores, contavam apenas como atividades de

extensão, fato que também contribuiu para que estas aulas fossem desvinculadas do referido departamento, segundo ofício enviado pelo DEF ao CODAP em 1988.

Nesse momento um convênio foi firmado entre a UFS e a Secretaria de Educação do Estado para que alguns de seus professores atendessem a demanda do Colégio de Aplicação. Estes professores ministraram aulas do período de 1989 até 1993. O primeiro concurso público para disciplina Educação Física foi realizado no ano de 1992, quando a professora Solange Lacks dos Santos passou em primeiro lugar, vindo a assumir suas atividades neste mesmo ano. A mesma ficou na escola até o ano de 1994, pois na portaria n. 834 de 03 de novembro de 1994 a mesma pediu exoneração do cargo. Assim, através do ofício n. 182/CODAP/94, o Colégio de Aplicação da UFS solicita a nomeação de Alexandre Henrique R. Menezes, 2º lugar classificado no concurso para professor desta disciplina.

Em conjunto com os professores efetivos da escola, tivemos alguns professores substitutos, todos selecionados através de concurso público, com o objetivo de complementar o quadro necessário de professores para esta disciplina. Durante o marco temporal delimitado neste estudo tivemos diversos professores, com vínculos diferenciados. E até o ano 1996, período final de nosso estudo tínhamos 02 professores efetivos 01 professor substituto. De outro modo, vislumbramos a possibilidade, para outro momento, de um estudo historiográfico que estabelece como fio condutor das fontes e das informações os professores que atuaram no CODAP-UFS ao longo dos anos. Grosso modo, uma história do currículo da Educação Física no Colégio pode se aprofundar ainda mais se utilizada essa estratégia de realizar um estudo historiográfico da vida profissional desses professores.

Desse modo, apresentamos um quadro analítico tendo como base os elementos encontramos na documentação estudada. Nele observamos que em relação aos programas disciplinares encontramos uma documentação sucinta e nelas ainda observamos informações com poucos detalhes, isto no sentido de nos fornecer elementos para entender de que forma a Educação Física esteve organizada no currículo do Colégio de Aplicação da UFS. Para identificar os conhecimentos trabalhados nas aulas de Educação Física foi necessário obter informações nas cadernetas dos professores, bem como inferir conteúdos ensinados através de fotografias, ofícios, troféus onde eram vistos formas de trabalho dos professores desta área de conhecimento.

No tocante aos professores que ministraram aulas de Educação Física observamos diversas formas de ligação entre estes e a escola, tivemos professores convidados a dar aulas, indícios de professores ligados ao exército, professores que faziam parte do Centro de Educação Física e Desporto da UFS, professores cedidos pelo Estado, professores da própria

instituição, a partir da década de 1990. Contexto explicado anteriormente pela falta de profissionais qualificados em nosso Estado na área da Educação Física nas décadas de 1960 e 1970, e também pela falta de elementos da instituição para que esta tivesse professores da própria escola ensinando a Educação Física, problemática que passa a ser resolvida na década de 1990.

Através da participação em eventos, festividade e premiações pudemos observar contradições no que tange à Educação Física na escola, bem como através de fotografias e atas que tratam destes elementos pudemos inferir conhecimentos ensinados e a forma com que estes eram trabalhados. Através das premiações obtidas pelos alunos dos Colégio de Aplicação da UFS, observamos a constância de alguns esportes no currículo da Educação Física, bem como elementos que nos levam a discutir até que momento o esporte fica como principal conteúdo das aulas de Educação Física nessa instituição.

Quadro 08 - Quadro Analítico dos Dados Observados na Documentação

PROGRAMAS DISCIPLINARES	CONHECIMENTOS ENSINADOS	QUADRO DE PROFESSORES	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS, FESTIVIDADES E COMPETIÇÕES	PREMIAÇÕES
Falta de clareza de algumas informações	Cadernetas	Professor Convidado	Fotografias	Troféus
Documentação sucinta	Inferências	Professor do Exército	Atas	Medalhas
		Professores do Centro de Civismo, Educação Física e Desporto	Contradições	Constâncias de Alguns Esportes
		Professores do Estado		Depois de 1991 quase não tem troféus. O que explicaria?
		Professores Efetivos (1992)		

		Professores		
		Substitutos		

3.4. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURRÍCULO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL

A partir do material encontrado e analisando no transcorrer deste estudo pudemos perceber que não se poderia entender de forma detalhada a organização curricular da disciplina Educação Física, pois com estes apenas obtivemos a informação de que ao longo da história do Colégio de Aplicação da UFS a Educação Física esteve presente no currículo, porém no que se refere ao currículo específico da disciplina, encontramos indícios de que conhecimentos eram ensinado e como isso se dava. Por conta disto, utilizamos a história oral construída através de entrevistas junto a professores que estiveram participando, no passado, da constituição desta disciplina no currículo escolar, para assim tentar obter informações no sentido de entender algumas lacunas deixadas pela observação dos documentos obtidos e assim identificar como se deu a organização da Educação Física no período de 1960 à 1995. Buscando assim entender as mudanças que ocorreram no currículo desta disciplina e que transformações ocorreram durante este caminhar.

Para organizar as informações obtidas nas entrevistas trabalhamos buscando entender como se deu o processo de inserção deste professor no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe; como a Educação Física era entendida pelos que organizavam a escola, como era o direcionamento dado a esta disciplina no que tange à escola e aos professores de Educação Física; como se deu a organização das aulas da disciplina Educação Física; como era o processo de participação em eventos, competições e festividades; e como era a relação da disciplina Educação Física e estagiários.

No que se refere ao processo pelo qual os professores passaram para estar ministrando aulas de Educação Física no CODAP-UFS, percebemos que alguns foram convidados a dar aula na escola, outros foram cedidos para desenvolver seus trabalhos no CODAP-UFS, outros dividiam-se entre sua atividade oficial e a atividade firmada para atender à necessidade desta instituição, outros foram redistribuídos de outras universidades para o colégio analisado por nós, outros passaram por concursos para professor efetivo e substituto organizados pelo próprio CODAP-UFS.

Minha indicação para professor do Colégio de Aplicação se deu quando eu terminei o curso de Educação Física no Rio de Janeiro em fevereiro de 1976

e retornei para Aracaju onde prestei concurso público para a cadeira de ginástica olímpica e saltos ornamentais do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, concurso que fazia parte do projeto de implantação do curso de Educação Física do Departamento de Educação Física. (...) . Após os resultados do concurso passei a integrar a equipe docente da UFS que era o quadro docente do Centro de Civismo, Educação Física e Desporto, localizado na Praça Camerino. (Professor A)

Na época foi feito uma portaria, foi feito uma parceria do Estado com o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe com a Secretaria de Educação, no período em que o Colégio de Aplicação não tinha professores de Educação Física para ministrá-las. (Professor B)

Eu e minha esposa, ambos formados em Educação Física pela Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná em Londrina, nós fomos para Rondônia e lá trabalhamos por 10 anos, entre atividades de Educação Física e direção da escola. (...). Em 1993 eu vim para o Colégio de Aplicação da UFS, foi quando o Governo Federal nos redistribuiu para uma escola. (Professor C)

As falas dos professores reforçam as afirmações e ressalta algumas informações que nos remetem à organização da Educação Física no Colégio de Aplicação, bem como nos apresenta a configuração desta área em Sergipe. Percebemos na fala do professor A, a confirmação do que trabalhamos anteriormente no que se refere à falta de professores qualificados em Sergipe e formados no nosso Estado na década de 1970. Algo demonstrado nos estudos de ANDRADE (2014, p. 125), em que afirma que até a década de 1960 tínhamos apenas 04 professores; realidade que irá modificar-se após a criação do Centro de Educação Física e Desporto em 1970. Além disso, observamos uma contribuição do Centro de Educação Física e Desporto com a organização da Educação Física no CODAP – UFS ao encaminhar seus professores para o colégio estudado. Fato observado também em relação ao Estado e a Secretaria de Educação, conforme fala do professor B.

O Colégio de Aplicação não oferecia orientações acerca de como a Educação Física deveria ser organizada, apenas tratava a disciplina dentro do currículo escolar (discriminando o número de aulas). Mas a organização curricular da disciplina ficava a critério do professor, que desenvolvia seu trabalho de forma individualizada até a década de 1990, tendo em vista que não havia algo direcionado a todos. Só com a chegada dos professores efetivos na instituição é que passamos a ver novas formas de organizar e estruturar a disciplina, formas essas direcionada pelos professores que as ministravam.

Nessa época o colégio de aplicação não interferia de forma nenhuma, a direção do colégio, a coordenação pedagógica do colégio de aplicação não interferia diretamente no planejamento e coordenação dos conteúdos da Educação Física que eram ministrados para os alunos do colégio. Eram

conteúdos onde o planejamento e a preparação das atividades era desenvolvido pelos professores do curso de Educação Física da universidade (Professor A)

Todo o planejamento era feito por mim, especificamente nas turmas que eram direcionadas pelo professor Felix D'Ávila a mim, e a partir daí eu iria desenvolver todo um processo de organização, de planejamento e execução destas atividades (Professor B)

Eles já tinham toda uma estrutura formada, que eram aulas de Educação Física, deveriam ser ministradas 02 horas por semana. (Professor B)

Em 1994 que nós começamos a organizar a Educação Física, por séries, por níveis de ensino e esta estruturação que a gente fez em 1994 ela perpetua até hoje praticamente (Professor C)

Nós já tentávamos trazer para toda a escola a idéia de Educação Física escolar. E o Alexandre chegou logo em seguida, em 1994. Quando ele chegou ele se encaixou muito no que a gente pensava de Educação Física, e ele colaborou nesta estruturação. (Professor C)

No que se refere à organização curricular das Educação Física, percebemos que num determinado momento os professores pautavam suas aulas tendo como base sua disciplina no Departamento de Educação Física da UFS; em outros momentos os professores se orientavam a partir do currículo esportivo e só na década de 1990 passamos a ver modificações na forma de organizar esta disciplina fora da tradição da exclusividade esportiva, ginástica e cívica. Os conhecimentos ensinados eram os esportes, jogos, conhecimentos relacionados à saúde, recreação. As aulas eram num primeiro momento práticas e a partir do final da década de 1980 passaram a ter aulas teóricas e práticas. A avaliação dos alunos inicialmente era feita com base na melhora do rendimento, e mais a frente passa a ser vista toda a participação do alunos nas aulas.

Nesse sentido, estudar a história do currículo nos leva ao entendimento de que a escola não só reproduz, mas sim possui uma cultura própria. Para entender a configuração curricular da Educação Física faz-se necessário observar o que foi deliberado, o que foi interpretado e o que foi efetivado (GOODSON, 1995). A Educação Física deve ser observada a partir de sua materialização enquanto disciplina escolar presente nas instituições de ensino. As características observadas apontam para uma Educação Física dentro de uma conjuntura nacional e estadual, que muitas vezes trouxe o esporte como conteúdo hegemônico, quer seja pelo seu papel disciplinador, quer seja pelo seu aspecto interativo. E observou o aprendizado através do rendimento trabalhado em sala de aula.

O esporte considerado como uma “prática civilizada por isso educada e educativa” (LUCENA, 2001, p. 11), significa que para escola era uma forma de trazer valores modernos

como o fato deste fazer com que o indivíduo possa inculcar regras e normas que contribuíam para o controle de impulsos.

Quadro 09 - Organização Da Educação Física

PROFESSOR	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AValiação
Professor A	Conteúdos relacionados à iniciação da Ginástica Olímpica	Aprendizagem da ginástica artística	Nós trabalhávamos desta forma, organizávamos os conteúdos e executávamos em função da faixa etária, as aulas eram desenvolvidas três vezes por semana, e tinha 1 hora de aula prática com estes alunos	Ao final de cada semestre nós fazíamos uma avaliação motora dos alunos, para ver se o processo de atividades estava realmente trazendo evolução para o desenvolvimento da criança. E no final do ano nós fazíamos uma apresentação em solenidades da universidade.
Professor B	Neste período nos tratávamos de dar a educação básica esportiva. Mas tudo básico, tudo em função da Educação Física, nada em função de	Ensinar os esportes	Começamos a organizar nossas aulas em função da Educação Física Escolar	

	preparação para competição			
Professor C	<p>Na 5 série era mais recreação, a parte de motricidade, de movimentação e estruturação corporal, aspectos de saúde. Na 6 série já começava a iniciação esportiva, mas de uma forma bem lúdica. Na 7 série e 8 série nós trabalhávamos por unidades, tínhamos natação e atletismo num semestre, no outro futsal e voleibol. Na 8 série seria introduzido o basquete.</p> <p>No ensino médio ofertaria ao aluno um</p>		<p>Eram três aulas por semana, podendo ser uma teórica ou três práticas, dependia do conteúdo.</p> <p>Se pegar a caderneta do Alexandre ela era mais teórico, ele trabalhava muito em sala de aula, os alunos reclamavam porque queriam a bola.</p>	<p>Ate 2010 quando eu sai nós avaliávamos os alunos no aspecto de envolvimento, na frequência e no conhecimento sobre o conteúdo que era pensado em sala de aula.</p>

	esporte, ou semestral ou anual			
--	--------------------------------------	--	--	--

Fonte: Entrevistas cedida ao pesquisador em 2016

Vimos no transcorrer do período estudado que os professores passavam por duas situações, o fato de sua prática modificar o entendimento da disciplina no currículo, mas também viam muitas vezes a não modificação do fazer pedagógico da escola. “Certamente não podemos considerar os professores como sujeitos capazes de, por si só, transformar a realidade através de sua prática pedagógica. (...) Porém, os professores também não são vítimas, tampouco, foram coitados” (OLIVEIRA, 2001, p.59). Eram os sujeitos que agiam no cotidiano escolar dentro das condições concretas e objetivas que tinham.

Com relação à participação dos alunos do Colégio de Aplicação da UFS em eventos, festividades e competições, identificamos através das falas dos professores que até a década de 1980 havia uma maior preocupação com a participação nesses contextos, tendo em vista que a organização da disciplina Educação Física servia para que alunos fossem preparados para um dado modo de vida cívica. Com a chegada de professores do Estado para assumir as aulas desta disciplina, o conteúdo esporte passa a ser trabalhado no sentido de iniciação e é deixado de lado a organização para que os alunos participassem destes. Na década de 1990 a participação em eventos não era algo primordial na organização curricular da Educação Física.

O professor A coloca que:

quando eu cheguei, o colégio de Aplicação no que diz respeito aos desfiles cívicos existia uma coordenação que era do departamento de Educação Física, por intermédio da coordenação do professor Félix D’Avila, e apenas alguns professores participava. Mas que eu lembro muito bem era que os professores de outras disciplinas do Colégio de Aplicação, ou melhor, do Ginásio de Aplicação, eles é que tinham uma participação muito grande, mais efetiva nos desfiles cívicos.

Percebemos que esse passa pelo Colégio de Aplicação nas décadas de 1970 e 1980, período em que os desfiles cívicos eram considerados como o momento de conagração entre a escola e sociedade, através deles se apresentava o conjunto de valores morais e padrões de comportados trabalhados na escola e apreendidos pelos alunos (SANTANA, 2008). Valores e padrões trabalhados não só pelos professores de Educação Física, mas por

todos que faziam a escola. Os professores B e C afirmaram não terem participado de desfiles cívicos no período em que estiveram ministrando aulas no Colégio de Aplicação.

No que tange à participação em jogos e festividades, o professor A afirma a participação no Festival de Artes de São Cristóvão e nos jogos escolares do estado de Sergipe. O professor B afirma não participar de jogos e festividades. E o professor C diz que em alguns momentos levou equipes para jogos fora da escola. No estudo de MENEZES (1997, p. 111), é confirmado esta participação do CODAP-UFS “muito forte até o quinto ou sexto ano do evento”. Evento esse que tinha uma programação diversificada, promovia e difundia a cultura e arte da região. Nele, grupos de ginástica sempre se apresentavam.

Nós íamos para o Festival de Artes de São Cristóvão e apresentávamos a equipe de ginástica rítmica, a dança a professora Conceição ela fazia a apresentação de grupos de dança, a professora Arline Ribeiro fazia a apresentação de ginástica rítmica. Era uma forma de fazer um teste, um teste evento, nesta apresentação, como forma de avaliar o desempenho das crianças nessa época” (Professor A)

No que se refere à participação em jogos, apenas o professor B diz não participar. Porém ao observarmos a tabela de troféus do Colégio de Aplicação apresentada neste estudo, percebemos que no período em que este esteve na escola, os alunos frequentavam os jogos. Neste sentido, poderia ser apenas uma prática de um dos professores da escola de não levar equipes para jogos escolares.

Nós montávamos uma equipe e esta equipe participava defendendo as cores do Colégio de Aplicação nessas competições. (Professor A)

Participamos várias vezes dos jogos escolares. Quando a gente percebia que tinha um grupinho que era mais hábil e dependendo da cobrança a gente ia (Professor B)

No que se refere ao Colégio de Aplicação desenvolver jogos internos, todos os professores afirma que a escola fazia a JECA (Jogos Escolares do Colégio de Aplicação) e que nestes sim havia uma organização para que todos os alunos participassem. Neles eram trabalhados os esportes institucionalizados, bem como atividades que faziam parte do cotidiano escolar, como lig 4, cabo de guerra, queimado.

Que eu me lembre, somente quando a Universidade Federal de Sergipe se transferiu para o campus de São Cristóvão é que a professora Arline e nós professores, ainda administrando e coordenando a Educação Física do CODAP-UFS, aqui no campus, é que passamos a desenvolver o Projeto dos

Jogos Internos do Colégio de Aplicação, que eram chamados de JECA” (Professor A)

Foi feito a JECA, inclusive Mufaregi que idealizou isto. Era um trabalho que fazia parte do currículo, havia uma preparação, eles formavam grupos, era como são os jogos de qualquer escola. Tinha abertura dos jogos, era uma sala contra outra. (Professor B)

Os jogos internos era o xodó da escola, todo mundo esperava porque eram 02 semanas, uma para cultura e outra para jogos esportivos. (Professor C)

Era uma participação de 99% dos alunos, a gente conseguia que os professores não dessem aulas, a gente queria os jogos com o máximo de participação dos alunos. (Professor C)

Dentro dos jogos tinha a recreação também, não era só o esporte. Até o cabo de guerra a gente fazia também, depois virou competição. (Professor C)

Entendemos que em vários momentos “os colégios de aplicação tiveram que superar dificuldades decorrentes da falta de recursos materiais e humanos para implantação de experiências inovadoras, para o atendimento satisfatório do estágio e até mesmo para o cumprimento de suas atividades de ensino” (BARROS, 1988, p. 88). Em relação à Educação Física e o estágio de estudantes universitários nesta disciplina escolar, percebemos que todos os professores relatam terem participação de estagiários em suas aulas, mas de forma aleatória. Algo que nos leva a pensar o papel da Educação Física e do próprio Colégio de Aplicação da UFS, que foi criado para servir de campo de experimentação para professores em formação nos cursos da Universidade Federal de Sergipe, ainda não possuía uma sistematização de modo que o estágio pudesse também configurar o currículo da disciplina, mas, que, do mesmo modo, não deixou de estar no campo das experiências mais localizadas a deixar marcas no cotidiano escolar.

QUADRO 10 - Quadro Analítico dos Dados Observados nas Entrevistas

QUADRO DE PROFESSORES	PROGRAMAS DISCIPLINARES	CONHECIMENTOS ENSINADOS	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS, FESTIVIDADES E COMPETIÇÕES	PREMIAÇÕES	ESTAGIÁRIOS
Professores do Centro de Civismo, Educação Física e Desporto	Com base no que o centro de civismo determinava e no que o professor determinava	Esporte . Iniciação esportiva	Festival de São Cristóvão, Desfiles cívicos, Jogos Escolares e JECA	Troféus, medalhas Constâncias de Alguns Esportes	Não tinha no início. Poucos
Professores do	Educação Física	Iniciação	Não participava		Poucos

Estado	Escolar dando ênfase à iniciação desportiva	Desportiva	competições fora da escola. JECA		
Professores Efetivos (1992)		Esporte, recreação, jogos	Jogos Escolares quando tinha alunos habilitados. JECCA	Constâncias de Alguns Esportes Depois de 1991 quase não tem troféus. O que explicaria?	Poucos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base as informações obtidas com este estudo, podemos afirmar que a Educação Física esteve presente na organização curricular do Colégio de Aplicação, na maior parte do tempo enquanto prática educativa, no sentido de contribuir para moldar os indivíduos para a vida social, onde regras e disciplina precisam ser aprendidas. Em outro momento mais recente passou a constituir o corpo de disciplinas da instituição. Mas, sempre atrelada ao formar comportamentos, hábitos e doutrinar os sujeitos a se comportar seguindo alguns valores necessários ao viver na sociedade conforme o contexto cultural, político e econômico de suas respectivas épocas.

Os documentos encontrados nos arquivos pesquisados nos dão informações acerca da presença da Educação Física nas grades curriculares, mas não nos apresentam claras informações acerca da organização curricular da disciplina, no sentido de entender como esta disciplina estava organizada no meio escolar. Nesse sentido, buscamos entrevistar professores de Educação Física que ministraram aulas no Colégio de Aplicação da UFS, para assim entender de que forma o currículo próprio da disciplina esteve organizado em meio ao currículo defendido pela escola, currículo enquanto atividades propostas, caminhos a serem seguidos pelos alunos na busca pela apropriação de conhecimentos necessários à sua formação.

As fotografias encontradas nos possibilitaram inferir que havia uma preparação para cada atividade cívica ou social nas quais participavam os estudantes. Pudemos ver a Educação Física através dos eventos nos quais os alunos participaram, e assim entender que alguns

conteúdos, referentes às exigências dos eventos, eram ensinados pelos professores de Educação Física, a fim de cumprir com quesitos básicos de participação. Porém, entender como as aulas eram organizadas para que estes conhecimentos fossem apreendidos e desempenhados durante as participações não vem bastando apenas os registros fotográficos. Daí a necessidade de complementar os dados que vimos levantando com as entrevistas.

O quadro de professores que ministraram a Educação Física no Colégio de Aplicação da UFS foi composto por professores convidados, outros tinham vínculo com o curso de Educação Física da UFS, alguns foram cedidos pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe, outros entraram a partir de concurso para professor substituto e efetivo feito pela própria instituição. Em alguns momentos não tínhamos professores de Educação Física, mas professores que receberam uma qualificação para ministrar a disciplina, como foi o caso da professora Rosália Bispo que foi ao Rio de Janeiro para fazer um curso que a possibilitasse trabalhar com esta disciplina. Fato entendido por conta da dificuldade em existir cursos de Educação Física e Universidades na década de 1960.

A Educação Física passa a ser vista como disciplina quando se observa a necessidade de professores específicos e preparados para organizar e orientar seu ensino, indivíduos conhecedores dos conhecimentos específicos a esta área e de órgãos específicos e governamentais para cuidar de seu ensino. Alguns documentos chamam atenção para a necessidade da escola ter seus professores de Educação Física, mas só a partir de 1992 que o Colégio de Aplicação passou a ter professor efetivo de Educação Física. Ainda não foi possível saber se a mudança de prática educativa para disciplina implicou alterações nos conteúdos trabalhados na Educação Física, considerando que exista uma diferença de natureza entre as duas modalidades curriculares.

Quanto aos conhecimentos ensinados na Educação Física identificamos a ginástica, esportes, conhecimentos relacionados à saúde e higiene. Conhecimentos ensinados através de aulas práticas e aulas teóricas, sem muitas vezes apresentar uma continuidade conforme observamos nas cadernetas escolares. Não conseguimos identificar o porquê da escola evidenciar determinados conteúdos em detrimento de outros, pois nos documentos analisados não foi possível identificar estas informações e as entrevistas não nos deram este entendimento.

O Colégio de Aplicação da UFS sempre esteve participando de Jogos, Competições e Desfiles Cívicos, aparentemente obtendo bons resultados nestes, tal como mostram as premiações dispostas no quadro 03, fato que nos mostra que havia uma preparação dos alunos para estar nestas atividades. O esporte enquanto conteúdo principal das aulas permitia a eles

uma apropriação que era colocada em prática durante jogos da própria escola ou de cunho estadual. Atividades vivenciadas até o final da década de 1990.

Com relação aos jogos organizados na própria escola (JECA), atentamos para sua importância no sentido de apresentar um pouco do currículo materializado na disciplina Educação Física no Colégio de Aplicação da UFS, tendo em vista que nestes eram trazidos conhecimentos trabalhados nas aulas durante o ano letivo. Fato que nos leva a reforçar a relevância de estudos acerca da JECA para assim ampliar o olhar sobre o currículo desta disciplina.

Ainda sobre a JECA nota-se uma diferenciação entre a Educação Física e demais componentes do currículo do Colégio de Aplicação da UFS, pois neste evento é evidenciado uma separação entre as atividades da disciplina Educação Física e atividades das demais disciplinas. O que nos leva a pensar na forma como a Educação Física é compreendida no currículo da escola, muitas vezes de forma secundária, no que tange à relação com os demais componentes curriculares.

No que tange ao currículo do Colégio de Aplicação da UFS observamos a presença de acontecimentos, vivências e atitudes que marcaram a passagem dos alunos pela Educação Física. Na década de 1960 não tivemos acesso a nenhum professor do CODAP, para que pudessemos obter mais elementos acerca da Educação Física. Na década de 1970 e meados de 1980 identificamos que a Educação Física tinha como base a iniciação esportiva, onde o conteúdo ensinado eram o esporte, os alunos tinham 03 aulas de Educação Física por semana e nelas as turmas eram separadas por homens e mulheres. No final da década de 1980 e início da década de 1990, o esporte ainda era o conteúdo principal da Educação Física, mas de acordo com os entrevistados, era o esporte como conteúdo da Educação Física e não iniciação desportiva. Só a partir de 1993, com a chegada de professores efetivos é que começa uma nova configuração da organização desta disciplina no currículo do colégio.

Pudemos perceber que não houve uma relação dialética entre currículo da Educação Física e currículo do Colégio de Aplicação da UFS no período estudado, tendo em vista que os professores entrevistados evidenciaram não haver orientação institucional no que se refere à organização curricular da Educação Física ministrada por eles.

Entender a configuração curricular da Educação Física no Colégio de Aplicação perpassa o entendimento da cultura escolar, observando o quadro legal e formal, e também o que acontece no interior da instituição, tendo o olhar para suas especificidades e para o que é resultado da prática de quem o faz. Assim é observado as normas, estrutura e os atores que vivenciam o currículo proposto pela escola.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco: lapa, 1996.

ANDRADE, André Augusto. **Félix D'Ávila e o Campo da Educação Física em Sergipe (1958-1979)**. Aracaju: Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIT, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação).

BARROS, José D. **Teoria da História**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, Zilma Gomes Parente de. **Redefinição Conceitual dos Colégios de Aplicação**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1988.

BARROSO, João. **Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola**. UNIVESP

BLOCK, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BORGES, VAVY P. **O Que é História**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BITTENCOURT, Circe M. F. **A Escola como Objeto de Estudo: escola, desigualdades e diversidades**. São Paulo: Junqueira & Martin Editores, 2014.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria e Educação**, n. 2, 1990, p. 177-229.

CHERVEL, André. *La Culture Scolaire: une approche historique*. Paris: Editions Belin, 1998.

CONNERTON, PAUL. **Como as Sociedades Recordam**

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **Jogos da Primavera de Sergipe**: tradição, espetáculo e esportivização da escola -1964-1995. São Cristóvão: Editora UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**: dos Annales à Nova História. São Paulo: editora da UNICAMP, 1994.

FELGUEIRAS, Margarida L. **Cultura Escolar**: da migração do conceito à sua objetivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida L. & VIEIRA, Carlos E (org). *Cultura Escolar, Migrações e Cidadania*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

FORQUIN, Jean C. As Abordagens Sociológicas do Currículo: orientações e perspectivas. **Revista, Educação e Realidade**. 21(1): 187-198, Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FUNARI, Pedro P.A. & SILVA, Glayson J. **Teoria da História**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GATTI JÚNIOR, Décio. A história das instituições educacionais. In: GATTI JUNIOR, Décio & ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2002

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005

GOODSON, Ivor F. *A Construção Social do Currículo*. Lisboa: EDUCA, 1997.

JAETHN, Lisete. O Pensamento Curricular e a Relação entre Poder e Conhecimento: controle e regulação social. In: **Espaço do Currículo**. V. 4, n.2, p. 114-124, set 2011 a març 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001, v.1, p.9-44.

LE GOFF, Jacques. História. In LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. P. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. In LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. P. 419-476.

LOPES, Alice R. C. História do Currículo da Pós-Graduação em Educação da UFRJ (1972-1981): concepções de conhecimento e pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**. n.7. jan/fev/Marc/abr 1998.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de Currículos: uma incessante ativado etnometódico e fonte de análise de práticas curriculares. **Rev. Currículo sem Fronteiras**. V.13, n.3, p. 427-435, set./dez. 2013.

MENEZES, José A. S. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe**: uma possível história. 1997. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

NUNES, Martha S.C. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2008b. Dissertação (Mestrado em Educação).

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **A Construção dos Currículos Escolares de Educação Física**: relações entre o planejamento tecnocrático e a experiência dos professores. In. OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de & RANZI, Serlei Maria Fischer (org.). História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação Física e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984)**: entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a Experiência Cotidiana de Professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. São Paulo: PUC, 2001. Tese de Doutorado.

REIS, José C. **O Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SANTANA, Angélica Jesus de. **As Práticas Pedagógico-educativas da Educação do Corpo no Ensino Primário em Sergipe – 1889/1930**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação).

SILVA, Alcir Horácio da. **A Organização do Trabalho Pedagógico**: educação física e avaliação. Curitiba: Appris, 2015.

SOARES, Carmem L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2001

SOUZA JUNIOR, Marcilio & GALVÃO, Ana M. de O. História das disciplina escolares e história da educação: algumas reflexões. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 31, n.3, p. 391-408, set/dez 2005.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e Fim do Século XX: maneiras de fazer a Educação Física na escola. **Cadernos CEDES**. Ano XIX, n 48, agosto/1999.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves & SCHWARTZ, Cleonara Maria. **História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010.

VIEIRA, Maria d P. d A. ; PEIXOTO, Maria d R. d C. & KHOURY, Yara M. A. **A Pesquisa em História**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

VIÑAO, Antônio. A História das Disciplinas Escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**.n.18. set/dez 2008.

WERLE, Flávio O. C. História das Instituições Escolares.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo da Universidade Federal de Sergipe

Arquivo do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe

CEMEFEL - Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer da UFS/Sergipe

CEMDAP - Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe

ANEXOS

ANEXO I – Relatório de Verificação Prévia

234

GINÁSIO
DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE
RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO PRÉVIA

1) - Nome oficial do estabelecimento
GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE
SERGIPE.

2) - Histórico

O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, fica situada á rua Campos nº 177, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe.

Foi fundado no dia 30 de junho de 1959 pela Sociedade Sergipana de Cultura.

Como o seu nome indica, servirá para o treinamento didático dos professores. Possui condições pedagógicas satisfatórias e contando com um excelente professorado, está capacitado a ministrar o melhor ensino ginásial do Estado.

Com o crescimento da população escolar, é de interesse vital a criação desse Ginásio que irá atender seguramente aos professores formados pela Faculdade Católica de Filosofia / de Sergipe e que se encontram às vezes em dificuldade de exercer a sua profissão por já estarem os demais Ginásios com o seu quadro / docente completo.

O estabelecimento mantém a seguinte organização administrativa: Diretoria, Secretaria, Auxiliares da Administração, Corpo Docente e Corpo Discente.

Na data do levantamento deste relatório os / cargos de administração se acham assim constituídos:

Diretor: Prof. Rosália Bispo dos Santos

Secretário: Prof. Elze do Prado Barreto

3) - Regime

O Ginásio funcionará sob o regime de externalto, admitindo matrícula para candidatos de ambos os sexos, observadas as exigências da legislação de ensino vigente.

4) - Capacidade

A capacidade do estabelecimento, por turno, é de 222 alunos, conforme distribuição no quadro seguinte:

ANEXO II – Atestado de Idoneidade Moral

ATESTADO DE IDONEIDADE MORAL

Atestamos que a professora ROSÁLIA BISPO DOS SANTOS, possui completa idoneidade moral e social.

Aracaju, 26 de junho de 1959.

José Rollemberg Leite
José Rollemberg Leite

Professor, Registro nº D-9949

Celina Oliveira Lima

Celina Oliveira Lima

Inspetora Federal.

ANEXO III – Currículo de 1967 – Ciclo Colegial

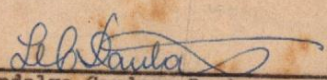
Anexo III

CURRICULO DE 1967 — CICLO COLEGIAL

<u>Hipótese A</u>		<u>Hipótese C</u>	
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:</u>			
1º Ano:	2º Ano:	1º Ano:	2º Ano:
Port. - 4	4	4	4
Hist. - 3	3	3	3
Geog. - -	-	4	3
Matem. - 4	4	-	-
Geo. Ciênc. - -	-	-	4
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:</u>			
Física - 4	4	-	-
Química - 3	3	-	-
Biologia - 3	3	-	-
Francês - -	-	4	4
Latim - -	-	3	3
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS:</u>			
Inglês - 3	-	3	3
Desenho - -	4	-	-
Filosof. - -	-	3	3
<u>ATIVIDADES COMPLEMENTARES:</u>			
Educ. Fis. 2	2	2	2
Religião 1	1	1	1
Inicição artística 2	2	2	2

Obs.: Na hipótese C, Biologia é a parte das Ciências Físicas e Biológicas que, no 2º ano, compreende a Biologia Humana.

Aracaju, 20 de maio de 1967


 Lindalva Cardoso Dantas
 Diretor

ANEXO IV – Currículo de 1967 – Ciclo Ginásial

Anexo I

CICLO GINÁSIAL -- CURRÍCULO DE 1967

HIPÓTESE C

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:

	1ª Série:	2ª série	3ª série	4ª série
Português -	5	5	5	5 aulas
História -	2	3	3	3 "
Geografia -	3	3	3	- "
Matemática -	5	4	4	4 "
Ciências -	2	2	2*	3 "

DISCIPLINAS COMPLEMENTARES:

Inglês -	-	-	3	3 aulas
Latim -	-	-	2	2 "

DISCIPLINAS OPTATIVAS:

Francês -	3	3	-	-
Desenho -	-	-	2	3 aulas

PRÁTICAS EDUCATIVAS:

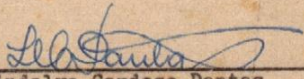
Educ. Física-	2	2	2	2 aulas
Religião -	2	2	2	1 "

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

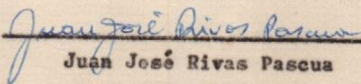
<i>Iniciativa artística</i> Canto -	2	2	2	2
Ação social-	1	1	1	1 aula

Obs.: *Ciências na 3ª série entra como disciplina educativa, pois o programa é especialmente preparado para práticas higiénicas.

Aracaju, 20 de maio de 1967


 Lindalva Cardoso Dantas
 Diretor

ANEXO V - Currículo de 1969 – Ciclo Colegial Hipótese A

<u>CURRÍCULO DE 1969 — CICLO COLEGIAL</u>			
<u>HIPÓTESE A</u>		<u>HIPÓTESE C</u>	
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:</u>			
1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano
Port. - 4	4	5	4 aulas
Hist. - 3	3	3	3 "
Geog. - -	-	4	3 "
Matm. - 4	5	-	- "
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:</u>			
Física - 4	3	-	-
Química - 4	4	-	-
Biologia - 3	3	-	3 aulas
Francês - -	-	3	3 "
Latim - -	-	3	3 "
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS:</u>			
Inglês - 3	-	3	3 aulas
Desenho - -	3	-	- "
Filosof. - -	-	3	3 "
<u>PRÁTICA EDUCATIVA:</u>			
Educ. Física- 2	2	2	2 aulas
Aracaju, 29 de março de 1969.			
<div> Juan José Rivas Pascua Diretor.</div>			

ANEXO VI – Currículo de 1969 – Ciclo Ginásial Hipótese C

CURRÍCULO DE 1969 -- CICLO GINÁSIALHIPÓTESE C

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:

	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Português -	5	5	5	5 aulas
História -	3	3	3	3 "
Geografia -	3	3	3	- "
Matemática -	5	5	4	5 "
Ciências -	3	3	3*	4 "

DISCIPLINAS COMPLEMENTARES:

Inglês -	-	-	3	3 "
O.S.P.B. -	-	-	3	3 "

DISCIPLINAS OPTATIVAS:

Francês -	4	4	-	-
Desenho -	-	-	2	3 aulas

PRÁTICA EDUCATIVA:

Educ. Física	2	2	2	2 aulas
--------------	---	---	---	---------

Obs.: *Ciências na 3ª série entra como disciplina educativa, pois o programa é especialmente preparado para práticas higiênicas.

Aracaju, 29 de março de 1969.

Juan José Rivas Pascua
Juan José Rivas Pascua - Diretor.

ANEXO VII – Currículo de 1970 – Ciclo Ginásial

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIV. FED. SE.

CURRÍCULO DE 1970 - CICLO GINASIALDISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

<u>1ª Série</u>	<u>2ª Série</u>	<u>3ª Série</u>	<u>4ª Série</u>
Português - 5 aulas	5	4	4
História - 2 aulas	2	3	3
Geografia - 3 aulas	3	3	-
Matemática - 5 aulas	5	4	4
Ciências - 3 aulas	3	-	4
Ed. M.Cívica- 2 aulas	2	2	2

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS COMPLEMENTARES

Inglês - -	-	2 aulas	2
O.S.P.B. - -	-	2 aulas	2

DISCIPLINAS OPTATIVAS

Francês - , 3 aulas	3	-	-
Desenho - -	-	2 aulas	2

PRÁTICAS EDUCATIVAS

Higiene e			
Pto. Socorro -	-	2 aulas	-
Ed. Física 2 aulas	2	2	2
P. E. Optativa 1 aula	1	1	1

Aracaju, 16 de março de 1970.

 JOSÉ ARAUJO FILHO
 DIRETOR

Maria Alene Oliveira
 MARIA ALENE OLIVEIRA
 SECRETÁRIA

ANEXO VIII – Currículo de 1971

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURRÍCULO PARA 1.971 (GINASIAL)

<u>1ª SÉRIE</u>		<u>2ª SÉRIE</u>	
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS BÁSICAS</u>			
Português	5 aulas	5 aulas	Português
História	2 aulas	2 aulas	História
Geografia	3 aulas	3 aulas	Geografia
Matemática	5 aulas	4 aulas	Matemática
Ciências	3 aulas	3 aulas	Ciências
		2 aulas	Ed. M. e Cívica
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS</u>			
Francês	3 aulas	3 aulas	Francês
<u>PRÁTICAS EDUCACIONAIS</u>			
Ed. Moral e Cívica	2 aulas		
Educação Física	2 aulas	2 aulas	Educação Física
Prática Educativa Optativa	2 aulas	2 aulas	Prática Educativa Optativa

<u>3ª SÉRIE</u>		<u>4ª SÉRIE</u>	
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS BÁSICAS</u>			
Português	4 aulas	4 aulas	Português
História	3 aulas	3 aulas	História
Geografia	3 aulas		
Matemática	5 aulas	4 aulas	Matemática
Ed. Moral e Cívica	2 aulas	4 aulas	Ciências
<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS COMPLEMENTARES</u>			
Inglês	2 aulas	2 aulas	Inglês
C. S. P. B.		2 aulas	O. S. P. B.
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS</u>			
Desenho	2 aulas	2 aulas	Desenho
<u>PRÁTICAS EDUCACIONAIS</u>			
Higiene e Pronto Socorro	2 aulas	2 aulas	Ed. Moral e Cívica
Educação Física	2 aulas	2 aulas	Educação Física
Prática Educativa Optativa	2 aulas	2 aulas	Prática Educativa Optativa

JCOJ/ 71

ANEXO IX – Grade Curricular – 1º Grau

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

GRADE CURRICULAR - 1º GRAU

CURRÍCULO	COMPONENTES CURRÍCULARES	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE	5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE
		CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA	CHS CHA
NÚCLEO COMUM	LÍNGUA PORTUGUESA	6 192	6 192	6 192	6 192	5 160	5 160	5 160	5 160
	MATEMÁTICA	5 160	5 160	5 160	5 160	4 128	4 128	4 128	4 128
	ESTUDOS SOCIAIS	4 128	4 128	4 128	4 128	- -	- -	- -	- -
	HISTÓRIA	- -	- -	- -	- -	3 96	3 96	3 96	3 96
	GEOGRAFIA	- -	- -	- -	- -	3 96	3 96	3 96	3 96
	INICIAÇÃO ÀS CIÊNCIAS	4 128	4 128	4 128	4 128	- -	- -	- -	- -
	CIÊNCIAS, FÍSICA E BIOLOGIA + PROG. DE SAÚDE	- -	- -	- -	- -	4 128	4 128	4 128	4 128
ART. 7º DA LEI Nº 569/71	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	2 64	2 64	2 64	2 64	1 32	1 32	1 32	1 32
	EDUCAÇÃO FÍSICA	3 96	3 96	3 96	3 96	3 96	3 96	3 96	3 96
	ENSINO RELIGIOSO	1 32	1 32	1 32	1 32	1 32	1 32	1 32	1 32
PARTE DIVERSIFICADA	LÍNGUA ESTRANG. MODERNA	- -	- -	- -	- -	2 64	2 64	2 64	2 64
	DESENHO	- -	- -	- -	- -	- -	2 64	2 64	2 64
TOTAL DE HORAS/AULA		25 800	25 800	25 800	25 800	27 864	27 864	27 864	27 864

LEGENDA: CHS - CARGA HORÁRIA SEMANAL
CHA - CARGA HORÁRIA ANUAL


OBSERVAÇÕES:

Ensino Religioso - Obrigatório em todas as séries e optativo para o aluno, será desenvolvido em forma de aulas regulares, seminários, palestras e/ou grupos de reflexão.

Preparação para o Trabalho - Desenvolver-se-á sob a forma de atitudes integradas aos conteúdos trabalhados em todos os componentes curriculares.

A Escola poderá oferecer outras disciplinas para o enriquecimento do currículo.

ANEXO X - Ofício com convite para o CODAP participar do Torneio Duque de Caxias de Atletismo


MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
CMNE 6.ª RM
28.º BATALHÃO DE CAÇADORES

OF N.º 034- CIRCULAR

ARACAJU-SE. 16 Jun 88

Do Comandante do 28.º Batalhão
de Caçadores

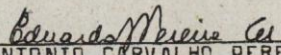
Ao

Assunto : Torneio Duque de Caxias

1. O 28.º Batalhão de Caçadores tem o prazer de convidar esse conceituado Estabelecimento de Ensino a participar do IV TORNEIO DUQUE DE CAXIAS DE ATLETISMO, que será realizado entre os dias 12 e 18 de agosto do corrente ano, nas categorias adulto, juvenil e júnior (masculino e feminino). As inscrições encontram-se abertas até o dia 05 de agosto das 0700 às 1300 e das 1400 às 1800 horas' na SECRETARIA DE ESTADO DE ESPORTE E LAZER.

2. A competição será realizada à semelhança dos anos anteriores, devendo a regulamentação detalhada ser enviada posteriormente.

3. Certo de poder contar com a presença desse Estabelecimento de Ensino, para maior brilho das competições, subscrevo-me atenciosamente.


EDUARDO ANTONIO CARVALHO PEREIRA
Cel Cmt do 28.º BC

ANEXO XI – Ofício com Convite para Participação nos Jogos da Primavera

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DE ESPORTE E LAZER

Ofício Circular nº 001/87
Ref: SEEL/GS

Aracaju, 10 de julho de 1987

Senhor(a) Diretor(a).

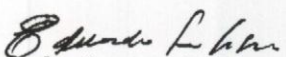
A Secretaria de Estado de Esporte e Lazer conjuntamente com a Secretaria de Estado da Educação, realizarão os XII Jogos da Primavera no período de 19 a 29 de setembro de 1987.

Faz-se ao exposto, a Comissão de Apoio, faz lembrar aos Srs Diretores dos Estabelecimentos de Ensino, que durante o período de 27 de julho à 07 de agosto do ano em curso, nos horários das 8:00 às 13:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas, estaremos recebendo as inscrições das Escolas para os referidos jogos.

Informamos que o ofício deverá ser assinado pelo Diretor do Estabelecimento de Ensino, dirigido ao Comitê Central Organizador e entregue a Comissão de Apoio, instalada no Complexo Desportivo "Lourival Baptista" (Secretaria de Estado de Esporte e Lazer) rua Vila Cristina S/N, constando do mesmo as modalidades em que a Escola irá participar.

Sem mais para o momento.

Atenciosamente,


Eduardo Santos Rocha Teles
Presidente da Comissão de Apoio

Ilma(a) Sr(a).

JOSÉ CLAUDIO BARRETO SOBRAL
DD. Diretor(a) COLÉGIO DE APLICAÇÃO (U.F.S.)
Campus Universitário

ANEXO XII – Ata de Reunião do Conselho de Coordenação de Área de Humanidades da UFS realizada em 18 de abril de 1972

Aracaju, 10 de março de 1972. Maria Helena de Oliveira Barbosa. Secretária.

Aprovado, 13-04-72.

Graciano Lima
Jezuzinha Leite Prado

Manoel Lacerda
José Maurício

Caule de Oliveira Barros
Graciano Lima

Ata da Reunião do Conselho de Coordenação da Área de Humanidades da UFS, realizada no dia 13 de abril de 1972.

Nos 13 (treze) dias do mês de abril de 1972 (mil novecentos e setenta e dois), esteve reunido em sua sede localizada na rua de Campos, 177, às 16:00 horas, o Conselho de Coordenação da Área de Humanidades da Universidade Federal de Sergipe, sob a presidência do Coordenador da Área, Prof. Virílio Valois Bonina e com a presença dos Professores José de Noronha Moura, Cláudio Ferreira Leite, Caule de Oliveira Barros, Maria Luiza de Souza e Jezuzinha Leite Prado, respectivamente Diretores das Faculdades de Ciências Econômicas e Administrativas, Direito, Educação, Serviço Social e Instituto de Letras e Comunicação. Estive ausente a Profa. Maria de Glória Costa Konturo, Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Iniciada a reunião foram colocadas em discussão as duas atas das duas últimas sessões sendo, em seguida, aprovadas. Continuando, foram feitas as seguintes comunicações: O Sr. Coordenador parabenizando, em nome da Coordenação, a Profa. Maria Luiza

sendo mais uma data natalícia do distinto professora
como também à Profa. Suzinha Leite Prado por ter an-
versariando no dia 26 de março próximo passado; e
anunciando o regresso da Profa. Suzinha Leite Prado que
durante vários meses se encontrava nos EE.UU. como re-
presentante da Universidade Federal de Sergipe, já tendo
reassumido as suas funções de Diretora do ILAC; re-
sumia, também, as suas funções a Profa. Maria da Gló-
ria Costa Monteiro, Diretora do IFCH, que se encontra-
va em gozo de férias; ainda o Coordenador da área
solicitou a aprovação no sentido de que fosse enviado
ofício aos Vice-Diretores que durante aqueles meses es-
tiveram em substituição aos seus Diretores Titulares, pelo
exceleste desempenho de suas funções; A Profa. Gilda
de Oliveira Barros comunicou que já haviam sido re-
alizados os concursos de Auxiliar de Ensino para a
Faculdade de Educação; usando a palavra a Profa. Suzi-
nha Leite Prado, a mesma se pronunciou dizendo
que sentia grande satisfação em estar de volta ao co-
rrio dos seus colegas da Coordenação, como também
tudo fez para representar bem a Universidade Fede-
ral de Sergipe em todos os lugares onde esteve, proce-
dendo sempre identificar a sua localização geográfi-
ca aqui no Brasil e descrevendo todo o seu sistema
e a sua estruturação. Acrescentou ainda, que apesar de
tudo de bom existir nos EE.UU., nada, para ela, era
igual à Universidade de Sergipe. Não havendo mais com-
meços, foi apresentado o 1º item da pauta de assuntos,
ressaltando o Senhor Coordenador que a finalidade de
aquele item não era de discutir, mas, apenas, de la-
brar que já é bom ir dando início ao preparo de
matérias de disciplinas para o 2º semestre, pois as Nor-

aulas, estando já a Coordenação com os dois planos de ofertas de disciplinas para o próximo período de 1º ciclo. Quanto à oferta para o 1º ciclo, o trabalho está se tornando rotineiro, todavia o 2º ciclo necessita de maiores cuidados. Caso algum Diretor tenha alguma sugestão, queira apresentar a fim de começarmos as ofertas para o 2º Período. Na oportunidade surgiu um debate sobre a questão do nº de aulas dadas pelos professores, citando o Sr. Coordenador alguns esclarecimentos a esse respeito abordados quando de sua viagem a Faria. Também a Profa. Suzinha Klitz Grado levou considerações sobre o número de aulas dadas pelos professores da Universidade de Houston de aproximadamente 14000 alunos. No item seguinte da pauta, o Sr. Coordenador apresentou as Normas de Implantação do II Ciclo, lendo e tirando algumas dúvidas havidas em seus arts. 20 e 27. Acrescentou que, no que se refere a Integrador de Curso, não há nenhuma novidade, nós da UFS é que estamos na falta de um Integrador. Com o que ocorrer, foram abordados assuntos sobre o pedido de material para os Departamentos, ressaltando o Coordenador da área que este problema está a cargo do Diretor de Universidade, e nesse sentido tem respondido a quem quer que a ele se dirija para pedir ou cobrar material. Sobre Educação Física do Colégio de Aplicação - vem provocando muito trabalho no horário da manhã, tendo causado, inclusive, comentários entre alguns professores. A Profa. Cilda de Oliveira Barros ressaltou que já falou com o Diretor do Colégio e este já entrou em entendimentos com o Diretor do CEFED para a resolução deste problema. Sobre EPBT as aulas não foram ainda iniciadas em nenhuma Universidade, estando este assunto a cargo do Vice-Retor. Sobre contratação de professores, o processo já se acha na

52

ASPLAN dependendo agora da concessão de verba para as devidas contratações. Finalmente, sobre reclassificação das disciplinas em seus devidos lugares, tendo a Coordenação iniciado um ligeiro levantamento dessas reclassificações. Ainda mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos, lavrando-se a presente Ata que, depois de lida e aprovada, será assinada por todos aqui presentes. Aracaju, 13 de abril de 1972. Maria Helena de Oliveira Barbosa - Secretária.

Aprovado, 03-05-72

Oridino J. J. J.

Teresinha Leite Prado

Mano Luiz de Souza

José, Abel.

Caetano de Oliveira

Oridino J. J. J.

ANEXO XIII – Fotografia dos Jogos da Primavera em 1983



ANEXO XIV – Fotografia de Desfile Cívico



ANEXO XV – Fotografia de Desfile Cívico



ANEXO XVI – Recorte de Jornal com Alunos do CODAP no Festival de Artes de São Cristóvão



ANEXO XVII – Fotografia de Alunas no Festival de Artes de São Cristóvão



ANEXO XVIII - Fotografia de Alunas no Festival de Artes de São Cristóvão



ANEXO XIX - Fotografia de Alunas no Festival de Artes de São Cristóvão



ANEXO XX – Ata de Reunião Geral dos Professores do Colégio de Aplicação em 14/09/79

83

Reunião Geral dos Professores do
Colégio de Aplicação

Data: 14/09/79 às 16 horas

Lugar:

Presenças:



Masquero
 Stobise
 Eledir
 Macapenas
 Santa
 Miguel, Anderson
 Almeida
 THERDINHA BEÉM
 Bluepuder
 Zizany Prado de Oliveira
 Semer
 Lito
 Almirante
 Stobise
 Stobise
 for Lito de Oliveira
 Stobise

O Prof. Pedin falou sobre a aprovação do Regimento do Colégio, aprovado pelo Conselho e que está em andamento para ser levado ao Reitor. Problemas de disciplina: o Diretor pede aos professores coo-

minhá-los para a sala de leitura, a fim de evitar gritarias pelos corredores. Comemorações laivricas do 7 de Setembro: ainda falou o Prof. Pedin sobre as dificuldades e problemas que o Colégio enfrenta nos ensaios para o desfile da Semana da Pátria. Jogos da Primavera: o Colégio se negou a participar do Desfile pelo motivo dos ensaios prejudicarem o ritmo das aulas, desfilando somente as equipes inscritas para os jogos. O Diretor resolveu não suspender as aulas durante a semana dos jogos. Reuniões de Pais: o Prof. Manoel Messias Fazeu-ello comunicou que as próximas reuniões de Pais e mestres são: dia 20 para o 1º grau e 27 para o 2º grau, pedindo o comparecimento dos professores. Estágios no Colégio: o Prof. Miguel Burger comunicou que dois grupos de estágios vão trabalhar em estudos de programas e planos de recuperação, trabalhando especialmente em Matemática e Português, Geografia e E.M.C. São na oportunidade encaminhados ofícios comunicando o assunto. A área de Comunicação e Expressão da U.F.S. vai realizar um Seminário com professores da U.F.S. e de outros estados. Quem quiser se inscrever para o curso receberá certificado, podendo também participar como assistente. Curso de Psicologia: haverá um para os professores do C.A. em Fevereiro de 1980. Alguns problemas: o Prof. Baltazar Quaranta falou sobre dois alunos problemas, sugerindo em Dezembro um curso para recuperação de outros alunos que não estão acompanhando o programa e estão se

ANEXO XXI – Reportagem sobre a Participação da Ginástica do CODAP no Festival de Ginástica Moderna

ARTE E BELEZA: O BALLET, A GINÁSTICA

A graça leve do **BALLET**
e da **GINÁSTICA**
encantou a todos

A graça e a beleza dos movimentos corporais ritmados destacam-se nas fotos acima, que fixam momentos dos espetáculos de ginástica moderna e ballet, realizados nos dias 1º e 02, respectivamente.


A exibição de ballet, foi feita pela Escola "Márcia Haydée" da Professora Moema Maynard.

O Festival de Ginástica Moderna, reuniu grupos de estudantes (sexo feminino) dos cursos Universitários e do Colégio de Aplicação da UFS, do Colégio Estadual Atheneu Sergipense e da Escola Técnica Federal, além do Instituto de Educação Rui Barbosa, sob a coordenação do prof. Félix D'Ávila e da sua equipe do Centro de Civismo, Educação Física e Desportos da UFS.

A apresentação deu-se na noite do dia 1º no Ginásio de Esportes Lourival Batista, que ficou lotado pelo público.

A foto acima apresenta um aspecto da exibição artística.

A foto ao lado apresenta uma parte da assistência vendo-se na primeira fila o vice-governador do Estado, dr. Adalberto Moura, tendo ao lado pessoas de sua família e outras senhoras da sociedade sergipana.



ANEXO XXII – Participação de Alunos no VII Festival de Artes de São Cristóvão em 1978



ANEXO XXIII – Festival de Xadrez



ANEXO XXIV – Fotografia da Abertura da JECA



ANEXO XXV – Ofício sobre Realização da JECCA em 1991



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 11 de novembro de 1991

Ofício s/n - CODAF/91

Senhor Diretor

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe realizará no período de 25 a 29 de novembro de 1991, a I JORNADA ESPORTIVA E CULTURAL — JECCA.

Na ocasião serão desenvolvidas diversas atividades extra-classe, no campo esportivo, cultural e científico, visando não só a integração social de nosso alunado, como também oportunizar atividades complementares de intercâmbio para o desenvolvimento do seu espírito crítico e construtivo.

Entendendo que a sua presença e colaboração será de relevante importância na consecução dos nossos objetivos e para tanto solicitamos o apoio deste órgão o que poderá ser feito através de prêmios que deverão ser concedidos aos três primeiros colocados nos três campos de atividades: o cultural, e científico do referido evento.

Caso haja necessidade de algum contato para esclarecimento ou dúvidas, nos se telefone é (079) 241 - 28 48 Ramal 342.

Aguardando o seu pronunciamento, antecipamos nossos agradecimentos.

Atenciosamente

MARIZ MARIA SANTOS PINTO

(Presidente da Comissão)

PROJETO GIRANDA DAS CIÊNCIAS

CAIXA POSTAL 1009

CEP 20.000 Rio de Janeiro - RJ

CIDADE UNIVERSITÁRIA "PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS"

CAIXA POSTAL 353

PABX - 241-2848

CEP 49.100 SÃO CRISTÓVÃO / SERGIPE

MOD. 005 / SECOM

ANEXO XXVI - Ofício sobre Realização da JECCA em 1992



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Cidade Universitária, Prof. José Aloísio de Campos, 28 de agosto de 1992

Ofício S/N CODAP/92

Magnífico Reitor

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe comunica a Vossa Magnificência, que será realizada no período de 19 a 24 de outubro de 1992, a II JORNADA ESPORTIVA E CULTURAL, na qual serão desenvolvidas diversas atividades extra-classe, no campo esportivo, cultural e científico, visando não só a integração social do nosso alunado, como também oportunizar atividades complementares de intercâmbio para o desenvolvimento do seu espírito crítico e construtivo.

Entendendo que a colaboração de Vossa Magnificência será de relevante importância na consecução dos nossos objetivos, solicitamos o seu apoio ao nosso empreendimento, através de prêmios, e publicação do evento que seriam formas de contribuição que promoveriam estímulos à comunidade participante.

Cientes de contarmos com seu apoio, antecipamos votos de estima e consideração.

Atenciosamente

Maria Josefa de Menezes Almeida
Maria Josefa de Menezes Almeida

Coordenadora

Ao
Magnífico Reitor
Prof. Clodoaldo de Alencar Filho
NESTA

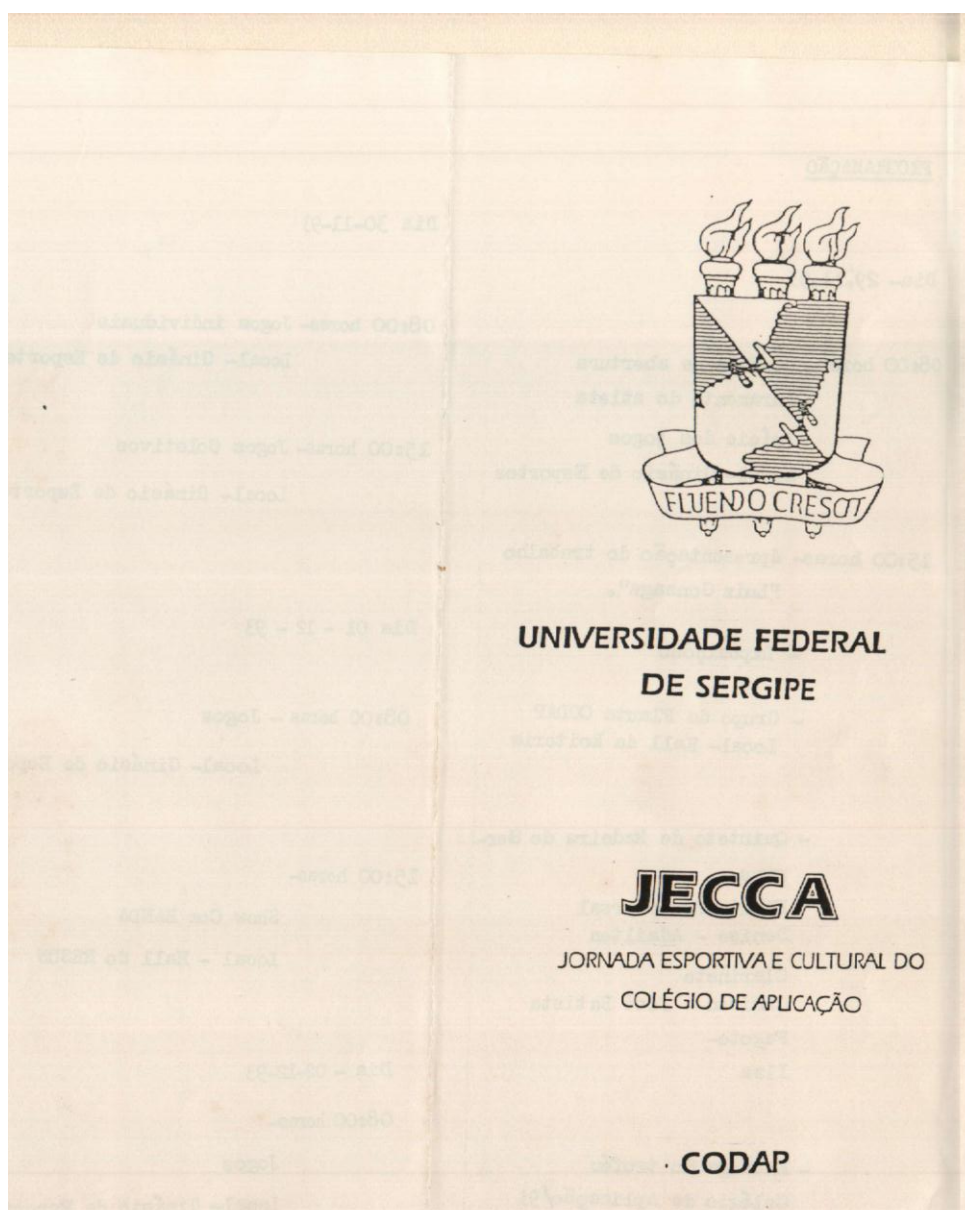
CIDADE UNIVERSITÁRIA "PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS"
CAIXA POSTAL 333 PABX - 241 - 2848
CEP 49.100 SÃO CRISTÓVÃO / SERGIPE
MOD. 005 / SECOM

26-08-92

ANEXO XXVII – Cartaz da I JECCA



ANEXO XXVIII – Folder da JECCA 1993



PROGRAMAÇÃO

Dia- 29.11.93

08:00 horas- Desfile de abertura

Juramento do atleta

Início dos jogos

Local- Ginásio de Esportes

15:00 horas- Apresentação do trabalho

"Luiz Gonzaga".

- Exposições

- Grupo de Flauta CODAP

Local- Hall da Reitoria

- Quinteto de Madeira de Ser-
gipe.

Flauta Transversal

Denise - Adailton

Clarinete

Jamison - José Batista

Fagote-

Ilza

- Entrega do troféu

Colégio de Aplicação/93

Dia 30-11-93

08:00 horas- Jogos individuais

Local- Ginásio de Esportes da UFS

15:00 horas- Jogos Coletivos

Local- Ginásio de Esportes da UFS

Dia 01 - 12 - 93

08:00 horas - Jogos

Local- Ginásio de Esportes da UFS.

15:00 horas-

Show Com BANDA

Local - Hall do RESUM

Dia - 02-12-93

08:00 horas-

Jogos

Local- Ginásio de Esportes da UFS.

15:00 horas-

Gincana

Local-Concha acústica da UFS.

Dia- 03 - 12 - 93

08:00 horas-

Jogos

Local - Ginásio de esportes da UFS.

15:00 Horas

Palestra- movimento estudantil

2ª etapa da Gincana

Local - Auditório do CCET

Dia - 04-12 - 93

08:00 horas-

Encerramento do JECCA

Entrega de medalhas

ANEXO XXIX – Estudo do Relatório do Futuro Ginásio em 1959

205

DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO (M.E.C.)
SEÇÃO DE PRÉDIOS E APARELHAMENTO ESCOLAR

ESTUDO DO RELATÓRIO DO FUTURO GINÁSIO

- N.º do Proc. na I. S. 259/59 N.º do Proc. no S. C. do MEC
N.º do Estabelecimento na União N.º do Estabelecimento no Estado 11
- NOME DO ESTABELECIMENTO** Ginásio de Aplicação da Faculdade de
Letras de Filosofia de Sergipe
- Estado Sergipe Município Itacajá
Localidade Itacajá Rua Bomfim N.º 177
Cx. Postal _____ Telef. 32-28 End. Teleg. _____
- ENTIDADE MANTENEDORA:** Nome Sociedade de Cultura de Sergipe
Sede Itacajá Data fundação 14/8/50 Fls. 2
Reg. dos Estatutos em 17/10/50 Cartório 10º Ofício Fls. 24
Natureza Sociedade Civil Fls. 24
Representante Domènicon Luciano José Cabral Duarte Fls. 1
Outros ginásios (ou colégios) que mantém: _____
- HISTÓRICO:** Fundador do Estabelecimento: Domènicon Luciano José Cabral Duarte Fls. -
Nome inicial Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Sergipe Fls. 1
Data da fundação do estabelecimento 30/6/59 Fls. 19
Curso inicial _____ Fls. -
Nome do fundador do futuro ginásio: Domènicon Luciano José Cabral Duarte Fls. 19
Data da fundação do futuro ginásio: 30/6/59 Fls. 19
Cursos que manterá (além do ginásio) após ser autorizado: _____
Outros dados: _____
- CONDIÇÕES:** Grátis? Não Pago? Sim Fls. 35
- DIRETOR:** Professora Rosália Bispo dos Santos
Bicenciado N.º do Registro em andamento Fls. 5
- DIRETOR SUBSTITUTO:** _____
- SECRETÁRIO:** Professora Elze da Graça Barreto N.º do Registro _____ Fls. -
N.º do Registro 2930 Fls. 18
- CORPO DOCENTE:** Quantos registrados? Sete Fls. 7
Quantos autorizados? Dois Fls. 7
Quantos sem registro ou autorização? _____ Fls. -
Observações: Os professores autorizados são licenciados Fls. -

- DIVISÃO VI -

Instalações para Educação Física

1) - Área Livre

Área livre de 695,50m², perfeitamente plana contínua e regular revestida de grama.

2) - Instalações

As instalações para Educação Física, ficam nas laterais do campo de volley-ball, sendo as descritas abaixo:

- a) Caixa para salto em distância e altura e pista;
- b) Aparelhos para salto em altura (vide fotografia)
- c) Alvo para arremesso de bolas (vide fotografia).

3) - Material

- 3 pesos esféricos, sendo 1 de 5 quilos e dois de 3.
- 6 bolas de estopa revestidas de couro, com 200 gramas de peso, do tamanho de bola de tênis.
- 2 fardos cilíndricos, sendo 1 de 30 e outro de 15kg.
- 3 medicine-balls, sendo 2 de 3 quilos e um de 2 kg.
- 10 cordas de 2 metros para saltar.
- 1 corda com 15 metros para tração.
- 1 cronômetro.
- 1 trena de 10 metros.
- bolas de volley-ball, basket-ball, e foot-ball.

4) - Material Desportivo

Possui o estabelecimento um campo de volley-ball.

5) - Gabinete Médico-Biométrico

Não há

6) - Vestiário

Não existe no estabelecimento vestiário apropriado, mudando a roupa os alunos em local reservado, separado por cortinas e as roupas guardadas por funcionários do estabelecimento.

7) - Chuveiros

Não existe.

Belina Oliveira Lima
Inspetor Federal

ANEXO XXX – Convênio entre UFS e SESC em 1974

C O N V E N I O

TERMO DE CONVÊNIO FIRMADO ENTRE
A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGI
PE E O DEPARTAMENTO REGIONAL DO
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO-SESC
VISANDO A UTILIZAÇÃO DO GINÁSIO
"CHARLES MORITZ" PARA A PRÁTICA
DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.-----
=====

No dia 01 (primeiro) do mês de outubro
de 1974, presentes no Gabinete do Reitor, sua Magnificência, o
Reitor Luiz Bispo, da Universidade Federal de Sergipe-UFS, e o
Sr. José Ramos de Moraes, Presidente do Conselho Regional do Ser-
viço Social do Comércio-SESC, em Sergipe, deliberaram assinar o
presente Convênio, que regulará as obrigações decorrentes da uti-
lização do Ginásio "Charles Moritz", nesta Capital, para a prát-
ica de Educação Física, de conformidade com as cláusulas seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA - O SESC se obriga a
colocar a disposição do Centro de Civismo, Educação Física e Des-
portos da Universidade Federal de Sergipe, o Ginásio "Charles Mo-
ritz", nesta Capital, no seguinte horário:

- a) - Parte da manhã - de 2a. a 6a. feira das 06
às 11 horas
- b) - Tarde e noite - 2a., 3a. e 5a. feira das
14 às 20 horas
4a. e 6a. feira das 14 às
22 horas.

CLÁUSULA SEGUNDA - O SESC se obriga a

CLÁUSULA TERCEIRA - A UPS se obriga a contra-prestação de Cr\$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) dividido em 04 (quatro) prestações mensais de Cr\$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos cruzeiros) pela utilização do Ginásio "Charles Moritz", de 01 de outubro de 1974 a 31 de janeiro de 1975.

CLÁUSULA QUARTA - As despesas com a execução do presente contrato correrá por conta da rubrica 31.32 - Outros serviços de terceiros cujo empenho recebeu o número

CLÁUSULA QUINTA - A UPS será isenta de qualquer outro pagamento além do previsto na cláusula anterior quer se refira à conservação ou reparos, salvo no caso de danos de comprovada responsabilidade dela.

CLÁUSULA SEXTA - O pagamento de que trata a cláusula terceira será efetuada a favor do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio-SESC, em Sergipe, na Tesouraria da Reitoria até o dia 10 do mês imediato ao vencido.

CLÁUSULA SÉTIMA - As despesas decorrentes deste Convênio terá a duração de 4 meses, com início a partir de 1º de outubro de 1974.

CLÁUSULA OITAVA - A parte que der motivo a rescisão deste Convênio antes do prazo, fica sujeita a multa de 5 (cinco) salários mínimos locais.

CLÁUSULA NONA - Os covenientes elegem o foro de Aracaju, para ação judicial motivada por este Convênio.

E, por estarem de pleno acordo com as cláusulas e condições definidas, as partes assinam em 04 (quatro) vias o presente Convênio na presença de duas testemunhas.

Aracaju, 1º de outubro de 1974

(a) Prof. Luiz Bispo
Reitor

(a) Sr. José Ramos de Moraes
Presidente do Conselho Regional

TESTEMUNHAS:

1a. Aida Bispo Sucupira

2a. Felix D'Ávila

/imst.

APÊNDICE A - Roteiro Para Entrevista

1. Como foi o processo para que você fosse professor do Colégio de Aplicação da UFS?
2. De que forma a Educação Física estava no currículo do Colégio de Aplicação da UFS no período em que você ministrou aulas.
3. Havia uma organização no sentido de todos os professores darem um mesmo direcionamento à Educação Física?
4. Como você organizava o currículo da Educação Física?
5. De que forma organizava os conteúdos, a metodologia, os objetivos e a avaliação.
6. Quantas aulas os alunos tinham? Em que locais estas aulas aconteciam?
7. O colégio participava de competições escolares, desfiles cívicos e jogos internos? Como se dava a preparação para estes?
8. Havia estagiários no período em que você ministrou aulas? Como era a inserção deles nas aulas?